

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

ESCOLA DE ENFERMAGEM

MESTRADO EM ENFERMAGEM

ESTANDO COM MENINOS DE RUA:

CONHECENDO E APREENDENDO AS DIFERENÇAS

ANITA MARQUES COSTA

PORTO ALEGRE

OUTUBRO DE 2000

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

ESCOLA DE ENFERMAGEM

MESTRADO EM ENFERMAGEM

ESTANDO COM MENINOS DE RUA:

CONHECENDO E APREENDENDO AS DIFERENÇAS

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito à obtenção do título de MESTRE em ENFERMAGEM.

ANITA MARQUES COSTA

ORIENTADORA: PROF^a. DR^a. DULCE MARIA NUNES

PORTO ALEGRE

OUTUBRO DE 2000

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA
PUBLICAÇÃO (CIP)

C837e Costa, Anita Marques
Estando com meninos de rua: conhecendo e aprendendo as
diferenças/Anita Marques Costa; Orientação Dulce Maria Nunes.
- Porto Alegre, 2000.
203p.

Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Universidade
Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Enfermagem. Curso de
Mestrado em Enfermagem.

1. Meninos da rua. - 2. Cuidados. - 3. Enfermeiro de rua. I.
Título.

CDD 610.7365

Bibliotecária responsável Lucia V. Machado Nunes CRB 10/193

**ESTANDO COM MENINOS DE RUA:
CONHECENDO E APREENDENDO AS DIFERENÇAS**

Dissertação defendida e aprovada em ____ de _____ de 2000, pela
banca examinadora constituída pelos professores:

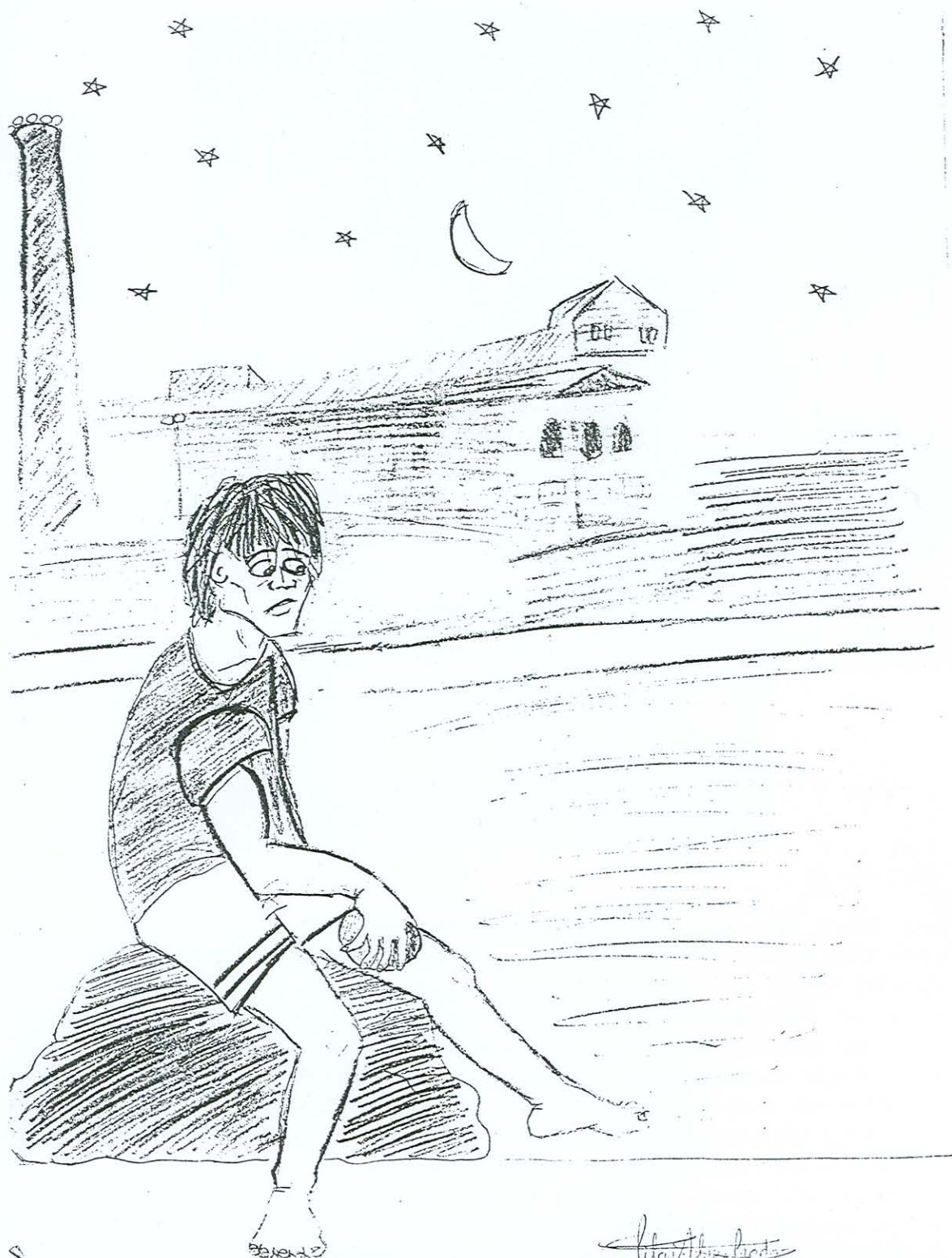
Prof^ª. Dr^ª. Dulce Maria Nunes - Orientadora

Prof^ª. Dr^ª. Vitória Helena Cunha Esposito

Prof^ª. Dr^ª. Carmem Maria Craidy

Prof^ª. Dr^ª. Olga Rosária Eidt

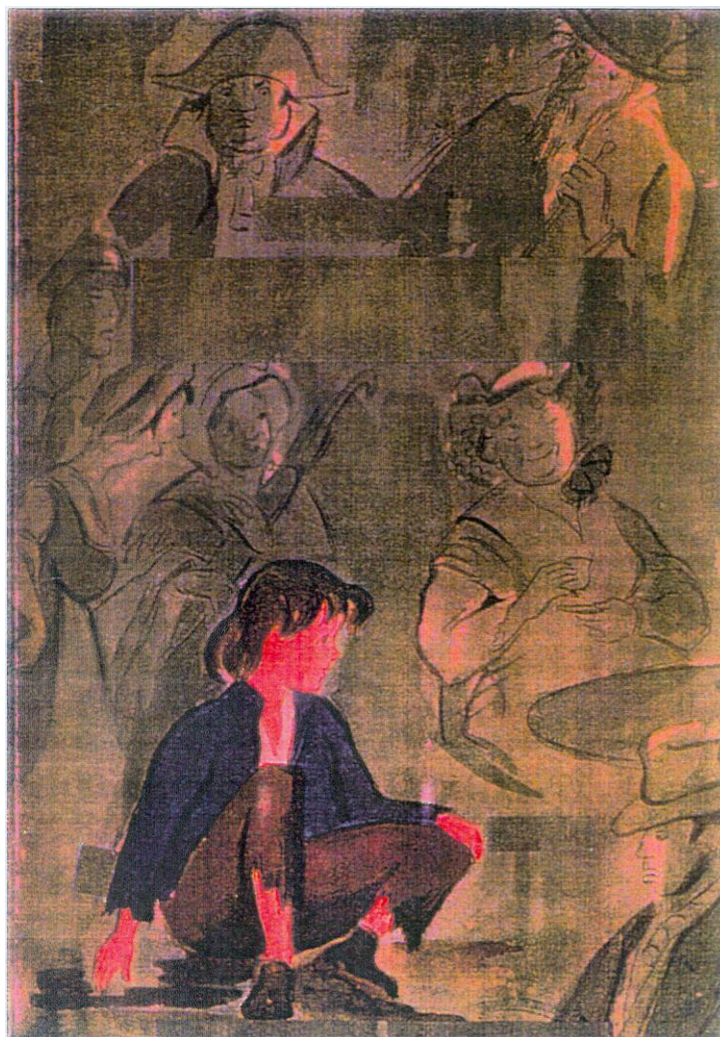
Prof^ª. Dr^ª. Ana Lúcia de Lorenzi Bonilha (Suplente)



Adriano Bordin
**Aos meninos de rua, exemplo de força e perseverança,
minha admiração.**

*Agradecemos por trazer inspiração e exemplos de vida
para todos nós. Obrigado por tudo.*

À Gabriela que tentou compreender as ausências da mãe que tanto a ama, dedico meu trabalho.



"Era comovente ouvir, no quarto escurecido, a voz fraca desta criança enferma a narrar a vasta série de maldades e calamidades que homens enfurecidos lhe tinham infligido. Oh! Se, quando oprimimos e atormentamos os nossos semelhantes, pensássemos nos tristes exemplos dos erros humanos que, como densas e pesadas nuvens seguem, lenta mas seguramente, em direção ao céu, para descarregarem sobre as nossas cabeças um castigo as vezes tardio, mas sempre certo; se escutássemos apenas por um instante, na nossa imaginação, a testemunha solene das vozes dos mortos, que nenhuma força pode abafar e nenhum orgulho silenciar, a vida de cada dia seria menos carregada de mistérios e injustiças, de sofrimentos e crueldades!"

AGRADECIMENTOS

À Dulce Maria Nunes, competência, persistência e doçura, num só ser-no mundo.

À minha grande família que, ao cuidar-me e mimar-me, auxiliou-me na minha formação.

Ao meu irmão Ivan, pela enorme paciência em digitar e re-digitar minhas palavras.

À minha maninha Nara e meu "brother-in-law" Felipe, pelas traduções.

Aos Meninos de Rua de Sapucaia do Sul e aos profissionais envolvidos em cuidá-los, Cora, Adel e Neide que me mostraram como pode ser belo construir.

À direção, professores e funcionários da EP A que solidários me fazem refletir, se foi o trabalho com Meninos de Rua que os tomaram tão humanos, ou se, por serem essencialmente humanos, dedicam seu dia-a-dia a essas crianças.

À Dona Diva que me encheu de emoção ao fazer-me perceber como a amizade e o estar-com-o-outro podem romper distâncias.

À Vera Lúcia Fauri, amiga de confissões e companheira nos caminhos da Enfermagem.

À Pilar Alves Prado, "filho de peixe, peixinho é", pelo desenho.

Aos professores Luís Osvaldo Leite e José Vicente Tavares dos Santos pela ajuda em momentos em que só as palavras de mestres poderiam sinalizar os caminhos.

À UNISINOS, nas pessoas de Cornélia Hulda Volkart, Fábio Alexandre Moraes e Vera Benvenuti que de diferentes formas contribuíram para a realização deste estudo.

Às colegas do mestrado e da PUC que dividiram momentos de indecisões, demonstrando a força da amizade, em especial a Marion Creutzberg, parceira e amiga constante.

À Banca de qualificação do projeto: Carmem Maria Craidy, Olga Rosária Eidt, Beatriz Lara e Maria Alice que, com suas observações e recomendações, auxiliaram-me no alicerce da pesquisa.

Aos colegas da Unidade Sanitária Panorama e da Gerência Distrital que apoiaram o desenvolvimento do Mestrado, em especial ao Armando pelas fotos.

À Rejane Bertagna do Nascimento, revisora da Língua Portuguesa, modelo na infância e adolescência e exemplo a seguir na idade adulta.

À Leonora Bernd Geiss pela revisão bibliográfica.

A todos meus amigos, aqui anônimos, que correram ao meu encontro, emprestando-me livros, revistas, recortes, músicas, enfim, dividindo comigo as angústias e as glórias desta pesquisa.

À Revisione Assessoria pela formatação do trabalho.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS

RESUMO

ABSTRACT

1	INTRODUÇÃO	16
2	HISTÓRIA DE VIDA DA PESQUISADORA	19
3	O ENCONTRO: A PESQUISADORA E OS MENINOS DE RUA	28
4	JUSTIFICATIVA DO ESTUDO	35
5	A INSTITUIÇÃO - ESCOLA	38
6	O TEMA DO ESTUDO	57
7	MARTIN HEIDEGGER: A ÂNCORA TEÓRICO-FILOSÓFICA	64
8	TRAJETÓRIA METODOLÓGICA.....	71
8.1	SOBRE A FENOMENOLOGIA.....	72
8.2	PASSOS DA TRAJETÓRIA METODOLÓGICA.....	72
8.3	OBJETO DO ESTUDO	75
8.4	A COLETA DOS MATERIAIS	75
	8.4.1 Campo de pesquisa	75
	8.4.2 O sujeito.....	76
	8.4.3 Questões éticas	78
	8.4.4 Questões do estudo.....	78
8.5	PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE.....	84
	8.5.1 Análise fenomenológica	84
	8.5.2 A hermenêutica	85

8.6 DISCURSOS TRADUZIDOS NA LINGUAGEM CIENTÍFICA DO PESQUISADOR.....	87
9 ANÁLISE FENOMENOLÓGICA.....	113
9.1 CONVERGÊNCIAS	113
9.1.1 Relações familiares DI, D2, D3, D4, D5, D6, D7, D9, D10, D11.....	113
9.1.2 Amigos D8, D 11, D 12.....	116
9.1.3 Independência D5, D7, D9, D10, D11.....	116
9.1.4 Transitoriedade dos mundos DI, D2, D3, D6, D7, D8, D9, D10, D11.....	116
9.1.5 Necessidades DI, D2, D3, D4, D5, D6, D7, D8, D9, D10, D11	119
9.1.6 Transgressões D2, D3, D4, D6, D7, D8, D9, D10, D11, D12.....	124
9.1.7 Violência DI, D2, D3, D5, D6, D7, D8, D10, D11	127
9.1.8 Violência da Polícia DI, D4, D7, DI O.....	131
9.1.9 Discrição D1, D5	134
9.1.10 Instituições abertas D6, D7, D8, D9	134
9.1.11 Escola Aberta DI, D4, D5, D6, D7, D8, D10, D12.....	135
9.1.12 Instituições fechadas DI, D2, D3, D11	137
9.1.13 Ocupações DI, D5, D7, D8, D10, D11	138
9.1.14 Nova família DI, D6, D7, D8, D10, D12.....	140
9.1.15 A outra face da polícia D5, D7, DI O.....	142
9.1.16 Os projetos D2, D8.....	142
9.1.17 Solidariedade DI, D2, D5, D7, D9, DI0	143
9.1.18 Outro modo de vida D5, D10	144
9.2 IDIOSSINCRASIAS.....	145
9.2.1 Dinheiro D1	145
9.2.2 Liberdade DI O.....	145
9.2.3 Desgraça D2.....	146
9.2.4 Auto-suficiência D10.....	146
9.2.5 Prostituição D12.....	146
9.2.6 Documentos de identidade D9	147
9.2.7 A rua após a instituição fechada D1.....	147
9.2.8 Atitudes de violência na escola D6	147

9.2.9	Violência sexual D11.....	148
9.2.10	Direitos humanos D11.....	148
9.2.11	Datas de confraternização D2.....	148
9.2.12	Reconhecimento D2.....	148
9.2.13	Passado D8.....	149
9.2.14	Com unidade D1.....	149
10	ANÁLISE HERMENÊUTICA.....	153
10.1	ENVOLVENDO-SE COM O MUNDO DA RUA.....	153
10.1.1	Família.....	154
10.1.2	Relacionamentos.....	156
10.1.3	Características aventureiras.....	157
10.1.4	O resgate da história.....	157
10.2	MUNDO DA RUA.....	158
10.2.1	Necessidades.....	159
10.2.2	Transgressões.....	160
10.2.3	Violência.....	162
10.2.4	Violência policial.....	165
10.2.5	A outra face da polícia.....	169
10.2.6	Alerta constante.....	169
10.2.7	Ocupações.....	170
10.2.8	Oportunidades.....	172
10.2.9	Solidariedade.....	172
10.2.10	Diversão.....	173
10.2.11	O grupo: uma nova família.....	174
10.3	MUNDO DA ESCOLA.....	175
10.3.1	Cursos.....	176
10.4	COTIDIANO.....	177
10.4.1	Cotidiano da rua.....	178
10.4.2	Cotidiano da escola.....	181
10.5	MUNDO DAS INSTITUIÇÕES FECHADAS.....	182
10.6	MUNDO DA JUSTIÇA.....	183
10.7	MUNDO DA CASA.....	185

10.8. TRANSIÇÃO ENTRE OS MUNDOS.....	186
11 O FENÔMENO CLARIFICADO.....	190
BIBLIOGRAFIA CITADA	195
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.	201
ANEXOS.....	203

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Representação das essências convergentes dos discursos..... 150

Figura 2 - Representação das idiosincrasias..... 151

RESUMO

O estudo em pauta trata do desvelamento do mundo vivido pelos meninos de rua e o que os distingue das demais crianças. A abordagem metodológica é qualitativa-fenomenológica, orientada pelos passos de Merleau-Ponty e hermenêutica, de Paul Ricoeur. A âncora teórico-filosófica é a filosofia existencial de Martin Heidegger. Os sujeitos são meninos de rua, alunos da Escola Aberta Porto

Alegre. As questões que norteiam o estudo são: Tu achas que és menino de rua? Conta para mim como é viver na rua. O que tu fazes na rua? Por que tu estás na rua?

A análise fenomenológica possibilitou compreender três grandes essências: Mundo da Rua, Mundo da Escola e Mundo da Casa, que desdobradas em sub-essências, na convergência, enfatizam: Transitoriedade dos Mundos, Necessidades, Transgressões e Violência. As idiosincrasias evidenciaram quatorze essências.

A análise hermenêutica possibilitou purificar essa compreensão, apontando pontos críticos vividos pelas crianças. A pesquisadora, defrontando-se com o fenômeno desvelado, reflete sobre as questões geradoras do processo «ir para rua»; sobre o compromisso e dever da sociedade com essas questões e o resgate das virtudes humanas. Convida instituições formadoras e instituições que preservam o bem comum a considerarem o assunto com profundidade, falando de seu propósito na continuidade dos estudos e intervenções nesta área.

ABSTRACT

This study deals with unveiling, while being with, street kids, learning and apprehend differences. Its methodological approach is qualitative-phenomenological, headed by Maurice Merleau-Ponty's steps and Paul Ricoeur's hermeneutics. Its theoretical-philosophical anchor is Martin Heidegger's existentialist philosophy. Its subjects are street kids, students of Escola Aberta Porto Alegre. Its leading question are: Do you think you are a street kid? Tell me what living on the streets is like. What do you commonly do on the streets? Why are you on the streets?

Phenomenological analysis permitted the understanding of three great essences World of the School, and World of the House - which, unfolded into sub-essences and converged, emphasized the transitoriness of the Worlds, Needs, Transgressions, and Violence. Idiosyncrasies made 14 essences appear. Hermeneutic analysis made it possible to purify former comprehension, pointing out some critical problems children have to deal with. Facing the phenomenon unveiled, the researcher reflects on issues gave rise to the "going to the streets" process, society's commitment and duty regarding those issues, and the recovery of human virtues. She invites educational and welfare institutions to deeply take all of it into consideration, and stresses her intention to keep on going with her studies and interventions in this field.

1 INTRODUÇÃO

Este estudo trata de uma investigação sobre meninos de rua. A pesquisadora procurou conhecer e apreender diferenças entre esses meninos e aqueles que possuem vínculos familiares.

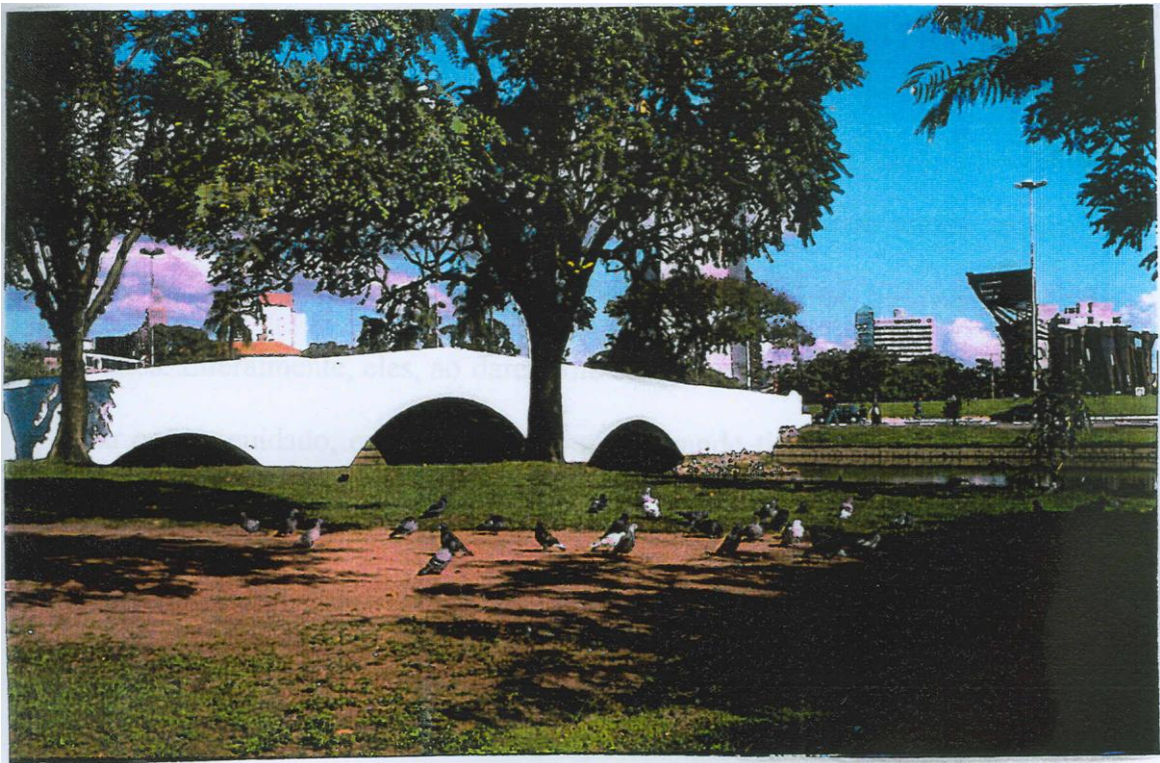
Estando-com os alunos da *Escola Aberta Porto Alegre*, freqüentada por crianças com história de vida na rua, pôde apreender particularidades do mundo vivido por eles. Revelaram-se os motivos da saída de casa, entre eles, as agressões sofridas em família; o cotidiano desse viver e, sobretudo, um mundo da rua permeado de discriminação, desconforto, privações e violência. Apesar de tanta opressão, o estudo desvelou também, histórias de luta, de solidariedade e esperança de um futuro diferente para esses meninos.

A questão social de crianças expostas ao abandono e à negligência preocupa a pesquisadora, levando-a a fundamentar seu estudo na filosofia de Martin Heidegger e a seguir os caminhos metodológicos da fenomenologia de Mearleau-Ponty e da hermenêutica de Paul Ricouer. Deseja, com a ajuda dessa abordagem qualitativa, iluminar suas inquietações, compreendendo o fenômeno que o sujeito vivencia.

A pesquisadora, pensando a enfermagem como seu saber, busca no paradigma do cuidado humano novas direções para o fazer da profissão. Lançando um olhar sobre este estudo, reflete sobre as questões dos meninos de rua. Sonhando com um futuro próximo ao lado de outras ciências e instituições sociais, que já possuem uma trajetória de assistência a essas crianças, para juntas poderem amenizar o sofrimento resultante da vida na rua. A pesquisadora acredita que somente uma ação conjunta de diferentes áreas e setores da comunidade, inclusive a acadêmica, tenha competência para desenvolver tal intervenção.

Ao finalizar o estudo, a autora, que vivencia a docência, considera importante socializar os resultados da pesquisa, nos cursos de graduação e pós-graduação em enfermagem e em outras áreas das ciências da saúde e humanas, assim como na extensão universitária que se mostra sempre preocupada com os problemas sociais.

História de Vida da Pesquisadora



"Há de se cuidar do broto para que a vida nos dê flor e fruto"
(Milton Nascimento).

2 HISTÓRIA DE VIDA DA PESQUISADORA

Refletir sobre minha história de vida como cuidadora remete-me à infância.

Minha família sempre esteve com crianças; na casa de meus pais a presença delas era constante.

Como conta minha mãe, aprendi a caminhar com nove meses, graças aos cuidados de meu irmão, três anos mais velho, e de uma prima, que, na época, tinha cinco anos. Literalmente, eles, ao darem-me suas mãos, mostraram-me um caminho: o andar com o cuidado, estando com o outro. Quando tinha quase cinco anos pude perceber-me como cuidadora: nasceu minha irmã. O parto domiciliar foi atendido por minha avó materna, parteira e cuidadora, o que possibilitou a minha mãe experiências sempre positivas em relação aos partos. Ao recebermos a notícia do nascimento de nossa pequena irmã, tivemos reações diferentes, eu exclamei: "oba, uma irmã" e meu irmão: "que pena, uma guria", pois ambos imaginávamos que o recém-nascido seria nosso companheiro de brincadeiras. Por recomendações médicas, devido à queda prematura do coto umbilical, fomos orientados no sentido de que nossa irmã não poderia chorar muito, e, desde então, internalizei a ideia de que o choro e o sofrimento não deveriam fazer parte do mundo das crianças.

A indignação frente aos descaminhos na infância sempre permearam minha história. Ainda pequena, ao passar de carro por uma vila, observei que uma criança era agredida, com uma cinta, por um adulto. Pedi ao meu pai que parasse o carro e interviesse em favor do menino. Naquela época, o fato era caso de polícia, tal como ocorre, infelizmente, ainda hoje. Impotentes, sem poder interferir, seguimos nosso rumo. Somado à indignação, um sentimento de impotência e de perplexidade frente às injúrias sofridas pelas crianças marcou essa história.

Minha vida escolar também propiciou momentos de reflexão sobre diferenças. Com seis anos ingressei no colégio. Estava preparada para cursar o Jardim de Infância no "Grupo Escolar" próximo de casa, porém, após avaliação da professora, foi recomendado que freqüentasse a 1ª série numa escola informal, uma vez que não possuía a idade mínima exigida para freqüentar o ensino formal (sete anos) e era "muito esperta" para permanecer no Jardim. A impossibilidade provocada pela idade levou-me a uma escolinha de "fundo de quintal" onde fui alfabetizada pela mesma professora que atendia a 1ª série no grupo escolar. No ano seguinte, formalmente matriculada, cursei a 2ª série nessa escola, pois uma vez alfabetizada a idade não era mais fator discriminatório. O impacto frente à grandiosidade da escola não foi obstáculo para uma rápida adaptação. Logo senti-me à vontade e aproximei-me de novos amigos. A escola mostrava-me um fato bastante curioso: a divisão de alunos em turmas, numa mesma série, de acordo com aptidões e qualidades desenvolvidas. Os(as) alunos(as) eram classificados de "A" a "E", conforme suas capacidades. A escola discriminatória agregava na turma "E" os alunos repetentes, deficientes, enfim desviados. Era a rotulação da criança no mundo escolar.

Mesmo sem dar-se conta, os(as) professores(as) perpetuavam esse tipo de comportamento em seus atos. Lembro-me que, não permitindo a efetivação do processo de votação (sempre realizado), a professora solicitou à turma que uma menina deficiente física nos representasse no concurso de "Prenda Mais Amiga", realizado anualmente no colégio. No intuito de possibilitar a oportunidade à menina, a professora realçou a diferença.

Minha experiência com diretores da escola também foi permeada de discriminações. Observei claramente a mudança de atitude da diretora, em relação a mim, quando meu pai foi eleito presidente do círculo de pais e mestres, pois passei a merecer atenção e sorrisos especiais dentro do colégio.

A experiência mais marcante de discriminação vivenciei quando cursava a 7ª série: fui suspensa do colégio por estar batucando na classe junto com toda turma num período de ausência de professor. O então diretor fez um discurso, mostrando nos que éramos alunos indesejados e reforçou sua estranheza ao fato de que eu, "uma menina", estivesse envolvida com meninos marginais. A injustiça das palavras do diretor foram fortes demais, e solicitei que minha mãe fosse conversar com ele. Seu discurso, então, transformou-se, porém foi ainda mais discriminatório; explicou para ela que, em momento nenhum, suas palavras foram endereçadas a mim, "uma excelente aluna", mas que ela observasse minhas companhias, uma vez que, sentando-me ao lado de um negro sem educação eu poderia modificar meu comportamento exemplar. O negro sem educação hoje é delegado de polícia no interior do estado e continua a acolher as pessoas com o mesmo sorriso que me

cativou na adolescência. O diretor, que num só momento pôde discriminar quanto à posição social, quanto ao gênero e quanto à raça dos alunos, nem imagino onde anda.

A escola contudo não me mostrou só diferenças, mas momentos de solidariedade e alegria. Guardo com muito carinho as lembranças das festas, das competições, do convívio com o grupo e também momentos da minha trajetória pessoal. Um momento em especial: sempre tentei ser uma aluna aplicada e possuía noção do empenho de muitos(as) professores(as) no desenvolvimento de suas funções, porém não imaginava que um dia eu pudesse servir de parâmetro para uma professora. Ainda na 7ª série, aprendemos análise sintática em português, e o assunto despertou-me interesse cativando-me. Quando a professora devolveu-nos a prova realizada sobre o assunto, disse-nos que só não largava o magistério por causa de uma aluna, pois mesmo empenhando-se para ministrar o conteúdo, não conseguira transmiti-lo; uma só aluna havia obtido dez na prova. Chamou-me pelo nome e pediu que fosse aplaudida. Constrangida, mas feliz por ter possibilitado à professora perceber que o “erro” não era dela, recebi a prova. O colégio possibilitava momentos de injustiça, mas também de glória.

Atravessei a infância e a adolescência rodeada de crianças: primos(as), amigos(as), afilhadas, colegas... sentia prazer em estar com eles(as), brincando divertindo-me, ensinando, cuidando...

A escolha de uma profissão passaria sempre pelos caminhos de estar com meninos e meninas: professora, pediatra e finalmente enfermeira. Minha primeira idéia sobre profissão já se esboçava muito cedo: queria ser professora. Por volta dos

cinco anos, viajávamos de carro a Curitiba e, em consequência do choro de minha irmã ainda bebê, meu pai estacionou o carro. Logo um policial aproximou-se para auxiliar-nos e, mesmo sem poder conter o choro do nenê, mostrou-se gentil perguntando-me se era gaúcha. Sem saber que gaúcha era a mulher nascida no Rio Grande do Sul e relacionando a figura da prenda que dança em CTG (Centro de Tradições Gaúchas), à idéia de profissão, respondi rapidamente: "- Não, sou professora!". Sem entender o porquê do riso geral, permanecia firme na convicção de que meu futuro era a docência. Nas brincadeiras com as bonecas, que eram alunas, ou auxiliando crianças e adolescentes em dificuldades escolares, cresci adorando compartilhar com os outros aquilo que sabia.

Minha convicção de ser professora só era abalada quando via possibilidades de trabalhar com crianças como pediatra, idéia essa que surgia quando necessitava ir ao médico. As visitas ao pediatra eram sempre motivo de festa, mesmo que estivesse doente e, por consequência, sentindo-me fisicamente cansada. Morando na zona sul, precisávamos atravessar a cidade para chegar ao consultório, o que fazíamos de carro. Meu pai deixava-nos no médico cedo, pela manhã, e após a consulta, íamos visitar minhas avós que moravam próximo, passando o dia todo envolvidos pelos cuidados da grande família. Ao anoitecer, voltávamos de carro para casa, exaustos de tanta alegria. Somado à alegria de estar com meus familiares, o acolhimento do pediatra Dr. Gilson Fontoura deixava-me sempre feliz. Minha admiração por ele e pela forma especial como tratava as crianças fazia-me pensar na possibilidade de ser médica pediatra.

Às portas do vestibular, através do Serviço de Orientação Educacional do colégio onde estudava, recebi informações sobre a Enfermagem. Após ouvir as descrições acerca da profissão, escrevi em meu caderno: "Adorei!"

A enfermagem era, para mim, uma profissão desconhecida, mas logo percebi que acertara na escolha, pois poderia, como enfermeira, cuidar de crianças, estando com elas.

Durante a vida profissional, já dirigi creche, trabalhei em hospital pediátrico e na docência procurei partilhar com meus alunos conhecimentos sobre o cuidado a crianças.

Minha vida familiar também propiciou-me desenvolver o zelo pela criança com o nascimento de meu sobrinho e, mais tarde, de minha filha. Em 1987, comecei a vivenciar um sonho: nasceu Gabriela, e o cuidado ministrado às crianças, então passou a fazer parte do meu mundo 24 horas por dia. Mesmo que em alguns momentos não esteja fisicamente ao seu lado, estou sempre com ela em meu pensamento.

Com a certeza de que estava no caminho certo, em 1990, concluí a especialização em enfermagem pediátrica. Os ensinamentos e as reflexões possibilitadas pelo curso permanecem alicerçando meus passos de cuidadora até hoje.

Anos depois, com o ensino superior, abriu-se outra porta no meu caminhar através do ingresso, como docente, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, onde permaneço atuando num Programa Interdisciplinar de Extensão.

Foi também a Extensão que propiciou um trabalho ímpar na minha vida: em julho de 1997 participei do Projeto Juventude Solidária, coordenando um grupo de alunos da Unisinos de diferentes áreas de conhecimento. Nossa tarefa era mapear e buscar as famílias de Meninos de Rua do município de Sapucaia do Sul - RS.

Nesse momento, a mãe-enfermeira-professora depara-se com uma realidade para a qual ainda não tinha despertado como cuidadora, ou seja, o mundo dos Meninos de Rua.

O encantamento com um mundo diferente, e a indignação e a impotência diante dele invadiram meus caminhos. Como crianças, tidas como marginais, assaltantes, perturbadoras da ordem, podiam ter sonhos iguais a qualquer outra? Por que eram submetidas à negligência e ao abandono? Como conseguiam sobreviver numa sociedade tão opressora? No que eram diferentes das demais? As indagações de cuidadora surgiram: quem cuida delas? Elas são cuidadas? O(a) enfermeiro(a) poderia realizar esse cuidado?

I Refletindo sobre as questões de gênero e ortografia da Língua Portuguesa, a pesquisadora optou, a fim de facilitar a redação, por utilizar a expressão Meninos de Rua para designar crianças e adolescentes, de ambos os sexos, que vivem nas ruas. Da mesma forma, o termo criança de rua também é entendido como menino de rua.

Em março de 1998, com o ingresso no mestrado, iniciaram-se os passos de uma nova caminhada em busca de um sonho. Uma ponte surgiu no caminho: aproveitar o curso na busca de respostas às minhas indagações.

A relação do mundo vida dos meninos de rua com o cuidado define o tema da dissertação, e as páginas da minha história de vida continuam sendo escritas.

O Encontro: A Pesquisadora e os Meninos de Rua



Seja qual for o que se passou em sua infância com esses meninos, a pesquisadora cedeu à curiosidade, deixando-se levar pelas descobertas que o assunto provocava, chegando ao desejo de realmente conhecer o mundo dos crianças de rua.

3 O ENCONTRO: A PESQUISADORA E OS MENINOS DE RUA

"A ternura irrompe quando o sujeito se descentra de si mesmo, sai na direção do outro, sente o outro como outro, participa de sua existência, deixa-se tocar pela sua história de vida. O outro marca o sujeito. Este demora-se no outro não pelas sensações que lhe produz, mas por amor, pelo apreço de sua diferença e pela valorização de sua vida e luta" (Boff, 1999, p.118).

Os meninos de rua despertam fascínio nas pessoas que trabalham com crianças. Eles são bonitos, mostram-se sedutores, simpáticos e muito envolventes.

A cena de um encontro com eles impregna a memória de quem a vivencia e, muito mais, o coração de quem se compadece. Essas crianças, como seres humanos, aí perdidos no cotidiano da vida, denunciam as questões de cidadania. Cobram o compromisso que os profissionais dedicados a essa área têm, pois também são responsáveis por eles.

Sem nominar o que se passou em sua vivência com esses meninos, a pesquisadora cedeu à curiosidade, deixando-se levar pelas descobertas que o assunto provocava, chegando ao desejo de realmente conhecer o mundo das crianças de rua.

Koller e Hutz (1996, p.18) conceituam: "*Meninos(as) de Rua são as crianças que não possuem mais um vínculo familiar estável e o viver na rua abrange seu trabalho sua educação, seus relacionamentos e seu lazer*".

Este capítulo retrata a trajetória da pesquisadora desde os momentos iniciais, no encontro com os meninos de rua em Sapucaia do Sul, até o reconhecimento do campo e a decisão de realizar o estudo com os frequentadores da *Escola Porto Alegre -EP A-* uma escola aberta (veja Anexo A) da Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre -SMED.

A problemática sobre os Meninos de Rua é um tema atual e relevante no país. Desde 1990, com a implementação *do Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA*, vários setores da sociedade ligados à saúde, educação, justiça, bem-estar social, entre outros, iniciaram uma luta buscando esclarecer os problemas relacionados a essa temática. e procurando soluções para eles.

O ECA dispõe no seu artigo 3º:

"A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo de proteção integral de que trata esta lei, assegurando-lhes, por lei ou por outro meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade";

E no 4º estabelece:

"É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à

alimentação, à educação, ao esporte ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária" (Brasil, 1990).

O Estatuto impulsiona instituições públicas e privadas ao cumprimento de seus artigos.

Em 1996 o Governo Estadual cria o Programa Piá 2000, com o objetivo "*de garantir às crianças e adolescentes o atendimento dos seus direitos à sobrevivência, desenvolvimento e integridade*"; e, mais tarde, o Projeto Juventude Solidária que prevê parcerias entre Governo Estadual, Municipais e Instituições de Ensino Superior. Esse projeto, criado para privilegiar o Programa Piá 2000, possuía, entre outras ações, a pesquisa acerca das Circunstâncias de Vida das Crianças e Adolescentes em Situação de Rua (Rio Grande do Sul, 1996b).

A Universidade do Vale do Rio dos Sinos- UNISINOS, em 1997, assume o Projeto Juventude Solidária em parceria com os governos estadual e ainda com o municipal nas cidades de São Leopoldo e Sapucaia do Sul.

Coordenando uma equipe composta por onze acadêmicos de diferentes áreas do conhecimento dos cursos de graduação da UNISINOS, em julho de 1997, a professora e autora deste estudo, realizou um trabalho junto a meninos de rua em Sapucaia do Sul. Tinha como principal objetivo atualizar um levantamento a respeito das crianças nessa situação e contatar com as famílias delas, visando à reintegração desses meninos em seus lares.

No decorrer do projeto, a equipe conheceu dois educadores de rua que trabalhavam com um grupo de crianças. Inicialmente sem local definido e, posteriormente, com apoio de uma organização não governamental, encontravam-se na Casa de Cultura de Sapucaia, local cedido pela prefeitura. Os educadores foram o elo de ligação entre a equipe e as crianças que, aos poucos, adquiriram confiança e passaram a revelar fatos sobre suas vidas na rua. A presença da equipe entre elas, aos poucos, começou a ser vista com simpatia. A confiança gerada na relação equipe meninos, levou-as a permitir a presença dos alunos no local onde dormiam. O grupo foi convidado a conhecer o shopping abandonado, que servia de moradia a vários meninos. Constituindo uma grande família, organizavam-se à semelhança de famílias nucleares, ou seja, possuíam certa hierarquia em que os mais velhos eram responsáveis pelos menores e regras do cotidiano eram respeitadas. As crianças e adolescentes utilizavam essa construção no centro da cidade como moradia, havendo no prédio uma organização semelhante a qualquer residência: quartos, cozinha e uma dependência que era utilizada apenas para fins de eliminações fisiológicas.

O cotidiano das crianças constituía-se de perambular pelas ruas em busca de sustento, diversão, sobrevivência; além disso, elas freqüentavam, duas vezes por semana, o trabalho de socialização e recuperação da auto-estima, promovido pelos educadores citados anteriormente. Os meninos tomavam banho, alimentavam-se e participavam de diferentes atividades, desde a prática de esportes até práticas pedagógicas. O uso da droga, presente no mundo dessas crianças, não era visto como questão que merecesse punição, mas, sim, como algo prejudicial ao desenvolvimento, e normalmente as crianças não a utilizavam quando freqüentavam as atividades do projeto. Ao ser surpreendido de posse do entorpecente, o menino era

estimulado a desfazer-se do mesmo, queimando-o, ao mesmo tempo em que os educadores reforçavam as orientações quanto aos riscos do uso de drogas.

À noite, sem a proteção dos educadores, os meninos abrigavam-se no shopping, estando expostos a uma série de injúrias, desde agressão física até sexual, praticada por adultos, quer fossem estes representantes da ordem, ladrões ou traficantes.

Durante todo o mês de julho, a pesquisadora conviveu com o mundo dos meninos de rua. A participação da equipe auxiliou a aproximação de muitas crianças a suas famílias e, num trabalho conjunto com uma assistente social e com voluntários (pessoas da comunidade que dispunham de tempo e vontade de ajudar ao meninos, quer obtendo doações de roupas e alimentos, quer participando de atividades junto a eles), os educadores foram exitosos em reintegrar várias crianças e adolescentes em seus lares.

Apesar de viverem na rua, essas crianças pareciam possuir necessidades e sonhos idênticos àqueles que estão no seio de suas famílias.

Em 1998, em nova participação no Projeto Juventude Solidária, a pesquisadora testemunhou a volta da maioria dos meninos a suas casas. Alguns deles necessitaram tratamento para afastarem-se das drogas, um menino morrera e poucos ainda mantinham-se na rua.

A certeza de que a recuperação é possível e que mesmo as condições adversas vivenciadas na rua não constituem um impeditivo para as crianças sobreviverem

estimulou a pesquisadora a manter-se num caminho que pudesse aproximá-la ainda mais da vida das crianças de rua.

Justificativa do Estudo

"Para algo existir mesmo - um deus, um bicho, um universo, um anjo... - é preciso que alguém tenha consciência dele. Ou simplesmente que o tenha inventado" (Quintana, 1977, p.15).

4 JUSTIFICATIVA DO ESTUDO

Este estudo justifica-se por desejar conhecer o mundo-vida da criança de rua. A aproximação com o mundo vivido dos meninos de rua despertou na pesquisadora a reflexão sobre essa temática. Ao envolver-se num projeto em que conviveu com meninos que viviam na rua, sentiu necessidade de aprofundar o conhecimento, de apreender do mundo dessas crianças algumas semelhanças e diferenças existentes entre eles e crianças que possuem vínculo familiar. Como Enfermeira Pediatra, academicamente preparada para o cuidado à criança, é seu fazer, quer seja em casa, no hospital ou na escola o atendimento e a convivência com elas; vivencia porém, muitos questionamentos na atenção àqueles que vivem na rua. A pesquisadora percebeu-se diante de um mundo novo; o contato com meninos de rua não é fácil, eles mostram-se distantes, desconfiados, arredios e muitas vezes agressivos. Foi preciso instrumentalizar-se através da pesquisa para facilitar a aproximação e entender por que eles eram diferentes, por que não era fácil, nem mesmo para uma enfermeira pediatra, a efetivação de cuidados. Ataíde (1993, p.20) fala da necessidade de conhecermos o mundo dos meninos de rua: *"A realidade desses meninos marginalizados precisa ser mais bem conhecida por todos os que desejam trabalhar por eles e com eles. Só será possível uma relação positiva e verdadeira a*

partir do conhecimento obtido através das suas vivências e da sua visão de mundo.

Os estudos sobre a marginalidade social são muitos, mas há poucas publicações específicas sobre a realidade da criança marginalizada no Brasil. "

A enfermagem como ciência, profissão e arte do cuidado humano está tentando alcançar caminhos para o cuidar destas crianças. O(a) Enfermeiro(a) de Rua² ainda não está com elas. A pesquisadora caminha em direção aos meninos que vivem nas ruas para aprender sobre eles e, apreendendo aquilo que lhes é específico, possa então transformar sua perplexidade em futuras ações de cuidado. Como afirma Nunes (1995, p.39) "*o cuidado é a transformação de um querer vir ao outro para um fazer*".

Através do cuidado, do envolvimento, a Enfermagem pode colaborar na minimização do problema dos meninos de rua, pois como afirma Carvalho (1991, p.163) "*... é preciso ter uma saída urgente para esses meninos.*"

Envolver-se com a compreensão, com o desvelamento do que sejam Meninos de Rua; inserir-se neste mundo com maior profundidade para que, em estudo posterior, possuindo conhecimento mais abrangente dessa realidade, consiga, estando- com as crianças; prestar- lhes cuidado.

² Enfermeiro(a) que cuida de Meninos de Rua

5 A INSTITUIÇÃO - ESCOLA

A escolha do local onde pudesse iniciar um contato maior para o desenvolvimento da pesquisa com as crianças que vivem na rua não foi tarefa fácil. A rua é um lugar permeado de desconfianças, medo, agressão. As crianças necessitam de tempo para reconhecerem e aceitarem os adultos. Era preciso encontrar um ambiente adequado, que possibilitasse à pesquisadora o estar- com os meninos.

As instituições que vivenciam a realidade dos meninos de rua protegem-nos de manipulação excessiva; permanecem atentas ao objetivo do trabalho, temendo que as crianças possam ser usadas como instrumento; preocupam-se em possibilitar trocas nas quais a experiência acadêmica contribua para o engrandecimento do trabalho junto aos meninos. Violante (1984, p.40) em sua pesquisa realizada junto a internos da FEBEM, pôde vivenciar essa preocupação na fala de um dos sujeitos: "... *Foi, então, que um menor nos perguntou: mas este estudo que a senhora quer fazer é pra dar liberdade pro menor ou é pra senhora ficar famosa?*"

Algumas alternativas surgiram diante da pesquisadora no momento de escolher o local da pesquisa como, por exemplo, a reaproximação dos meninos de rua em Sapucaia do Sul, ou utilização dos espaços da FESC - Fundação de Educação Social e Comunitária que atende meninos de rua em Porto Alegre. A opção da pesquisadora voltou-se para percorrer o caminho que levava à EP A.

Após autorização da direção e do conselho escolar, durante dois meses realizou observações semanais em diferentes turmas de alunos, inserindo-se no campo de pesquisa e aproximando-se das crianças. Era necessário mostrar-lhes o porquê de sua presença na escola, pois só assim eles permitiriam a aproximação. Esteve com as crianças em diversas situações: sala de aula, recreio, aula de artes, refeitório e também durante uma festividade realizada na escola.

Sua presença parecia não incomodá-los, e eles reagiam de diferentes maneiras ao a conhecerem. Alguns apresentavam-se, outros perguntavam-lhe o motivo de estar com eles, e a maioria não demonstrava qualquer atitude de mudança de comportamento, porém houve crianças que fizeram questão de manter-se junto à pesquisadora; solicitavam-lhe para que sentasse ao lado delas, mostravam-lhe as tarefas, pediam explicações, enfim sinalizavam a presença delas, aproximando-se espontaneamente.

Muitas inquietações surgiram do contato com o mundo vivido das crianças, porém as questões que estavam representadas nas atitudes dos meninos e na compreensão da autora assemelhavam-se à escola, ao poder, à ética, às necessidades,

ao chamar atenção e ao futuro. Na tentativa de ilustrar tais questões, a pesquisadora construiu redes temáticas, encadeando os assuntos (Anexo B a F).

Estas questões podem estar inseridas na escola como instituição regradada, que mexe com o poder de persuasão ou força e com a ética como forma de organização e proteção. O alerta para si, o companheirismo e a visão de si num espaço do amanhã: sonhos, desejos, e, principalmente, incertezas.

A pesquisadora, após organizar suas observações decidiu apresentá-las em forma de texto como segue abaixo.

Vivendo em uma sociedade capitalista, o poder alcançado pelo dinheiro faz parte do mundo dos Meninos de Rua. Com dinheiro conseguido de diferentes formas como trabalho, doações e até mesmo roubo, a criança torna-se mais poderosa diante do grupo e escolhe a melhor forma de usufruir da quantia que resgatou. Observou-se que ele tanto pode ser usado na manutenção de vícios como na concretização de sonhos de consumo que partem de um almoço em restaurante e se estendem até a aquisição de um "walk-man".

O roubo, além de promover o poder e facilitar a posse de bens de consumo, é também utilizado pela criança de rua como forma de sobrevivência, no atendimento de suas necessidades básicas e, na escola, para chamar a atenção dos adultos, pois é comum observar um menino tomando algo de outro por brincadeira (uma vez que o roubo dificilmente acontece entre amigos), simplesmente para fazer-se notado. Silva et al. (1991, p.87) escrevem: "*Dentre os valores próprios que têm, roubar é uma*

qualidade positiva. O roubar para sobreviver as diferencia dos mendigos. O roubar é uma forma de preservar sua dignidade. "

Existe, porém, no mundo escolar, um tipo de poder diferente, dificilmente observado entre crianças que possuem família e estudam em escolas formais. O menino de rua encontra na *Escola Aberta* a possibilidade de escolha, isto é, tem poder para modificar a dinâmica instituída pela professora. Apple (1989, p.114) refere que mesmo que a escola seja progressista os alunos *"rejeitam uma grande parte das mensagens intelectuais e sociais da escola."* Quando o assunto ou a atividade não lhes desperta interesse, o adulto é compelido a realizar alterações sob pena de não alcançar nenhum de seus objetivos, nem mesmo o de manter a criança em aula. Como se não tivesse nada a perder, a criança desafia a professora. Bourdieu (1989, p.99) escreve *"aqueles que, nada tendo a perder por não serem qualificados são os mais dados à radicalização das lutas e à contestação de todo o sistema"*. Compreendendo esta forma de poder, própria do menino de rua, reconhecendo, *"o poder simbólico"*, Bourdieu (1989, p. 114), a professora valoriza a criança como indivíduo, toma-se solidária, refaz suas proposições. Demonstrando conhecimento do processo de ensino-aprendizagem e empatia com os alunos, o adulto aceita o modo de ser assumido pela criança, buscando novas alternativas que resultem no alcance dos objetivos de ambos.

A professora possui a difícil tarefa de acatar diferentes idéias e promover o consenso do grupo, não somente na sala de aula, mas também nos momentos de lazer e durante as refeições, quando os alunos expõem suas preferências. Agindo dessa forma, eles muitas vezes obtêm domínio das práticas na escola e, comparando com

afirmações de Apple (1989, p.96) quando refere-se à prática de trabalhadores *"apresentam uma capacidade ativa que se opõe à estrutura"*. A criança sente-se valorizada quando suas sugestões são postas em prática, aumentando assim sua auto estima, normalmente baixa.

Para os meninos a professora detém o conhecimento, sendo responsável pela avaliação que possibilita o avanço nas totalidades³. Possuir conhecimento, mesmo em disciplinas que não fazem parte do currículo, como por exemplo, língua estrangeira, é entendido como deter poder. Acreditando na sabedoria da professora, a criança legitima o poder. Segundo Bourdieu (1989, p.15) *"O que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de a subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia"*. A criança, ao atingir objetivos e ser reconhecida, mesmo que isso não seja esperado, sente-se valorizada e assim como a professora, toma-se poderosa.

Aqueles que apresentam dificuldades em acompanhar o desenvolvimento da aula solicitam ajuda à professora ou, como que temendo mostrarem-se frágeis, demonstram desinteresse. É comum observar uma criança que não consegue atingir os objetivos propostos, concluir que os obstáculos decorrem da não apreciação do assunto abordado. A professora, estando atenta aos alunos e agindo conscientemente de maneira oposta ao que refere Apple (1989, p.73) quando diz que *"as práticas pedagógicas e curriculares usadas para organizar as rotinas na maioria das*

³ Organização curricular que trata as vivências escolares de forma crítica, democrática, libertadora e transformadora.

escolas... são responsáveis em boa parte pelo fenômeno que faz com que os estudantes internalizem o fracasso, vendo esse processo de classificação como um problema individual ", percebe quando as dificuldades ultrapassam o interesse das crianças, propondo modificações que estejam ao alcance do entendimento, estimulando-as na conclusão das tarefas.

Atividades concretas ligadas à vida diária dos meninos de rua e a curiosidade comum às crianças, nas palavras de Freire (1996, p.35) "*A curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta, faz parte integrante do fenômeno vital "*, aumentam o interesse pelo trabalho proposto, porém é comum observar manifestações de contrariedade tais como: "Ah, não!", antes do início de qualquer tarefa. Nessa atitude, a criança contesta o que foi planejado pelo adulto, reforça a idéia de que pode efetuar modificações naquilo que não aprecia. Assim como escreve Apple (1989, p.112) "*os estudantes estão criativamente agindo sob formas que freqüentemente contradizem aquelas normas e disposições que permeiam a escola. Em termos mais analíticos, as instituições de nossa sociedade são caracterizadas tanto por **contradições*** quanto pela reprodução. "*

* Grifo no original.

A escola, uma instituição formal, transforma-se para os meninos de rua num mundo acolhedor. Ela acolhe sem discriminar, permitindo à criança a formação de vínculos difíceis de serem quebrados.

o processo de desligamento da escola é sempre gradual e muitas vezes penoso, tanto para os alunos quanto para as professoras, que acolhendo-os passam a fazer parte de suas histórias de vida. Completando dezoito anos ou concluindo a última totalidade desenvolvida na escola, os meninos participam de eventos que têm por objetivo prepará-los para esse desligamento.

Permitindo empatia nas relações interpessoais e possibilitando que a relação professor-aluno seja moldada no respeito às preferências de ambas as partes, há o fortalecimento do processo ensino-aprendizado. A professora, sensível aos apelos das crianças, aceita suas idéias, assim como elas percebem quando a experiência do adulto deve conduzir o trabalho proposto. Freire (1996, p.68) enfatiza:

"É o meu bom senso que me adverte de que exercer a minha autoridade de professor na classe, tomando decisões, orientando atividades, esclarecendo tarefas... não é sinal de autoritarismo de minha parte. É minha autoridade cumprindo o seu dever. Não resolvemos bem, ainda, entre nós, a tensão que a contradição autoridade- liberdade nos coloca e confundimos quase sempre autoridade com autoritarismo, licença com liberdade".

A escola mostra aos meninos um mundo diferente onde, apesar de estarem submetidos a rotinas, encontram segurança, aconchego e solidariedade. A rotina, fazendo parte do mundo da criança na escola, é acolhida quando percebem sua importância, normalmente gerando protestos ao ser quebrada pelo adulto. Observa-se

que atrasos em horários tais como o de abertura dos portões, início das refeições e alterações propostas pela professora no dia-a-dia em sala de aula não são bem aceitos pelos meninos, que manifestam de diferentes formas seu descontentamento.

Protegendo-os contra a violência das ruas que está presente na linguagem manifestada pela criança na escola, esta satisfaz algumas necessidades: alimentando-os, orientando-os, compreendendo-os como crianças discriminadas pela sociedade em geral e sobretudo, propiciando atenção necessária a qualquer criança. Num sentido bem amplo, a escola aberta cumpre seu papel, pois nas palavras de Forquin (1993, p.169) ela

"É um lugar específico, onde os membros das gerações jovens são reunidos por grupos de idade a fim de adquirir sistematicamente, segundo procedimentos e modalidades fortemente codificadas, disposições e competências que não são do mesmo tipo das que eles teriam podido adquirir ao acaso das circunstâncias da vida. Aqui se obtêm respostas a questões que não seriam jamais colocadas em outros lugares. Fora da escola, longe do cuidado dos adultos, a criança de rua não poderia vivenciar atividades que a levassem a compreender melhor o mundo em que vive".

A violência pode ser percebida na escola através do comportamento dos meninos, que apreenderam que ser violento, na rua, muitas vezes é uma forma de proteção, pois os mais violentos normalmente não são perturbados. Outra forma é evidenciada na revista diária a que são submetidos. A procura a drogas, cujo uso é proibido na escola, faz parte do ritual diário de entrada, e mesmo aqueles que afirmam não utilizá-las por terem um objetivo de vida definido, como por exemplo participar da escolinha de futebol, passam pela revista.

O adulto, sabendo que a droga faz parte do mundo da criança na rua, mantém-se atento quanto à tentativa do uso nas dependências da escola. Sua experiência o orienta ao manejo adequado dessa situação, pois ele percebe que a transgressão às regras pode ser uma forma de chamar a atenção sobre si. Violar as combinações prévias, como acender o cigarro, cujo uso é permitido nas áreas externas, dentro da sala ou até mesmo portar 10l64 na escola exige segurança e preparo da professora.

o desempenho da escola ultrapassa os limites da educação formal, proporcionando aos professores vivências pouco comuns no mundo escolar: a sexualidade, presente desde cedo na vida da criança de rua, é manifestada em aula através da linguagem dos meninos, seja no discurso, na postura, ou nas manifestações artísticas. A sexualidade precoce pode envolver a criança em outro problema difícil de ser abordado pelas professoras: a AIDS.

Presente no discurso da criança, a AIDS pode ser atribuída ao exercício da sexualidade - *"ela pegou a doença porque transa até com os velhinhos de sessenta anos"* - e, apesar de não gerar preconceito entre as crianças e as professoras, desafia-as no manejo de suas dúvidas e ansiedades. O adulto, mesmo conhecedor do processo da doença, preocupa-se com uma possível contaminação pelo vírus HIV.

O enfrentamento das dúvidas e dos problemas é feito em conjunto pelas crianças e pelos adultos. Percebe-se a solidariedade entre alunos, seja na divisão de

material, seja, até mesmo, na conclusão de tarefas, e também entre os alunos e as professoras. O sucesso no relacionamento entre a professora e a criança é maior quanto mais forte é o vínculo entre elas. Para Freire (1996, p.109), "*quanto mais solidariedade exista entre o educador e educandos no trato do espaço pedagógico, tanto mais possibilidades de aprendizagem democrática se abrem na escola.*"

A escola, estando preocupada com o mundo de seus alunos, além de seus muros, transmite a mensagem às crianças de que é, acima de tudo, uma instituição solidária.

A ética que conduz a criança de rua no respeito a determinadas regras é representada no colégio pelas combinações estabelecidas em conselhos pelos alunos e professores.

Pegoraro (1995, p.12) "*O ser humano não é naturalmente e espontaneamente ético; por isso ele tem necessidade de imperativos morais para cercar as resistências da sensibilidade*".

As combinações, conforme relato dos professores, evoluíram no decorrer do tempo, hoje são fixadas em cartazes e lembradas sempre que necessário, principalmente quando quebradas por algum aluno.

Alunos novos na instituição necessitam de tempo para adaptarem-se às regras (muito diferentes das existentes em escolas formais) uma vez que não participaram do processo de elaboração das mesmas.

A professora, demonstrando empatia e conhecimento da realidade da criança de rua, em determinadas ocasiões, permite que as regras sejam quebradas; por exemplo, percebe-se que o adulto pode aceitar, sem prejuízo para o desenvolvimento escolar, que a criança cochile na sala, o que é proibido pelas combinações. Freire (1996, p.113) diz:

"ao reconhecer que, precisamente porque nos tornamos seres capazes de observar, de comparar, de avaliar, de escolher, de decidir, de intervir, de romper, de optar, nos fazemos seres éticos e se abriu para nós a possibilidade de transgredir a ética, jamais poderia aceitar a transgressão como um direito mas como uma possibilidade. "

Os meninos de rua, vivenciando passagens por instituições fechadas, reconhecem que nesses locais as regras são muito rígidas, e neles a opinião da criança normalmente não é solicitada. Foucault (1979, p.134) lembra, referindo-se aos anos de 1835-1840, o problema principal da instituição que atende o delinqüente: *"O problema então não era ensinar-lhes alguma coisa, mas ao contrário, não lhes ensinar nada para se estar bem seguro de que nada poderão fazer saindo da prisão."* Na escola, participando do processo de elaboração, os meninos mantêm a rigidez das regras, porém podem utilizar-se da solidariedade dos colegas e professores, que os advertem antes que eles possam cometer uma transgressão. Percebe-se, por exemplo, preocupação com o outro; quando este demonstra muito sono, chamam a criança pelo nome, fazem barulho, evitando assim que a criança venha a dormir na sala. Observa-se uma ética solidária, humana. Gadotti (1988, p.19)

lembra-nos: "*Os exemplos não faltam, onde o humano * surge às vezes, na sua autenticidade, contra toda a expectativa, nas condições mais desfavoráveis.* "

A violação de uma combinação, mesmo que seja com o objetivo de chamar a atenção sobre si, transforma-se em punição. Esta, conforme a amplitude da falta, é denominada gancho⁵ e impõe ao aluno o afastamento da escola por determinado período.

Os meninos de rua têm noções firmes a respeito do que pode ou não ser permitido no mundo vivido, reconhecem e respeitam a escola como instituição acolhedora onde a violência não encontra subsídios. As crianças, estando nas ruas, mostram-se apreensivas diante da violência física e moral a que são submetidas, por exemplo, pela força policial, que sem atender aos seus apelos, pode conduzi-las a instituições fechadas onde, segundo elas, necessitam adaptar-se a regras bastante rígidas. Para Silva (1991, p.90) as instituições fechadas podem ser identificadas "*como verdadeiras prisões que estão a serviço da sociedade, isolando as crianças como agressoras em potencial. Nessas circunstâncias ir para a FEBEM tem uma conotação negativa.* "

. Grifo no original.

⁵ Punição imposta pela escola às crianças que desobedecem às regras previamente estabelecidas. As crianças ficam impossibilitadas de frequentar a escola durante alguns dias, e o número de dias varia de acordo com a gravidade da falta cometida.

O ser humano nasce desprovido da capacidade de sobreviver em ambiente onde o cuidado não esteja presente. Apresentando inúmeras necessidades, é dependente da atenção de outro. Sua capacidade de adaptar-se a contextos adversos desenvolve-se no decorrer de sua existência, porém seu mundo vivido sempre exige cuidado.

"No cuidado se encontra o ethos fundamental do humano. Quer dizer, no cuidado identificamos os princípios, os valores e as atitudes que fazem da vida um bem-viver e das ações um reto agir" (Boff, 1999, p.11).

A criança que tem a rua como seu mundo também prescinde de cuidados que a tomem satisfeita em suas necessidades.

Estando com os Meninos de Rua, percebe-se que a satisfação de necessidades fundamentais de toda criança pode não fazer parte do cotidiano na rua. A *Escola Aberta* acolhendo-os, cuidando-os, esforça-se para suprir algumas privações a que são submetidos. A alimentação adequada, oferecida de maneira farta, satisfaz à criança, que, na medida do possível, tem suas preferências atendidas. Alimentada, ela passa a vivenciar as sensações de outra necessidade: o sono. Vivendo na rua, os meninos não podem repousar adequadamente, quer seja por medo da violência que aumenta à noite ou até mesmo porque aproveitam esse espaço de tempo para obter algum rendimento; é comum o relato de crianças que trabalham durante a noite, guardando carros de pessoas participantes de eventos diversos. O uso de drogas é ainda mais comum nesse período, aumentando a necessidade de sono.

A *Escola Aberta*, mesmo acolhedora, não permite, por combinações prévias com os alunos, que a criança durma na sala, e o sono, provocando desinteresse, dificulta o aprendizado. Por outro lado, atividades que não atraem os meninos reforçam neles a necessidade de dormir.

Cuidados de higiene não preocupam a maioria das crianças, pois a rua não possibilita o estabelecimento de hábitos adequados. As noções de higiene fora da escola são bastante primárias, porém o convívio escolar possibilita o entendimento dessas informações como fonte de preservação da saúde e a aquisição de noções de contaminação.

Os cuidados com o corpo, quando possibilitados, passam a fazer parte do mundo da criança, e a falta de condições em realizá-los gera frustração. A criatividade pode minimizar condições adversas como, por exemplo, o uso de escovas de dentes recicladas, na falta de novas.

A imagem corporal é importante, levando a criança a preocupar-se, inclusive com as roupas de que dispõe para usar; a maioria demonstra preferência, distinguindo artigos bons e ruins, segundo suas experiências. A higiene adequada possibilita uma estética corporal não discriminatória e parece não preocupar alguns adultos que demonstram acomodação às situações adversas enfrentadas pelos meninos, porém para a pesquisadora a impossibilidade de cuidar de necessidades primárias às crianças gera sentimento de revolta e compaixão.

Os meninos de rua necessitam de atenção, carinho, precisam ter seus méritos reconhecidos como indivíduos únicos. A individualidade, respeitada na escola, toma

os mais felizes; ser reconhecido pelo nome, por exemplo, pode significar a importância de serem identificados. A individualidade referencia, explicita, esclarece. Convivendo com essas crianças, percebe-se, porém, que a individualidade como marca específica das suas histórias de vida pode causar-lhes constrangimento, levando-as a tomarem-se resistentes a atividades de ordem pessoal; é incomum a criança sentir-se à vontade, falando sobre sua vida. Silva (1991, p.88) enfatiza "*A exposição dos sentimentos é considerada como mostra de fragilidade; é sair da situação onipotente que dá a sensação de tudo poder.* "

O menino de rua, como qualquer criança, necessita atrair o adulto para sua individualidade, querendo ser reconhecido como único e utiliza atitudes diferentes para fazer-se notado.

Estando-se com os meninos, percebe-se a diversidade de mecanismos utilizados para atingirem seus objetivos, que podem se concretizar com uma simples apresentação ou até com transgressão de regras.

Apresentando-se pelo nome ou apelido, identifica-se, mostrando-se único e possibilitando o início da acolhida pelo adulto; ou utilizando-se do espaço físico para buscar a acolhida, senta-se ao lado do outro, aproxima-se e desperta no adulto a atenção de que necessita.

Em sala de aula, a criança desperta a atenção do adulto quando se mostra desinteressada ou quando realiza atividade diferente da solicitada, uma vez que a professora dirige-se a ela na tentativa de engajá-la ao trabalho. Mesmo quando está dispersa, falando, gesticulando, cantando, a criança está atenta às solicitações do

adulto, tendo uma atenção aguçada, um alerta constante, possivelmente fruto da vida na rua. A violência a que está submetida nas ruas provoca o desenvolvimento da atenção e da observação como forma de proteção. Em aula essas capacidades podem ser usadas pelo aluno para atrair a atenção da professora sobre si.

Os meninos de rua reproduzem seus mundos vividos na escola, e a agressão física ou verbal, que provoca a intervenção do adulto, pode ser utilizada como um meio para fazer-se notado. Relatando situações vivenciadas no seu cotidiano, descrevendo a negligência a que são submetidos, estimulam no adulto sentimentos de compaixão, de solidariedade e obtêm com isso a atenção da professora. Boff (1999, p.91) escreve: "*O cuidado somente surge quando a existência de alguém tem importância para mim Passo então a dedicar-me a ele; disponho-me a participar de seu sucesso, enfim de sua vida*". Por outro lado, transgredindo regras, quebrando as combinações prévias, o aluno desperta sentimentos opostos, normalmente negativos na professora e nos colegas e o objetivo de atrair a atenção, mesmo que momentaneamente alcançado, gera punição.

A criança também utiliza o movimento quando necessita afeto. Movimenta-se na entrada da escola, antes da abertura dos portões, sinalizando sua presença ou caminha em direção ao adulto que chega, fazendo-se notada e recebendo a atenção almejada.

A movimentação excessiva dentro da sala de aula, comum à criança que sobrevive na rua e locomove-se para fugir da violência, perturba o andamento das atividades, levando a professora a tentar obter colaboração do aluno que, com isso,

consegue atrair para si a atenção dos outros. A movimentação pode ser interpretada como transgressão; movimentando-se a criança mostra-se indisciplinada pois, como afirma Foucault (1979, p.106) "*A disciplina, é antes de tudo, a análise do espaço. É a individualização pelo espaço, a inserção dos corpos em um espaço individualizado, classificatório, combinatório*".

No espaço aberto, durante o recreio ou em algum acontecimento social, os meninos movimentam-se jogando futebol ou dançando "*Rap*". O "*Rap*", que apesar de trazer nas letras das músicas relatos de denúncias ou histórias de vida marcadas pela tristeza, contagia de alegria as crianças, que, em momentos de diversão, formam um grupo harmônico e coeso em que as diferenças não são importantes. A dança consegue atrair os olhares dos adultos que se mostram impressionados com a manifestação da arte. Arte, harmonia, ritmo, cor, que no movimento deixa fluir na criança o poder criativo da infância.

Refletir sobre o futuro faz parte do mundo dos Meninos de Rua? Observando momentos de introspeção que possibilitam a reflexão, o menino conclui que o seu futuro pode ser incerto; refere que no dia de amanhã pode estar vivo ou morto. Dizendo isso, a tristeza invade sua expressão e, como que tentando modificar suas conclusões, afirma, enfatizando o componente físico do pensar o futuro, que o futuro é tomar-se velho, cada vez mais velho.

Embora falar sobre o dia de amanhã seja difícil, quando a criança reflete sobre o futuro expressa sempre incerteza, como afirma Raffaelli (1996, p.126) "*A incerteza da vida nas ruas fica evidente na visão de futuro de um garoto americano*

de 16 anos: Eu nunca penso em termos de futuro. Toda as manhãs eu me surpreendo por ainda estar vivo. Eu não posso perder tempo pensando sobre o futuro, eu nem sei se vou conseguir estar vivo amanhã".

O Tema do Estudo

6 O TEMA DO ESTUDO

O tema meninos de rua é amplo e complexo, envolve questionamentos de diferentes áreas do conhecimento em diversos locais do mundo. Apesar da presença de crianças nas ruas não ser um fato novo, a discussão e as pesquisas tratando desse tema são relativamente recentes. Por todos esses fatores a definição de meninos de rua ainda hoje não é consenso.

A maioria dos autores enfatiza a diferença entre Meninos de Rua e Meninos na Rua, como Monteiro e Dollinger (1996, p.46):

"Na rua é um adjetivo de lugar e como tal pode conotar que essas crianças ficam circunscritas provisoriamente num contexto de tempo e de espaço em relação à rua. O termo da rua (ou de rua), por sua vez, é um adjetivo na expressão criança de rua. Qualifica, portanto, o substantivo sugerindo uma característica permanente à circunstância na criança de rua. "

A diferença é centrada principalmente no rompimento do vínculo familiar, conforme relatam Swart-Kruger e Donald (1996, p.61):

"Em 1983 uma Inter-Organização Não Governamental para Crianças e Jovens de Rua (Inter-NGO) sugeriu que uma

criança ou jovem de rua é qualquer menino ou menina que não tenha atingido a idade adulta para quem a rua tenha se tornado sua moradia habitual e/ou fonte de sustento, que não seja adequadamente protegido, supervisionado ou conduzido por adultos responsáveis. "

Outros autores, como Koller e Rutz (1996, p.27), preocupados com a permeabilidade entre essas duas categorias (uma vez que é bastante comum a criança na rua tomar-se de rua), com as diferenças regionais e com a diversidade de pessoas que utilizam a rua, afirmam: *"Se é necessário uma terminologia para fazer referência a elas, pode-se sugerir **crianças em situação de rua**".*

Como solução para o problema de identificar a qual grupo os meninos pertencem, Swart-Kruger e Donald (1996, p.62) sugerem que isso seja perguntado para eles, pois *"Crianças de rua comumente têm algum termo que usam para se auto-descrever. "A pesquisadora, durante uma confraternização, vivenciou essa afirmativa quando um menino que morava na rua perguntou-lhe se a festa era para Menino de Rua. As diferenças nas definições podem dar margem a erros quando o objetivo é obter números que retratem a problemática da criança na rua. Segundo Swart-Kruger e Donald (1996, p.62), "Mesmo sendo realizado este trabalho de definição sobre quem são as crianças de rua, é extremamente difícil estimar o tamanho desta população. " Devido ao estilo de vida dos meninos, em constante movimento, ao segredo dos locais onde dormem, à entrada e fuga de instituições fechadas, as estimativas numéricas podem não corresponder à realidade. Sabe-se que*

- Grifo no original.

os primeiros números divulgados na década de 80 eram exagerados, e segundo Rosemberg (1996, p.23) giravam em torno de 100 a 30 milhões de crianças e adolescentes vivendo nas ruas, principalmente em países subdesenvolvidos. Para Rosemberg (1996, p.23), *"Desde 1986, porém, a circulação destas cifras tem convivido com resultados obtidos através de algumas contagens de crianças e adolescentes em situação de rua que evidenciaram números bastante inferiores."* Apesar da divulgação de estimativas menores, a situação em Porto Alegre é preocupante. Segundo Koller e Hutz (1996, p.18): *"acreditava-se que no início de 1995 havia em Porto Alegre cerca de 400 a 500 crianças vivendo na rua. "*

Os pesquisadores, preocupados ou não com as cifras, concentram seus esforços em procurar entender as principais causas que levam as crianças à rua. Os estudos são unânimes em afirmar que uma causa é a pobreza e, por consequência, o estresse que ela acarreta às famílias. Raffaelli (1996, p.124) afirma que além da pobreza outros fatores contribuem para essa situação, como *"altas taxas de natalidade, êxodo rural, moradias inadequadas, estagnação econômica, distribuição desigual da renda e ausência de programas governamentais de assistência. "* Fatores ligados ao funcionamento da família que apresenta comportamentos de abandono, negligência e abuso e a modernização também são responsáveis pela perda do vínculo familiar.

A escola, que muitas vezes esquece a realidade social da maioria da população, contribui para o fenômeno das crianças de rua, seja negando vaga, seja não estando preparada para enfrentar problemas como a repetência e a violência. Koller e Hutz (1996, p.23) afirmam: *"nota-se que a escola, no mínimo, compartilha*

a responsabilidade pela evasão escolar. Embora em muitos casos seja difícil precisar se foi a criança que abandonou a escola ou se foi a escola que a abandonou. Não resta dúvida de que as instituições escolares não vêm cumprindo apropriadamente seu papel educacional. "

Além de causas estruturais, os fatores envolvendo aspectos emocionais da própria criança compõem a problemática da fuga para a rua. Segundo Aptekar (1996, p.170):

*"Essas crianças foram para as ruas em função tanto de serem sido **empurradas** de seus lares por problemas familiares, quanto por terem sido **puxadas** para as ruas em busca de refúgio para seus problemas. Para essas crianças as ruas foram a solução, a possibilidade de experimentarem liberdade e o estímulo".*

Isso deixa clara a idéia de que os fatores estruturais, associados aos emocionais, formam um contexto de risco para a perda dos vínculos familiares.

Vivendo na rua, os meninos enfrentam um elenco de problemas que inclui não apenas as necessidades de sobrevivência (alimento, abrigo, vestuário) mas também necessidades emocionais de companhia, proteção, apoio. O dinheiro, capaz de garantir a sobrevivência, advém de pequenos serviços, mendicância, prostituição e roubo. O apoio emocional é encontrado na formação de grupos. Segundo Swart e Donald (1996, p.73) *"Não é incomum que grupos de companheiros de rua sejam*

* Grifo no original

** Grifo no original

^{*}
retratados como *quase-famílias*, pois são vistos dando proteção e assistência aos seus membros. "O grupo possui funções importantes como a de compartilhar informações a respeito de atividades econômicas e segurança, como por exemplo: informar o melhor lugar para conseguir dinheiro e até como evitar a polícia. Compartilhar atividades de trabalho e lazer fazem parte do funcionamento do grupo. Para Swart-Kruger e Donald (1996, p.77), *"a moralidade dentro e entre os membros do grupo de companheiros é uma força poderosa e pode, ocasionalmente, projetar se além do grupo."*

Mesmo vivendo em grupo, as individualidades desses meninos mantêm-se presente, e cada um busca a melhor maneira de sobreviver. O termo resiliência, originalmente usado na Física, nas palavras de Ferreira (1986, p.1223) quer dizer: *"Propriedade pela qual a energia armazenada em um corpo deformado é devolvida quando cessa a tensão causadora da deformação elástica"* e está relacionado com a variação individual em resposta a situações de risco (Rutter apud Koller e Hutz, 1996, p.80). A criança, diante das condições adversas da vida na rua, consegue adaptar-se, desenvolvendo características que surpreendem pesquisadores: *"Dadas suas condições de vida, foi surpreendente encontrar a maioria das crianças de rua com saúde mental adequada... apontaram muitas características de resiliência das crianças incluindo um alto nível de inteligência, preocupação com o outro, ausência de abuso de drogas e uma boa auto-estima"* (Aptekar, 1996, p.173).

* Grifo no original.

O fenômeno que envolve o mundo-vida dos meninos de rua é instigante e complexo, necessitando que diferentes abordagens de pesquisas das diversas áreas de conhecimento humano envolvam-se na sua compreensão, pois, como afirmam Hutz e Koller (1997, p.191), *"Uma alternativa para a casa que garanta a sobrevivência e a segurança para os(as) Meninos(as) que estão na rua deve ser encontrada, uma vez que a rua, apesar de desenvolver alguma sabedoria não é o lugar ideal para qualquer ser humano viver. "*

7 MARTIN HEIDEGGER: A ÂNCORA TEÓRICO-FILOSÓFICA

"Ser é ouvir e corresponder aos apelos de ser"

Heidegger

A pesquisadora, envolvida pelo mundo-vivido dos Meninos de Rua, surpreende-se refletindo...

"A Reflexão é a coragem de tomar o axioma de nossas verdades e o âmbito de nossos próprios fins em coisas que, sobretudo, são dignas de serem colocadas em questão".
(Heidegger apud Critelli, 1996, p.23)

Na reflexão busca respostas às suas inquietações, questiona-se, quer compreender as diferenças, indo ao encontro dos meninos, estando com eles. Na fala de Heidegger (apud Critelli, 1996, p.25) "*O que constitui originariamente uma investigação é a interrogação*".

Quer entender, quer compreender o cotidiano da vida do menino no mundo da rua. Quer aproximar-se de uma realidade que desconhece e encontra nas falas dele, ser-aí na rua, riqueza de experiência para interpretar.

A pesquisa fenomenológica leva a pesquisadora a aproximar-se das crianças de rua e, neste encontro, relacionando-se, estando-junto-a, é auxiliada pela fenomenologia de Heidegger. Ao pensar Heidegger e aproximar-se dele como teórico de seu estudo, a pesquisadora selecionou alguns autores que interpretam a obra do escritor, que a auxiliaram a compreender as palavras dele.

O filósofo alemão em pauta permanece contemporâneo mais de cem anos após seu nascimento em 1889. Na enfermagem, ciência e arte do cuidado humano, auxilia a fundamentação de diversos estudos, uma vez que pode ser considerado o filósofo do cuidado. Esse cuidado pode ser entendido como "*cura (Sorge), ser-no mundo*" (Stein, 1990, p.11).

Detalhando o autor concebe que "*A situação total que Heidegger designa **ser-no-mundo** pode ser designada como situação de cuidado. A relação de cuidado consigo mesmo e com o mundo caracteriza todas as realizações da vida relacionando-se, assim, com a vida como um todo*" (Stein, 1990, p.12)

Os Meninos de Rua, vistos como seres-no-mundo, *ser-aí*, necessitam de cuidado, de "*pre-ocupação*" dos adultos que, relacionando-se com eles, possam dar lhes a atenção a que têm direito. Nas palavras de Gmeiner (1998, p.31)

"Ser mundo, ser ente intramundano, é o primeiro e fundamental sentido dos entes que aí estão. Estando aí enquanto mundo e, como tal, constituídos pelo ser-aí, os*

* Neste capítulo, citamos algumas expressões em destaque utilizando negrito e itálico. Esses destaques representam grifos nos originais.

entes aproximam-se ou afastam-se dele, na medida em que sua simples presença pode transformar-se em utilidade, em utensílio, em ente para uma determinada finalidade... É entre a simples presença e a transformação do simplesmente presente em utensílio que se definem os espaços:... espaços de relação".

O enfermeiro, estando-com-os-meninos, possibilitando atenção e cuidado, auxilia-os em seus caminhos, pois como lembra Heidegger (apud Stein, 1990, p.90)

*"A **perfectio** do homem, o tornar-se aquilo que em seu ser é livre para suas mais próprias possibilidades (o projeto), é um **resultado do cuidado**".*

É na presença, no estar-com os outros, no cuidado que o ser se relaciona.

"Curar-se de é também ir em direção a, ir para fora de si mesmo, ir para outro; essa experiência que é movimento, que é aproximar-se e distanciar-se, encaminhar-se para, mostra ao ser-aí o sentido de direção em relação a si mesmo." (Gmeiner, 1998, p.47).

o cuidado é entendido como "**ser-com os outros**", estar junto, preocupar-se, ser solícito.

Para Heidegger existem duas maneiras de cuidar do outro: o "**Einspringende Fürsorge**" ou cuidar do outro pulando em cima dele ou o "**Vorspringende Fürsorge**", pular em frente ao outro (Spanoudis, 1981, p.19).

Na primeira maneira de cuidar, o relacionamento é de dependência, fazer tudo pelo outro, de certa forma, abafá-lo, dominá-lo; na segunda, o cuidador pretende auxiliar o "*ser-aí* a assumir seu caminho, ampará-lo em seu crescimento. O

enfermeiro, estando-com os meninos de rua, almeja um cuidado possibilitador de amadurecimento. Solícito procura alternativas para os des-caminhos da rua.

Reconhece o Menino de Rua como ser único, ser-aí no mundo, conhecendo as diferenças, nomeando-o, pois lembra-nos Gmeiner (1998, p.49). *"Dar nome é dar ser"*; o adulto interage mostrando possíveis caminhos, em suas próprias individualidades. Sem pré-conceitos, sem discriminá-los, sem deixar-se levar pelas aparências, o adulto envolve-se no cuidado. Heidegger (apud Critelli, 1996, p.40) diz *"aparecer significa sempre aparecer para outros e este aparecer varia de acordo com o ponto de vista e com a perspectiva dos espectadores"*. Ciente de que as aparências podem ocultar o ser, o cuidado deve estar fundamentado no conhecimento, no desvelamento, na revelação e o cuidador deve estar atento ao que escreve Gmeiner (1998, p.32) *"A revelação é tanto mais perfeita quanto mais o Ser aí é capaz de perceber o não-revelado como elemento constituidor do mesmo processo de revelação"*.

Fugindo do pré-estabelecido, do divulgado como certo, a pesquisadora livra-se do pré-conceito para interpretar as falas dos sujeitos. Como escreve Spanoudis (1981, p.21) *"Na época atual, de consumo e tecnologia, a imposição de preferências da opinião pública através dos meios de divulgação tem/orças irresistíveis"*. Força para enquadrar os meninos como violentos, transgressores, perigosos à sociedade, excluindo-os, desprezando-os, induzindo-nos a uma visão não verdadeira do cotidiano na rua. Para Spanoudis (1981, p.16) a fenomenologia de Heidegger *"é o caminhar que nos põe na busca de recuperar o esquecido, de enxergar novamente o*

simples que, em nossa época, através do embotamento provocado pelo universo tecnológico, se tornou uma das tarefas mais difíceis".

Enxergar, ir ao encontro da compreensão do mundo-vivido pela criança de rua é privilégio também do enfermeiro. Enquanto cuida dela, ajuda-a a entender-se na sua individualidade, no seu envolvimento com o mundo. "*Compreender-se como estar-aí-diante e ser-junto-com, traz o Da-sein à cura, ao cuidado, à consciência de estar-lançado e de não ser um eu puro. Ele vê a seu pro-jeto circunscrito pelo mundo e por sua própria situação existencial, histórica e jinita.*" (Gmeiner, 1998, p.34).

A temporalidade de Heidegger leva o ser, enquanto ser-no-mundo finito, a projetar-se, a buscar caminhos. "*A temporalidade... faz-se como ek-sistência constitutiva de por-vir (futuro), do vigor-de-ter-sido (passado) e do ser-já (presente)*" (Gmeiner, 1998, p.36).

Os Meninos de Rua, portadores de uma história negligente, de um presente errante e de um futuro incerto parecem tentar unir a temporalidade em um só momento, o agora. O *vigor-de-ter-sido* não é vigor, pois o passado faz arder as feridas da violência e do desprezo a que foram submetidos; é melhor esquecer esse tempo. O *por-vir* não importa, pois no mundo-vida não permeado de pro-jetos, o importante é manter-se vivo, é viver o agora, porque o futuro na rua é incerto.

No estar com as Crianças de Rua, a pesquisadora busca o desvelamento, o compreender cada uma, pois citando Gmeiner (1998, p.43),

*"Compreendê-lo ou compreender-se, compreender o **ser-aí** como fenômeno, é tarefa que a fenomenologia pode se propor. Em Heidegger a fenomenologia- descrição do fenômeno - transforma-se em hermenêutica; mais que descrever o fenômeno, cumpre interpretá-lo. E a hermenêutica permite, em princípio, ao **ser-aí**, **abrir-se para**, na ausculta de si mesmo e do que lhe vai ao redor, compreendendo-se e buscando compreender o mundo. **Ouvir** fundamenta o **falar**. **Ouvir e falar** dizem respeito à relação. Fala-se o mundo quando se é capaz de ouvi-lo."*

A pesquisadora deseja desvelar o mundo do Menino de Rua na tentativa de poder encontrar o significado desse viver.

Trajectoria Metodológica

8 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

"Método tomado do grego meta-odos poderia ser traduzido por continuar o caminho" Fazenda (1989, p.62).

8.1 SOBRE A FENOMENOLOGIA

Meninos, uma existência de rua...

Alcançar esse espaço existencial, perceber esse modo de vida, compreender o modo de ser no mundo: eis a tarefa do ser-aí na trajetória por ser si mesmo.

Ao trazer consigo a inquietação de abordar questões sobre esse ser, menino de rua, a pesquisadora andou em volta, deteve-se nesse pensamento, sensibilizou-se para conhecê-lo. A reflexão ao redor dessas idéias, acerca de um fazer metodológico que desse o acesso apropriado para perceber e esclarecer as indagações suscitadas pela temática, conduziu-a à realização deste estudo a partir da Fenomenologia de Husserl, considerando os passos de Merleau-Ponty e a Hermenêutica de Paul Ricoeur.

A enfermagem, ciência e arte que lida com o humano, é convidada a adentrar a aportes metodológicos como a fenomenologia, pois o exercício perceptivo que a

leva a cuidar, perpassa o interrogar e deixa-se envolver pelas coisas e pelos modos de proceder como tais. Falando sobre o encontro da Filosofia com a Ciência, Castro (2000, p.42) *"trata da preocupação em produzir ciência a partir do resgate humano dos filósofos e cientistas sociais"* e diz: *"o resgate, no sentido humano desse fazer, passa pelo exame rigoroso e científico da subjetividade (existencial, do mundo-da vida). O método apropriado a essa análise é dado pela fenomenologia. "*

A abordagem fenomenológica permite ao sujeito revisitar o seu mundo vivido e atribuir a ele um significado.

Sobre o método fenomenológico, Martins (1992) reitera: *"ir à coisa mesma"*, ir ao viver na rua, é o primeiro aspecto do enfoque fenomenológico para conhecer o mundo, numa atitude de abertura, livre de pré-conceitos; como escreve Fazenda (1989, p.62): *"a atitude apresentada por Heidegger ao refletir-se ao método Fenomenológico de investigação"*.

8.2 PASSOS DA TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

*"**Às coisas mesmas*** dizia Husserl, é o caminho para isso, por meio da redução eidética e com o pressuposto da noção da internacionalidade, recebida de Brentano, apontava para descrição fenomenológica em que o sujeito, despido do sentido clássico da subjetividade, encontrava-se com o objeto, despojado também de seu caráter de mera contraposição amorfa do sujeito (Gegenstand)."*
(Gmeiner, 1998, p.28)

* Grifo no original.

Neste estudo optou-se por seguir os passos à luz de Merleau-Ponty.

Falando sobre isso, Martins (1992, p.59) diz: "*a trajetória fenomenológica seqüências: a descrição, a redução e a compreensão fenomenológica**, sendo que, consiste de três momentos, os quais não deverão ser vistos como passos ou necessariamente, esta última envolve uma interpretação".

Descrição ou discurso: primeiro momento da trajetória na pesquisa fenomenológica. Ela permite que o pesquisador possa alcançar a articulação da inteligibilidade do sujeito - descrição do fenômeno que se mostra ao ser interrogado. A experiência consciente é que toma o fenômeno claro e visível. Gmeiner (1998, p.28) refere: "*À descrição fenomenológica, empalmada de início, Heidegger acrescenta a idéia de interpretação. Ao objeto, estrutura mental, fundamento de investigação e construção filosófica. junta-se a idéia de mundo*".

o primeiro momento da trajetória fenomenológica, a descrição, é constituído pelo discurso do sujeito quando ele é despertado, em seu pré-reflexivo pelo objeto do estudo: o ir às coisas mesmas através da percepção da consciência do corpo vivido, em suas subjetividade e intersubjetividade. Discurso é a experiência consciente, lida se com a experiência consciente para obter o significado, o que ele quer dizer, o que só o sujeito sabe, é o que o pesquisador deseja saber. Nas palavras de Martins (1992, p.59) "*considera Merleau-Ponty que as percepções da pessoa que definem os limiares expressos de troca desta com o mundo.*"

* Grifo no original.

A Redução trata da estrutura do fenômeno, seleciona as partes da descrição consideradas essências, ou seja, as partes da experiência vivida que são verdadeiramente constituintes da nossa consciência livre de suposições, preconceitos. "Através da redução fenomenológica, na qual o fenômeno se apresenta puro, livre dos elementos pessoais e culturais, chega-se a um nível do fenômeno que se denomina das essências" (Triviños, 1987, p.42).

A pesquisadora para realizar a redução fenomenológica precisa questionar o conhecimento, colocando entre parênteses as crenças e pressupostos sobre o mundo natural, ou seja, pondo em *suspensão* ou *epoché*. Triviños (1987, p.44) lembra: "A *epoché* permite ao fenomenólogo uma descrição do dado em toda sua pureza. "

O rigor metodológico em fenomenologia se depreende do proceder do pesquisador ao realizar a epoché, "palavra que significa suspensão ou parada, uma saída da maneira comum de olhar e de abandonar os preconceitos e crenças em relação ao fenômeno a ser interrogado." (Bruns, 2000, p.222).

A compreensão fenomenológica surge em conjunto com a interpretação, numa tentativa de especificar o significado como uma forma de investigação da experiência.

"A compreensão só se torna possível quando o pesquisador, usando o recurso da fenomenologia, assume o resultado da redução como um conjunto de asserções significativas para ele, pesquisador, mas que apontam para a experiência do sujeito, isto é, aponta para a consciência que este tem do fenômeno. "(Martins, 1992, p.60)

Essas asserções, ou seja as **unidades de significado** são, a princípio, tomadas exatamente como o sujeito está descrevendo o fenômeno para posteriormente serem transformados pela pesquisadora em expressões próprias do discurso, que sustentam o que está buscando. Desta forma, a pesquisadora organiza uma síntese das unidades de significado, resultante das análises dos diferentes sujeitos da pesquisa.

Toda compreensão requer uma interpretação. Compreender não explica, interpreta um modo de ser no mundo: desvela o mundo.

8.3 OBJETO DO ESTIJO

É o conhecimento e a apreensão das diferenças entre meninos de rua e aqueles que possuem vínculos familiares.

8.4 A COLETA DOS MATERIAIS

8.4.1 Campo de pesquisa

"A fenomenologia não prioriza nem o sujeito nem o objeto, mas sim, a indissociação de um aspecto e outro na própria estrutura da vivência da experiência intencional." (Bruns, 2000, p.217)

O espaço escolhido para estar-com os meninos de rua foi a escola; nela o cotidiano da criança que vive na rua, como criança, é mais verdadeiro. Bicudo (1994, p.19) esclarece:

"É importante que seja destacado que o que é visto não é percebido de maneira isolada, mas em uma região de fenômenos co-percebidos. Forma-se um campo de

percepção, onde estão presentes o fenômeno posto em foco e outros co-percebidos Sujeito e fenômeno estão no mundo- vida juntos com outros sujeitos, co-presenças que percebem fenômenos ".

Esta escola é única, tanto pelas suas especificidades pedagógicas quanto pelas características de funcionamento recente e inovador. Localiza-se em Porto Alegre e também por isso recebe o nome de *Escola Municipal Porto Alegre - EPA*. É uma escola aberta que recebe crianças e adolescentes com história de vida nas ruas.

A pesquisadora procurou estar- com os meninos na escola, campo de pesquisa durante os dois meses que precederam as entrevistas, familiarizando-se e estabelecendo um elo de confiança com os alunos. Eles a reconheciam como alguém que transitava pela escola, alguns conheciam o motivo de sua presença, e os mais curiosos sabiam inclusive que se tratava de uma enfermeira curiosa e preocupada com o mundo da rua.

8.4.2 o sujeito

"A experiência da consciência é experiência de algo que não é consciência. O conteúdo inteligente é do objeto e não da consciência. A consciência só vai às coisas mesmas e nisto ela doa sentido e estabelece seu campo próprio de visar os objetos. A inteligibilidade fundamental (essencial e a priori) não está em ater-se à consciência nem em ater-se aos fatos, mas em ater-se às próprias coisas. "(Josgrilberg, 2000, p.79)

O sujeito do estudo, menino de rua, é o atribuidor de significados, é quem atribui o significado ao que lhe é interrogado. Em notas de aula⁶ o professor Joel Martins esclarece: "*Só quem tem vivência humana é quem tem campos de experiências vividas*". O que existe nesse sujeito, no seu fazer as coisas? O que é fazer as coisas para ele? Ele é o ser depositário do que se quer saber.

Participaram do estudo doze sujeitos crianças e adolescentes, sendo dez do sexo masculino e dois do sexo feminino, com idade que vai de nove a vinte um anos. Frequentam a *Escola Porto Alegre*, uma vez que todos os alunos dessa instituição possuem em suas histórias de vida a passagem ou a permanência nas ruas.

A escolha dos participantes foi aleatória, pois bastou a pergunta da orientadora educacional ou das professoras sobre quem gostaria de responder algumas questões, e os meninos prontificaram-se. A iniciativa de um serviu de incentivo aos outros; alguns deles mantiveram-se distantes, porém nenhum menino interrogado negou-se a participar do estudo. Dois deles insistiram em fazer parte da pesquisa, interpelando a pesquisadora para certificarem-se de quando seriam ouvidos.

Precedendo a realização das entrevistas, a pesquisadora aproximou-se de cada um dos meninos, esclarecendo sobre o que era o estudo, utilizando um *rapport* ou intróito. Identificando-se como enfermeira, disse de seu interesse em conhecer mais sobre os alunos que frequentam a EPA.

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi a entrevista semi estruturada; a este respeito Triviños (1987, p.130) comenta *"Os investigadores fenomenológicos, aprofundaram, especialmente através da entrevista semi estruturada e da observação livre, o estudo do que pensavam os sujeitos sobre suas experiências, sua vida, seus projetos"*

8.4.3 Questões éticas

A aproximação e a participação das crianças na pesquisa somente foi efetivada após o consentimento da direção da EP A e da Secretaria Municipal de Educação e Desporto (Anexo B). Uma vez que as crianças de rua estão desvinculadas de suas famílias, a pesquisadora ficou impossibilitada de obter a assinatura do termo de consentimento informado pelos pais ou responsáveis. Todos os critérios éticos, levando em conta as individualidades no convívio com as crianças, foram respeitados, refere Goldim (1997, p.117) *"os cuidados éticos devem ser vistos não como fatores limitantes do conhecimento, mas sim salvaguardas à integridade individual e coletiva."*

8.4.4 Questões do estudo

"Ah! Jamais ter necessidade de pronunciar essa interjeição..." (Quintana, 1977, p.16).

Estando com Meninos de Rua a pesquisadora os vê como crianças que se mostram diferentes. Desejando conhecer e compreender essas diferenças norteou-se através das seguintes questões:

- Tu achas que tu és Menino de Rua?

- Conta para mim como é viver na rua.

- O que tu fazes na rua?

- Por que tu estás na rua?

As crianças demonstraram perfeito entendimento do conteúdo das questões do estudo. Ferreira (1979, p.41) afirma que os meninos de rua *"tendem a responder telegraficamente se as perguntas são muito diretas ou incômodas"*. Nesta pesquisa a experiência da autora foi favorável, porque os meninos mostraram-se dispostos a responder, demonstrando tranqüilidade. Para alguns, foi necessário repetir a pergunta; era como se eles tivessem necessidade de certificar-se sobre o que lhes era perguntado antes de dar seus depoimentos. O início de suas falas era precedido pela expressão *"Ah!"* e, prontamente, sabiam responder. Muitas vezes a pesquisadora foi convidada a sinalizar, acenando com a cabeça, em resposta aos questionamentos dos meninos durante suas falas. Foi comum o uso do *"não é?"* possibilitando a continuidade do depoimento.

Assim como na experiência de Ataíde (1993, p.25), os meninos também esperavam a disponibilidade do pesquisador em ajudá-los: *"... eles acreditaram que aqueles 'tios' teriam a coragem de mostrar seus depoimentos e expressar-se a seu favor para provar que o mal deles era apenas a pobreza e a miséria e que eles eram meninos bons, meninos iguais aos outros, meninos comuns"*.

A pesquisadora observou que no decorrer da entrevista, à medida que falavam, iam acomodando o corpo, alguns encolhiam-se ou debruçavam a cabeça nos braços cruzados sobre a mesa, **como se estivessem sentindo desproteção.** *

Os momentos que precederam as entrevistas as quais tiveram uma média de duração entre vinte e quarenta minutos e mesmo os que as sucederam revelaram-se um especial encontro da pesquisadora com as crianças participantes do estudo. Sobre as particularidades apresentadas por elas e observadas pela pesquisadora, pontua-se a seguir.

A pesquisadora iniciou a realização das entrevistas no dia 26/10/99 às 10 h, quando solicitou que a Orientadora Educacional da Escola a apresentasse para os alunos.

Foi apresentada a um menino que consentiu em conversar, porém outro aproximou-se solicitando para que ele fosse o primeiro. Ele mostrou-se sério. No pátio da escola, os outros alunos, no recreio, tocavam pandeiro e cantavam. Em determinado momento da entrevista, outro menino entrou na sala e ficou escutando alguns minutos. No final da mesma, o entrevistado pediu que a pesquisadora mostrasse a fita para a professora dele.

O contato seguinte foi realizado com um menino que antes de começar a primeira entrevista já havia solicitado que a pesquisadora conversasse com ele, e

* Grifo da pesquisadora.

logo veio ao seu encontro. O menino falava pausadamente e de olhos baixos. Depois ele perguntou em que rádio a entrevista ia passar, apesar de a pesquisadora ter esclarecido que era enfermeira e que estava realizando um estudo. Ele disse saber que enfermeira trabalhava no posto de saúde.

O terceiro menino, de 16 anos, também já havia pedido para ser entrevistado. A entrevista durou cerca de 15 min. e foi interrompida por um funcionário da escola que precisava utilizar a sala. No fim, o garoto saiu correndo pelo corredor, ensaiando alguns passos de dança.

O menino que a orientadora havia apresentado foi o último, naquele turno, a conversar. Falava com seriedade, mostrando-se interessado. Com 21 anos, estava se desligando da escola.

A tarde a pesquisadora retomou à EPA, e a professora indicou um menino que com 18 anos, obeso, estava vestido com uniforme de guarda. Aceitou, rapidamente, realizar a entrevista que foi feita sem interrupções.

O contato seguinte foi desenvolvido com um menino que pediu para ser entrevistado. Era pequeno, tinha 12 anos (vou fazer 13!) e estava na TI. Durante a entrevista, às vezes ria e às vezes quase chorava. Ele começou a rir quando a pesquisadora ligou o gravador. Ao terminar, perguntou se ela possuía uma fita de cantor, disse preferir músicas de "Rap".

Dando seqüência às entrevistas, este outro menino também pediu para ser entrevistado. Tinha a fala enrolada, falava pausadamente, às vezes elevando o tom da voz. Sua idade era de 16 anos. A entrevista durou cerca de 40 mino

A entrevista seguinte também foi realizada à tarde, durando cerca de 30 mino. Com idade de 16 anos, este menino respondeu algumas perguntas sorrindo. Meigo, foi descrito pela professora como o poeta.

No dia 03/11, quarta-feira, a pesquisadora foi novamente à EPA; solicitou à professora permissão para entrevistar um menino da T3. Ela perguntou quem gostaria de falar, e ele rapidamente prontificou-se. A professora disse que ele gostava de falar. Ao sair da sala de aula, perguntou-me se poderia fumar primeiro. Ele pegou o cigarro e foi para o portão. Enquanto fumava, conversava com outros meninos que estavam fora da escola. A pesquisadora aguardava na porta da sala. Quando ele estava se dirigindo à sala, uma professora chamou sua atenção, e ele respondeu que iria dar uma entrevista. Ele mostrava-se tranqüilo, respondia com clareza e várias vezes sorriu em suas respostas. Em alguns momentos, sacudia-se na cadeira e em outros baixava o tom da voz.

Este ffile17ilKI, (J seguinte ti ser errt~is(ad(J tinira deres-sere anos; vivia nas ruas desde os dez anos, não usava drogas, e estava sempre na escola ajudando em todas as

tarefas. Mora no mocó⁷, e tem um papel de liderança entre os outros meninos.

Conversou longamente com a pesquisadora.

A entrevista seguinte foi realizada com uma menina. Ela freqüentava a T3 e já não vivia mais na rua, mora em casa com o marido que cuida carros em frente a um hospital. Soube-se que é participante e representa a escola em muitas atividades. Ao ser questionada se gostaria de responder algumas perguntas, levantou-se, dizendo à professora que já voltaria, pediu-lhe inclusive que cuidasse das coisas dela. Respondeu às perguntas sem demonstrar emoção ou constrangimento. Tem 17 anos. Perdeu vários dentes e disse querer arrumá-los, porém não aceita arrancar os que possui para colocação de prótese. A voz pausada e alta facilitou o entendimento.

Esta menina, que finalizou as entrevistas, tinha 13 anos e vive no mocó com um irmão menor. Quando estava sendo entrevistada um menino entrou na sala, pediu-lhe cigarro e perguntou o que estava acontecendo. Essa garota normalmente tinha um comportamento agressivo, costumava dizer palavrões e quase não permanece em sala de aula. A pesquisadora já havia encerrado as entrevistas e estava conversando com a orientadora educacional, quando ela apareceu. Indagada se queria participar da entrevista, ela respondeu rapidamente que sim. Seu irmão acompanhou a até a sala e ela mostrou-o à pesquisadora, dizendo que ele não a largava. Ela sentou-se na cadeira e, ao responder, debruçou a cabeça sobre seu braço na mesa e assim permaneceu até o final da entrevista. Mostrava desproteção e fragilidade. Suas respostas eram curtas. Algumas vezes sorria com suas respostas. Seu silêncio

⁷Esconderijo, como "moca", mas de uso menos familiar, mais da rua. Fischer (i 999, p.106).

marcava emoção, e a pesquisadora chegou a pensar que a garota fosse chorar durante o depoimento. A pesquisadora explicou-lhe que era enfermeira, ela, então, rapidamente afirmou: *"tô com problema na vagina "*.

As entrevistas acima descritas foram realizadas na EP A em horários apropriados às crianças e à pesquisadora, nos turnos manhã e tarde, na sala de computação. Foram gravadas em fita K7 e transcritas logo após.

8.5 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

8.5.1 Análise fenomenológica

Este procedimento de análise foi realizado obedecendo às etapas preconizadas por Merleau-Ponty.

Coletados os materiais, através da entrevista com cada sujeito participante do estudo, iniciou-se o procedimento de análise fenomenológica, realizando uma leitura cuidadosa de cada um dos discursos, repetindo-a, quando necessário, para que a pesquisadora se sentisse impregnada da inteligibilidade dos sujeitos.

Selecionaram-se as unidades de sentido semelhantes contidas dentro de cada discurso; neste momento, a pesquisadora procurou isentar-se, o mais possível de seus próprios preconceitos, crenças e pressupostos, tentando acolher o significado atribuído pelo sujeito. Transcreveu cada discurso da linguagem ingênua do sujeito para a linguagem do pesquisador.

Passou-se, então, a fazer a leitura vertical de cada discurso, quando se organizou o espaço subjetivo de cada sujeito, (subjetividade). O passo a seguir constituiu-se da leitura horizontal de cada fala em que a pesquisadora uniu as temáticas de mesmo sentido, dos diferentes discursos, construindo o espaço intersubjetivo dos sujeitos do estudo (intersubjetividade).

As essências temáticas que convergiram entre si, nos diferentes discursos, foram nominadas convergências e estão apresentadas na figura 1.

Às essências temáticas que se evidenciaram num único discurso chamou-se idiossincrasias. Aqui revelou-se o salto qualitativo do estudo, a nuance que deve ser guardada, pois reflete a diferença; trata do ser em si mesmo; essas estão apresentados na figura 2.

Nesse estudo não foram evidenciadas essências opostas, ou seja, divergências.

8.5.2 A hermenêutica

Entendeu-se apropriado para este estudo, que deseja pontuar os aspectos que enfatizam as diferenças entre meninos de rua e as outras crianças, o aprofundamento da compreensão fenomenológica à luz da hermenêutica de Paul Ricoeur, que é considerado o filósofo do sentido: "*Seu ponto de partida é uma análise rigorosa da*

*vontade humana. Esclarecer a existência é elucidar seu **sentido**.*"* Por isso o problema próprio de Ricoeur é o da "hermenêutica, vale dizer, o da extração e de interpretação do sentido" (Ricoeur, 1990, p.1)

Ricoeur, fala: "A existência humana é uma existência encarnada, do tipo eu sou meu corpo" (Franco, 1995, p.34).

O mesmo autor (1995, p.43) acrescenta: "Seu tema é existencial, mas sua Metodologia não é existencialista. É hermenêutica. Ele interpreta as **expressões**** existenciais, em vez de diretamente analisar as experiências humanas". Esposito (1994, p.85) esclarece a respeito desta análise: "Não se trata de se ater à interpretação estrutural do texto, tal como pretendiam as hermenêuticas regionais, com a perspectiva da análise puramente lingüística, mas na procura do significado que esta obra, enquanto produção humana, é capaz de expressar, a partir do contexto do qual emerge. "

A pesquisadora visou iluminar os aspectos que permearam o significado atribuído pelos sujeitos, ocupando-se da semântica presente na linguagem expressa pelo sujeito, procurando interpretar "o dito" na forma pura.

Através da análise dos conceitos emitidos pelo sujeito e complemento das sentenças constitutivas do discurso ingênuo, a pesquisadora procedeu à tradução dessa fala para a linguagem convencional, na descrição do léxico. Esse procedimento

* Grifo no original.

** Grifo no original.

possibilitou à pesquisadora evoluir na compreensão das "diferenças", objeto do estudo.

8.6 DISCURSOS TRADUZIDOS NA LINGUAGEM CIENTÍFICA DO PESQUISADOR

Sujeito 1

Ah!!! Morar na rua, é ruim, (não é?) D1US1

Às pessoas que vivem na rua dão facada US2, queimam o cara. US3 Na rua o menino tem que "ficar esperto"⁸ US4 se for "guri de rua,"⁹ tem que ficar... (não é?). US5

Somente agora, eu voltei para rua, mas eu permaneço atento, não é?US15 Estou trabalhando com os camelôs à noite. Só venho para a escola pela manhã. US16 Saindo da escola vou para o Gasômetro¹⁰ dormir um pouco. US17 Depois de dormir, por volta das 18 horas, vou carregar os carrinhos para os camelôs. US 18

Eu ganho 60 reais por mês, carregando carrinho para os camelôs. US 19

Estou dormindo lá no depósito, US20 sozinho (não é?)US21. Durmo no depósito para trabalhar. US22

Eu jogo fliperama, ando por vários lugares. US23 Eu sempre procuro andar sozinho na rua, não é? US24, porque sozinho os policiais não nos perseguem. US25 Os policiais não perseguem quando andamos sozinhos ou em duplas, US26 porém, quando andamos em três ou quatro, eles vão nos pegar quando estamos dormindo. US27

Eles querem levar o menino para a delegacia. US28 Chegando lá, os policiais começam a dar cacetadas (pauladas) até não querer mais... (silêncio), quase quebram com violência o menino. US29 US30 US31

8 Manter-se atento; acordado (FeTeira 1986 p.567)

9 Criança, menino (Ferreira, 1986, p.710) a pesquisadora optou por manter a expressão devido ao uso freqüente no Rio Grande do Sul

10 Alguns dos locais freqüentados pelos sujeitos da pesquisa encontram-se assinalados no Anexo H.

Já fiquei três anos no Instituto Central de Menores (ICM). US32 O policial agrediu-me verbalmente. US33 Não gostei e por isso o agredi com um soco no rosto. US34

A pesquisadora pergunta o que é ICM para esclarecer.

Ah, o ICM é uma instituição fechada. US35 É como esta escola, porém expurgam 11 o menino. US36 É igual a cadeia: eles nos dão roupa própria, macacão para vestirmos. US37 Tem que andar ... Fiquei três anos lá na Cruzeiro. US38 Eu ficava no ICM para conseguir a liberdade. "Fiquei, fiquei, fiquei". US39 Após um ano e pouco, eu continuava lá. US40 Quando eu saí do ICM, arrumei um serviço. US41 Quem me ajudou a obter liberdade foi um homem que queria oferecer-me trabalho. US42 Ele estava tentando obter liberdade para um menino que o ajudasse no depósito com os camelôs. US43 Ele perguntou-me se eu gostaria de ajudá-lo, prometeu-me conseguir liberdade e conseguiu-a. US44 Eu estou trabalhando com ele até hoje. US45

A pesquisadora questiona o menino sobre o motivo de ele estar na rua .

Ah, (eu vivo na rua) por causa do meu pai que é alcoólatra. US46 O meu pai não mora conosco, só vem para casa nos fins de semana. US47 Eu não gosto de ficar em casa porque os meus vizinhos, lá do bairro Navegantes, estão sempre importunando. US48

Para retomar a entrevista a pesquisadora pergunta o que mais o menino faz na rua.

Ah, muitas pessoas estão precisando de serviço não é? US49 Eu consegui trabalho para dois meninos, US50 porém eles roubaram o empregador e ele os dispensou. US51 O homem ofereceu 20 reais por dia para eles, além da alimentação e local para dormir. US52 Eles não ficaram satisfeitos, trabalharam dois dias e roubaram uma televisão. US53 Eu permaneci trabalhando. US54 O homem para quem trabalho falou que sabe que eu não sou ladrão, pois não roubo nada de ninguém. US55

Deixei o ICM no ano passado, em setembro. US56 Estou trabalhando com o homem no depósito. US57 Eu tenho audiência quarta- feira d etarde. US58 Eu estou indo na audiência para diminuir minha pena. US59

Eu tenho audiência por causa do brigadiano¹². US60 Ah, ele me ofendeu então golpeei-lhe o rosto. US61

11 Livrar do quê é nocivo, imoral. (Ferreira, 1986, p.601) Livrar do que é supérfluo ou prejudicial.

12 Policial Militar, membro da Brigada Militar do Rio Grande do Sul.

Estávamos a sós, ele e eu (não é?). US 62 Ele importunou-me então o agredi no rosto. US63 Agredi-o no rosto e não corri, permaneci parado. US64 Ele apontou-me a arma, dizendo que iria me matar. Disse-lhe que me matasse logo. US65 Quando chegamos ao Fórum, o policial tentou distorcer o fato. US66 Afirmou que lhe tinha cortado a boca, e eu o cortei com o golpe que lhe dei. US67 O juiz disse-me que eu não posso pegar somente três anos por brigar com policiais. US68 Para mim isso não importa, eu pegar três ou quatro anos, já estou preso mesmo, o juiz pode fazer o que quiser com a pena. US69 Um dia o homem foi no Fórum e conversou comigo. Disse-me que se eu quisesse trabalhar com ele, ele conseguiria minha liberdade. US70 Eu respondi que se ele conseguisse, poderia tirar-me do ICM. US71

A pesquisadora pergunta se o homem procurava-o no ICM.

Ele comparecia ao Fórum todas as quartas-feiras, (não é?). US72 Comparecia nas audiências para conseguir minha liberdade e conseguiu. US73

O homem para quem trabalho me leva na casa dele, lá conheci sua mulher. US74 Ele leva-me em vários locais (não é?), para eu sair com ele. US75 Ele me dá roupas. Essas roupas que estou vestindo, tudo é ele quem me dá. Ele me dá roupa, dinheiro, comida (para mim) e não me cobra nada. US76 Ele também me dá dinheiro para eu sair no fim de semana, quando eu quero. US77 Saio para outros lugares. Vou ao shopping gastar dinheiro, brincar. Ando por aí. US 78

Sujeito 2

1)Tu achas que tu és Menino de Rua?

Eu já fui Menino de Rua. US 1 Eu morava na rua e apanhava muito. US2 Eu não gostava de ficar na rua sem o meu irmão. Ele sempre ficava comigo. US3 Eu não gostava de ficar na rua quando meu irmão se perdia de mim. US4 Eu chorava pela minha mãe, US6 chorava para que ela voltasse, mas ela não vinha. US5 Então eu ficava na rua . US7 Lá os bandidos começavam a nos insultar, hostilizar-nos. US8

Certa vez, encontrei o Albergue Ipiranga, onde permaneci por um dia. US9 Não deixaram que eu permanecesse mais tempo porque eu ainda era menor de idade. US 1 O Quando era permitido eu permanecia no albergue; outros dias, por ser pequeno, não podia pernoitar no albergue, ficando na

rua. US11 Então permanecia na rua US12 Eu saía do albergue diretamente para roubar. US 13

Atualmente eu prefiro ficar em casa, cuidando dos meus irmãos, ajudando a minha mãe que já sofreu muito. US14 Eu ficava (caía) muito na Febem US15 Minha mãe está sofrendo muito por causa do meu irmão que ainda está na Febem. US16

Hoje eu fui buscá-lo na Febem, mas ele fugiu US17 Quando ela chegou aqui eu contei para ela e ela começou a chorar, chorar, US18 (Bah!) "E agora? Onde eu vou encontrar este guri?"US19 (Ah!) A senhora tem que encontrá-lo devolvê-lo, (à Febem) deixá-lo em regime fechado, já, não é?US20.

Daí, por ela gostar de todos nós, (não é?) nós fazemos sempre por ela, nós sempre a ajudamos. US21 Eu sou o único que estou com ela e mais três irmãos, dois gurus mais velhos e eu. US22

[Se tu gostavas dela, por que tu foste para rua?] (Tentei entender a contradição.)

Eu fui para a rua porque a minha mãe anteriormente casou-se com ... com meu padrasto. US23 E o meu padrasto batia-me muito, então eu pegava, fugia de casa e não mais retomava. US24 Eu chorava e não retomava mais. US25

Então, *minha* mãe buscava-me, eu *voltava* para casa e no *dia seguinte* fugia novamente porque eu não gostava do meu padrasto. US26

Agora, eles estão se acertando. US27 Meu padrasto não está mais batendo em mim. US28 Estou ficando em casa com minha mãe, estamos nos ajudando mutuamente, eu estou fazendo o que posso em casa, (não é?) US29

2) Conta para mim como é que era quando tu moravas na rua, como é viver na rua.

Ah, viver na rua é mesmo uma desgraça para a pessoa. US30 O sujeito vai para a rua, começa a usar drogas e coisas as quais não pode usar. US31

Certa vez quase morri por causa da loló; "encheu meu coração", então eu parei de usar loló. US32 Eu estava fumando maconha e também parei de usar. US33

Atualmente eu estou aqui na escola para ser ajudado, US34 para tentar ganhar um dinheirinho extra, ajudando, trabalhando, plantando. US35 O dinheiro que eu conseguir vou imediatamente utilizar para vestir-me. US36 Vou dar o dinheiro para minha mãe, vou ajudar mais a minha mãe porque ela precisa de nós. US37

3) Quando tu estavas na rua o que tu fazias?

Na rua, eu roubava das mulheres e das pessoas em geral US38 Eu cheirava loló. US39 Eu dormia na rua embaixo da ponte, dormia ... US40

Ah! Existem várias pessoas, que se algum dia ouvirem essa fita, vão falar: Ah, "esse guri" tá certo, não é? Ele estava na rua e agora ele mudou. US41

Além de mim, outros meninos que estavam na rua, se ouvirem a fita, vão lembrar; (Bah!) minha mãe está sozinha, eu devo ajudá-la ao invés de estar na rua. US42

Existem várias crianças que perderam a mãe, os irmãos, estão sozinhas na rua; elas não gostam de ficar em casa. Essas crianças necessitam trabalhar, ajudar-se, trabalhar e comprar sua casa. Não devem permanecer na rua, não é? US43

Não pretendo que nenhuma criança sofra como eu já sofri na rua. US44 Muitos já sofreram mais do que eu. US45 Muitos parceiros meus já morreram devido à loló, devido às drogas injetáveis. US46 Eu não, nunca utilizei drogas injetáveis, US47 nunca me finquei, mas já cheirei loló e não estou arrependido. US48

Hoje começo a arrepender-me porque "estou ficando grandezinho". US49

Brevemente, terei que me alistar para o serviço militar. US50

Necessito conseguir um emprego para poder deixar a rua. US51 Em casa eu desfruto da amizade de meus companheiros. US52 Não permaneço mais na rua. US53 Em outros tempos, eu saía de casa, roubava; agora não, agora tudo mudou. US54 Agora é outra lei, (não é?). US55 Se os policiais prendem o menino, eles não se importam, eles mesmos golpeiam o rosto dele. US56 Eles ordenam (o menino de rua fazer qualquer coisa por eles) diferentes atividades em causa própria. US57

Os representantes da lei vão acreditar mais na polícia do que no menino de rua. US58 Os juizes vão acreditar na lei, porque na lei eles acreditam. Ninguém vai acreditar em meninos de rua. US59

[Que idade tu tem?]

Eu tenho 17.

[Tu já vais para o quartel mesmo. Tu conheces alguém que foi para o quartel? (Tentei retomar a entrevista.)

Conheço vários adolescentes da minha vila que já serviram. US60 Meu primo Felipe, que também está na rua, terá que alistar-se. O Juliano e

outros primos e irmãos meus estão na rua, também deverão alistar-se, (não é?). US61 Se algum dia meus irmãos e primos, que estão na rua, escutarem o que estou dizendo, verão que estou certo e eles errados, não é? US62

Os meninos de rua deveriam ficar em casa com seus parentes. US63 Onde eles vão passar o Natal que já está chegando? US64 Eles não irão passar na rua. Eles irão passar privados de liberdade em uma instituição. US65 Os meninos de rua não se divertirão no Natal. US66 Permanecerão sem vestir-se, permanecerão sempre com a mesma roupa. US67

É impossível! As crianças de rua com suas experiências e conhecendo histórias de outras crianças, em algum momento, irão refletir (pensar com a cabeça): (Bah!) Por que não escutei minha mãe, minha família? US68 Por isso estou na rua, sofrendo, passando necessidades, roubando, usando drogas. US69

Algumas vezes, nem alimentação nós temos. Os meninos de rua não têm o que comer, comem,"restos"US70, pedem pão para as pessoas. US71 Algumas vezes, as pessoas nos perguntam por que não trabalhamos. Mandam-nos engraxar sapatos. US72 Não temos o material necessário para trabalhar. US73

Essas pessoas acreditam que podemos conseguir o material, pedindo para qualquer instituição, porém não é assim tão fácil. US74

Algumas pessoas, só porque têm carro, "filhinhos de papai", acreditam que somos,"maloqueiros". Eles dizem-nos: Tu és maloqueiro*13, guri, que estás fazendo aqui?"US75

[E os gurus de rua não são maloqueiros?] (Para entender a diferença entre Menino de Rua e maloqueiro).

Não. Tem uns meninos de rua que não são,"maloqueiros", eles trabalham. Está certo que alguns roubam, outros cheiram, mas por dentro, vê-se que são outras pessoas, não são os mesmos. US77 Eles não são a mesma pessoa por dentro. Eles são outra pessoa. US78

Menino de rua é maloqueiro quando dorme na rua. Ele fica todo sujo, rasgado, de pés descalços. Cheira loló na rua, fica dormindo no chão. US79

Se diferentes pessoas ajudassem, perguntando ao menino de rua se ele gostaria de trabalhar, de ser ajudado, certamente não teria, atualmente,

ninguém na rua. Estariam todos trabalhando, todos' em casa, vestidos, (não é?). US81

Metade dos meus primos está toda na rua, todos embaixo da ponte. US82
Eles são tanto meninos de rua quanto maloqueiros. US83 Eu posso ser menino de rua e não ser maloqueiro. US84

Hoje eu prefiro ficar em casa a ficar na rua, (não é?) US85 Percebo que na rua não dá mais certo US86 Prefiro ficar em casa, ajudando minha mãe, limpando minha casa, escutando as minhas músicas. US87

Quando eu quero sair, eu me visto e permaneço na vila onde me divirto. Não preciso sair para roubar, cheirar e dormir na rua. US88 Não preciso fazer isso, (não é?). US89.

Sujeito 3

Ao ser questionado se era Menino de Rua o menino respondeu:

Em outros tempos eu fui "guri de rua", hoje não sou mais. US1 Eu som quando meu pai morreu, então eu fui para a rua. US2 Eu cheirava *101ó* a noite inteira, tornando-me viciado em *loló*, em maconha. US3 Posteriormente, eu refleti e percebi que não precisava ficar na rua, "passando necessidades", então fui para casa. US4 *Atualmente*, estou estudando aqui na escola US5 Volto para casa todos os dias, não pernoito mais na rua. US6

A pesquisadora questiona o menino sobre sua experiência em viver na rua.

Ah, o menino fica na rua, não tendo o que comer. US7 Tu estás sempre pedindo para as outras pessoas. US8 O menino de rua não tem vergonha. Aborda as pessoas e pede dinheiro. US9 Eu chegava no restaurante e encontrava algum conhecido que me repreendia dizendo: "Não! Olha esse guri pedindo coisas, parece um maloqueiro". US 10 À noite, quando Vamos para casa, encontramos conhecidos que falam "Esse guri, pedindo coisas, parece um maloqueiro, pedindo dinheiro, fedorento da rua, sujo, roubando, fugindo da polícia:". US11

O menino é questionado sobre o motivo de ter ido para rua.

Eu fui para rua porque meu pai morreu. US 12 Quando meu pai morreu, eu fiquei magoado, (está ligado?) US 13 Quando meu pai morreu, eu vim aqui para a rua. US 14

Anteriormente, quando meu pai vivia, ele mantinha a disciplina. US 15 Ele batia em mim e na minha irmã. US16 Mandava-nos fazer diversas coisas. US 17

"Ah! Agora que ele morreu, vou fazer o que eu tiver vontade; pois não tenho mais meu pai para incomodar-me". Por isso eu fiquei na rua. US18

Eu voltei para casa quando percebi que estava necessitado e que não deveria permanecer na rua. US 19

A pesquisadora pergunta sobre o que o menino fazia na rua.

Na rua eu cheirava loló. US 20 Eu roubava, US21 promovia desordem US22 e fumava maconha. US23 Eu era encaminhado para a Febem. US24 Na rua eu fazia várias coisas. US25

[O que tu fazias na Febem?] (Com esta pergunta a pesquisadora busca saber como era o dia- a- dia na Febem)

Na Febem, eu ficava preso. US26

[Com que idade tu foste pra rua?] (A pesquisadora tenta retomar a entrevista)

Eu fui para rua com oito anos de idade e fiquei até completar doze anos. US27

Eu me lembro de um acidente que sofri. Fui acidentado na ponte da rodoviária US28. Eu estava caminhando na ponte da rodoviária, "loução, loco de chero, chapadão de chero" quando olhei para trás e não percebi mais nada. Um carro atropelou-me e jogou-me embaixo da ponte. US29 Eu permaneci dois dias em coma no Pronto Socorro. US30 Eu estava todo quebrado e inchado. O rosto quebrado, a boca, os olhos costurados. Tenho cicatriz do acidente na pele. US31

Após o acidente, eu fui encaminhado para a Febem, US32 pois eu estava sem documentos e não sabia meu endereço. Eu não sabia o endereço da minha casa, nem telefone, porque eu era muito criança. US33

Na Febem, entraram em contato com o juiz. US34 Eu não sabia o endereço, mas falei meu nome completo. Eles localizaram meu endereço no computador, através do nome da minha mãe. US35 Encontraram a rua e localizaram minha mãe que me buscou e levou-me para casa. US36 Depois permaneci em casa. US37

Da rua sei outras coisa aí ... US38

Eu me destruí com a droga, com o cigarro. US39

Eu estraguei minha carreira no Internacional. US40 Eu deveria ser um jogador de futebol. US41 Todos falavam que eu jogava bem. US42 Eu poderia estar jogando nos juniores; do Internacional até completar 18 anos e poder jogar nos profissionais. US43

"E tu estragaste a tua vida, guri, por fumar cigarro, cheirar loló, fumar maconha, esse foi o resultado. US44 Agora não tem mais chance para ti". US45 Foi isso que aconteceu. US46

A pesquisadora pergunta ao menino quem teria dito isso a ele.

Os meus parentes, meus conhecidos, meus amigos, com quem eu jogava bola, disseram-me que as drogas destruíram minha carreira. US47

Eu fui no treino e joguei, tinha 14 anos e não estava mais na rua. US48 Eu não consegui mais jogar por causa da droga que eu fumava antes, ter acumulado. O cheiro e o cigarro ficaram acumulados. US49

Hoje só uso cigarro. US50 A droga prejudicou-me. US 51 O pessoal do clube falou que era a droga que fazia meu pulmão ficar tão ruim assim. US52

E foi isso que aconteceu. US53 Se tu fumas, se tu usas drogas, o corpo também está mal, tu não pensas direito! US54

Sujeito 4

1)Tu achas que tu és Menino de Rua?

Acho.

2) Então, eu gostaria que tu contasses para mim como é que é morar na rua.

Na rua nós passamos fome. US 1 Nós apanhamos da polícia. US2 Alguns meninos roubam para sobreviver. US3

Existem meninos que trabalham e recebem dinheiro. US4

Meninos de rua não têm onde morar! US5 Moram e dormem na rua. US6 O menino passa fome. US7

Às vezes, os meninos estão quietos, sentados na Praça 15. US8 Então os policiais chegam, colocam-nos na parede¹⁴ e começam a espancar-nos. US9 Eu já passei por essa experiência, é ruim. US10,

Hoje eu desenvolvo atividades na escola. US 11 Eu frequento curso no Gasômetro¹⁵. US12 Eu vou estudar à noite no Guerreiro. US13 Eu tenho

¹⁴ Contra a parede, pôr a faca no peito de; dar um arrocho em (Ferreira, 1986, p.1036).

minha casa, US14 moro na parada 15 da Lomba do Pinheiro. Atualmente está tudo bem US15. Eu já experimentei várias coisas morando na rua. US16

3) O que tu fazias na rua?

(Ah), na rua eu cheirava US 17 e freqüentava os bailes. US 18

Antes, eu roubava, hoje não estou mais roubando. US19 Antes, eu roubava e também pedia. US20

Eu dormia no centro. US21

Eu permaneci na rua até os 15 anos, depois eu voltei para casa e consegui um colégio para estudar. US22 Estou procurando outro curso porque os cursos nos ajudam. US23 Estamos terminando um curso, o encerramento será sexta-feira. US24 No último dia, nós vamos realizar a formatura, vamos ter diploma no curso freqüentado na Usina do Gasômetro. US25

Eu vou conseguir outro curso quando este terminar. US26 Irão ministrar outro curso para nós, sobre alimentação, nele ganharemos R\$ 120, 00 US27

4) Por que tu foste para rua?

Eu fui para a rua quando estava com 5, 6, 7 anos de idade porque meu padrasto me agredia demais. US28 Por isso eu fugi de casa. US29

Sujeito 5

Tu achas que tu és Menino de Rua?

Sou.

Então, eu gostaria que tu contasse para mim como é morar na rua.

Ah, nós somos esculachados¹⁶ pelas outras pessoas. US1

Nós pedimos um trocado¹⁷ e eles mandam-nos trabalhar. US2

¹⁵ Usina do Gasômetro, prédio onde funciona um centro cultural de Porto Alegre.

¹⁶ Esculachados - esculhambar (Ferreira, 1986, p.558).

¹⁷ Trocado- dinheiro miúdo (Ferreira, 1986, p.1412).

Existem pessoas boas. US3 Algumas ajudam-nos, dando-nos algo para comer. US4

Algumas pessoas pensam que somos compradores. US5 Nós compramos, (não é?). US6 As pessoas pensam que nós vamos comprar droga. US7 Elas negam-nos dinheiro. US8 Elas acreditam que vamos roubá-las porque estamos mal vestidos, estamos com roupas sujas. US9 Nós pedimos uns trocados e elas ficam desconfiadas. US 1 O

Viver na rua é assim: tu tens que cuidar para dormir. US11 Temos que cuidar onde dormir por causa dos outros sujeitos que dividem a rua com a gente. US 12 Quando brigamos com alguém, se descobrem onde dormimos, eles nos encontram e agridem-nos. US 13 Eles matam-nos, (não é?) US14 Eles tocam-nos uma pedra na cabeça ou agridem-nos com uma faca. US15 Temos que cuidar onde vamos dormir. US16

Eu durmo no centro da cidade. US 17

3) O que tu fazes na rua?

Na rua eu peço. US18 Eu jogo fliperama. US19 Eu não uso drogas por causa do fliperama. US20 Eu jogo fliperama desde pequeno. US21 Eu fugi de casa por causa do fliperama desde pequeno. US22 Eu me acostumei a jogar fliperama. US23

US24 Antes, eu estava em casa, US25 várias coisas que eu tenho vontade de fazer não posso fazer em casa. US26 Eu tenho vontade de ficar. (em casa) US27 Na verdade, eu posso ficar em casa, US28 Nós não temos dinheiro em casa. US30 Algumas vezes, não temos o que comer. US31

Algumas vezes, eu brigo com meu padrasto para que ele dê as coisas para minha mãe. US32 Eu brigo com ele também por minha causa. US33 Eu saio para rua somente para deixá-los felizes. US34 Eu saio para não estragar a vida deles. US35 Eu arrumo minha vida sozinho. US36

Na rua, eu fico sozinho para não ter muitas complicações. US37 Eu acordo e vou direto para o Banco 24 horas onde fico pedindo dinheiro. US38 A polícia passa, manda-nos sair, mas eu permaneço ali. US39 Tem uns policiais que são legais. US40 Eles são legais e falam-nos: "Por que estão agitando, aí? Estão cheirando loló?"US41 Eu fico ajudando o pessoal do banco, ajudando a cuidar do banco. US42 Além disso, eu fico pedindo dinheiro para eu tomar meu café. US43 Todos dias, eu consigo dois reais e vou comprar um cachorro-quente, um cheeseburger e um copo de suco; esse é o meu café da manhã até chegar o horário da escola. US44. Nos domingos, algumas vezes eu vou para o Parque da Harmonia. US45 Eu passo nas casas para pedir comida. US46

Eu fico caminhando sem rumo. US47 Eu consigo dinheiro e vou direto para o fliperama. US48

Eu (risada) sou viciado no fliperama, já é mania, eu me acostumei. US49

Na escola, eu gosto de trabalhar no computador por causa dos 'joguinhos'.
USS50

Sujeito 6

1) O menino tossiu bastante. Hã, rã! Eu sou.

2) Ah, nós vivemos na rua, US1 algumas vezes nós usamos drogas. US2

Algumas vezes eu permaneço na rua, outras vezes, vou para casa. US3 Ah, na rua é um pouco ruim... US4

Ah, tem vezes que outros meninos agridem-nos. US5 Existem meninos que nos insultam, porque nós usamos droga. US6

4)Eu estou na rua porque eu quero. US7

Ah, eu estou na rua porque meu irmão pequeno morreu. US8 Eu fiquei triste e vim para rua. (parecia que iria chorar). US9 Algumas vezes, no fim de semana, eu vou para casa. US 10

3)Eu? [É] Eu cheiro loló, US11 eu fumo cigarro. US12

Primeiro, pela manhã eu me acordo. US 13 Eu vou para o MAPA * ¹⁸, onde eu tomo banho e tomo café; primeiro eu escovo os dentes e tomo banho. US 14 Algumas vezes eu jogo futebol e logo após venho para o colégio onde estudo e jogo futebol no recreio. US 15

Depois da escola, vou para baixo da ponte onde durmo com outros meninos. US 16

A rua é um pouco ruim. US 17 Algumas vezes, nos fins de semana, alguns meninos ficam com fome, sem ter onde comer e sem dinheiro para sacar ¹⁹ comida. US 18 Algumas vezes, existem pessoas que nos maltratam. US 19

[O que é bom na rua?] (Pergunto para retomar a entrevista).

18 Movimento Assistencial de Porto Alegre, atualmente U. O. CENTRO

19 Sacar - pleitear (Ferreira, 1986, p.1256).

Bom na rua é ter amigos. US20 Se vamos para casa e não voltamos a encontrar nossos amigos, ficamos tristes. Ficamos tristes se perdemos nossos amigos. (tristeza na voz) US21 Em casa eu tenho poucos amigos. US22

Algumas vezes eu amanheço cheirando loló, usando drogas. US23 Quando não estou usando drogas, estou andando de bicicleta no shopping. US24 Um menino que cuida carros e mora na ponte tem uma bicicleta e me empresta ela. US25

Na escola, eu gosto de estudar, jogar bola, olhar vídeo, jogar no computador e realizar atividades com argila. US26 Eu gosto de tudo aqui na escola, porém às vezes os meninos vêm lutando. US27 Eles vêm provocando a gente, vêm bater-nos. Eles vêm com ameaças físicas e algumas vezes nós não gostamos. US28 Os meninos que vivem na ponte são todos amigos. US29

É somente isso. US30

Sujeito 7

1) Sou.

2) É, morar na rua é ruim. US1 O menino cheira loló. US2 O menino fuma maconha. US3 Atualmente, a droga que eu mais uso é loló. US5 Eu parei de fumar cigarro. US6 Algumas vezes, os meninos usam drogas injetáveis US7 e cheiram cocaína. US8

Os policiais maltratam todos os meninos. US9 Eles provocam todos meninos US 1 O Ontem, no Gasômetro, os policiais mandaram cinco meninos e duas meninas tirarem a roupa e entrarem no rio. US 11

Eu moro na Praça Quinze²⁰ ou embaixo da ponte do shopping com todos esses meninos da escola, exceto o Cristiano, que vive em Viamão*²¹.
US12

Na rua tem mais brincadeiras. US13 Na rua tem mais esporte para o menino praticar. US14 No Parque Marinha o menino pode jogar bola.
US15

3) Na rua, além de roubar, nós cuidamos de carros, US16 nós cuidamos de carros no Parque Marinha. US 17

Eu parei de roubar. US18 (Bah!) Roubar não é mais vida. US19 O menino de rua apanha muito da polícia, eles agridem o menino. US20 O menino de rua tem dó de roubar as pessoas idosas. US21 Eu tenho dó de roubar as senhoras idosas. US22 O menino de rua rouba das senhoras que estão sofrendo para ganhar o salário. (não é?) US23 (Bah!) Um dia, nós roubamos muito dinheiro de uma senhora idosa. US24 Eu resolvi devolver o dinheiro dela e comecei a chorar, (Bah!) eu fiquei com dó da senhora aposentada, com cerca de 60 anos, eu chorei junto com ela e devolvi-lhe o dinheiro. US25

Eu estou na rua desde os 12 anos de idade. US26 Eu não tenho mãe nem pai. US27 Eu estou só com meus irmãos que moram aqui na rua Otto Niemeyer. US28 Eu não permaneço em casa porque uso drogas. US29

4)Eu não sei porque estou na rua. Estou na rua por causa das drogas. US30 Eu comecei a usar drogas na rua porque não podia viver em casa. US31 Eu levava para minha casa várias pessoas para cheirar, fumar. US32 Então eu saí de casa. US33 Passadas três semanas, meu pai e minha mãe morreram num acidente de carro. US34 Eu e meu irmão íamos juntos, mas na hora de sair só foram os dois. US35 Eles foram para o baile, e o caminhão da Prefeitura atingiu-os às nove horas da manhã. US36 Eu tinha 13 anos quando perdi minha mãe. US37 Eu não permanecia muito em casa porque ficava muito preso. US38 A minha mãe não gostava que eu cheirasse loló. US39 Eu fugia de casa e ia para o baile ou dormia no centro. US40

As pessoas fazem amizade e trabalhos. US41 Todas as segundas-feiras, uma senhora leva-nos atividades no centro, para nós pintarmos, desenharmos, escrevermos nossas experiências de rua, se usamos ou não as drogas, se usamos ou não camisinha, se sabemos como botar e tirar camisinha. US42 Esta senhora trabalha com as freiras que atendem as

20 Praça no Centro de Porto Alegre. 21 *Cidade da Grande*
Porto Alegre. 22 Rua do bairro Triste?~ na Zona Sul de Porto
Alegre.

meninas, (sabe?) US43 As meninas freqüentam a casa das freiras todas as 2ass feiras. US44 Elas tomam café, almoçam e tomam banho na casa das freiras. US45

Nós tomamos banho na U. O. Centr023. Nós chegamos às oito e meia da manhã, tomamos café, jogamos bola e almoçamos ao meio-dia. US46

Nós vamos para o colégio à tarde. US47 Nós jogamos futebol no colégio. US48 Após. a escola, nós vamos para o Parque Marinha²⁴ cuidar carros, jogar futebol e tomar banho. US49 Nós também estudamos no Marinha, alguns professores freqüentam o Parque. US50 O teatro também vai ao Parque Marinha. US5 I

Na escola temos dança de RAP e som. A professora está de férias. US52 Existem professores estrangeiros, eles falam outras línguas. US53

Certa vez, nós fomos ao cais do porto visitar os navios US54 e conhecemos uma mulher. Ela ensinou-nos como era o Japão, como eram suas roupas, um tênis. (Bah!) US55 Conhecemos uma mulher que era bom beira no Japão. US56 Cada um de nós entrou no navio com crachá com foto. US57 Nós iríamos realizar um passeio, mas o vento forte tomou-o perigoso, não é? US58 Várias escolas iriam realizar o passeio, mas devido ao vento forte foi adiado para fevereiro ou março. US59 Cada escola de Porto Alegre irá em fevereiro. US60

[Entra outro menino na sala e diz: não mente1] *Ele* é meu irmão, irmão de rua. US61 (Bah!) Olha o pé dele, professora! US62 O pé dele está cheio de frieira, ele passou talco. US63 Nós dormimos juntos, não é? US64 Ele vende loló! (fala baixinho). US65 Eu apenas cheiro loló, ele, mesmo pequeno, vende loló, conseguindo 30 reais pela lata. US66 Quem não cheira consegue 50 reais por lata, (não é?) US67 Quem cheira consegue 25 ou 30 reais US68 ele cheira junto, ele cheira demais. US69

As lesões no pé são devido à queda de meia lata de loló em seu pé, ele foi servir loló e encheu demais a lata com o cheiro²⁵. Ele olhou para mim, e o loló começou a derramar no pé, o seu pé começou a descamar. Ele nem consegue caminhar bem, não consegue jogar bola. US70

Eu conheço uma guria que perdeu o cabelo porque o policial atirou loló em seu cabelo. US17 Ela estava cheirando, e o policial avisou- a com insistência (mais de dez vezes): "Pare de cheirar aqui."US72 O policial era muito bom, pegava nosso cheiro, jogava *longe* e mandava-nos buscar.

23 Unidade de Atendimento vinculada a FESC localizada no centro de Porto Alegre.

24 Parque Marinha do Brasil, situado no bairro Praia de Belas em Porto Alegre.

25 Cheiro de loló.

US73 Ela não aceitou, queria investir contra o policial. US74 Ele (o policial) é muito bom, no dia das crianças, juntamente com uma senhora da FESC e outro brigadiano, deu-nos roupas e outras coisas de crianças. US75 A menina queria agredi-lo, então ele pegou o cheiro, jogou nela e atirou fogo em seu cabelo. US76 O fogo foi cair no cabelo dela. US77 O policial era bom mas ficou nervoso porque ela queria agredi-lo; ela arranhou o rosto dele, rasgou-o; ele ficou todo arranhado. US78. (Ah!) ele irritou-se. US79 Ele não colocou fogo para queimá-la por inteiro, jogou apenas o palito. Ela tirou a camiseta e apagou o fogo. Ela não queimou, apenas seu cabelo ficou torrado. US80 Ela nem se feriu (levou acidente) Apenas seu cabelo ficou todo queimado, torrado. US81 Ela entrou com processo na justiça contra o policial e até hoje recebe algo por isso. US82 A menina tem 18 anos e mora conosco. US83

Vai fazer três anos que estou na rua escola, só faltei quando eu estava doente. US84

[Quer falar mais coisa de rua que tu lembra?] (para retomar).

Nós vamos passear agora em janeiro. US85

A Vera (profi.) conseguiu-nos cursos. Os meninos estão no curso de jardinagem. US86 Agora em março eu vou iniciar o curso. US87 Eu ajudo a Vera na horta com mais dois alunos. US88 O Elvis plantou uma árvore bem grande. US88 O Elvis trabalhava na Febem ou no Albergue Ipiranga e fez um sonho enorme. Ele faz atividades de padeiro. US89 Nós erramos da Febem comíamos tudo bolo, doce sonho; depois nós fugimos. US90 Eu fui da Febem porque a minha mãe morreu. US91

Nós tínhamos um irmão e não sabíamos, US92 viemos saber mais tarde. Ele morava em São Paulo, depois veio para o Brasil. Nosso irmão passou a infância no abrigo agora está servindo no quartel. É grandalhão, tem carro, filhos, não dorme em albergue e não fuma cigarros. US93 Sua mulher trabalha no banco e ganha bem. US94 Nós não nos entendemos com a mulher dele, porque ela não gosta que cheiramos loló. US95 Nós cheiramos muito loló perto das crianças da casa. US96

Certa vez, ela grediu-nos- por..que estávamos cheirando loló dentro do quarto. US97 Ela queria internamos na Febem quando tínhamos 11 ou 12 anos e falou que se cheirássemos loló, ela nos internaria. US98 Nós sempre cheiramos loló. US99

Sujeito 8

1)Acho.

2)Viver na rua é mais ou menos. US1 O menino sofre um pouco quando é pequeno, não é? US2 Nós vamos nos acostumando com a rua conforme vamos crescendo, pois com a idade vamos conhecendo, (não é?) US3 Enquanto pequenos passamos fome e frio. US4 Se maiores, sabemos superar as dificuldades. US5

3) Eu cuido carros. US6 Eu cheiro loló. (risada)US7 Eu jogo futebol. US8 Eu venho ao colégio para estudar. US9 Algumas vezes, eu durmo na rua, outras em casa. Permaneço uma semana na rua, depois fico de dois a cinco dias em casa. US 1 O

4) Eu fui para a rua por causa da loló. US 11 Certa vez, uns amigos meus estavam cheirando e ofereceram-me, eu cheirei e me viciiei, então vim para a rua. US12 Eu fugi de casa, vim para a rua e comecei a cheirar. (não é?) US13 [Conta mais para mim o que tu fazes quando estás na rua] (para retomar a entrevista).

Eu acordo, vejo o horário e por volta das 10 horas vou tomar sopa na Getúlio26. US14 Eu fico esperando, no mocó* onde durmo, as horas passarem, até o horário de entrar no colégio. US 15.

Eu volto para o Parque Marinha para cuidar carros após o Colégio. US16 Eu vou para o Marinha cuidar carros ou jogar futebol. US 17 À noite no Marinha jogo baralho, cheiro loló ou fumo cigarro. US 18

Quase nada na rua é ruim para mim, bom é jogar futebol. US 19

Eu não gosto de ficar em casa. US20 Eu gostaria de ficar em lugares onde tenho amigos, conhecidos. US21 Eu ficaria num abrigo em que estivessem meus amigos de rua. US22 Não é vantagem ficar num lugar onde eu não conheço ninguém. US23

Eu não gosto de ficar em casa, embora conheça amigos, porque se nascemos na rua, vamos sempre ser de rua, não adianta! US24

[Mas tu nasceste na rua?] (Tentei esclarecer)

Eu praticamente nasci na rua porque eu estou na rua desde pequeno, eu estou há muito tempo na rua. US25 Eu até já fugi de casa, e minha fotografia apareceu no jornal. US26 Minha família veio procurar-me e não resolveu porque eu retomei para rua. US27 Eu tinha casa, porém

posso dizer que nasci na rua, pois saí de casa quando era pequeno. US28 Estou na rua porque antes de a minha avó falecer eu briguei com um menino. US29 A minha avó bebia, então eu quebrei a jarra dela e fugi de casa para que ela não me agredisse. US30

Após fugir de casa eu fui parar numa mulher qualquer na Lomba do Pinheiro 7. Essa mulher não tinha possibilidades de acolher-me e levou me num programa de rádio para localizar meus familiares. US31 Eles me buscaram para morar com eles, porém de nada adiantou: mesmo assim eu fugi novamente. US32 Estou morando com minha tia no Vila dos Comerciantes, Vila Cruzeiro028. US33 Minha mãe nunca me deu atenção, ela abandonou-me, deixando-me com minha avó. Hoje estou maior, ela está me dando atenção, porém eu não quero morar com ela. Ela convidou-me para morar com ela e eu não aceitei. US34 Eu estou morando com a minha tia que ajudou na minha criação. US35

A única coisa que é ruim na rua são os policiais que perseguem. US36 Alguns não podem ver o menino de rua que já querem agredir, correm atrás de nós. US37 Hoje, um menino de rua estava cuidando carros, e os policiais chegaram e o provocaram. Queriam agredi-lo por isso ele fugiu. Então os policiais chamaram a viatura, pegaram-no e acredito que o levaram. US38

Eu lembro de dormir na rua quando era criança. US39 (Bah!) Certa vez, eu dormi no centro, coberto por jornais. US40

Eu seguia as pessoas para que elas me levassem para casa, para que eu dormisse em suas casas. US41 Umas, apesar de não poderem ficar comigo, levavam-me com elas. Algumas delas estavam indo para a praia e não podiam levar-me junto porque eu não tinha registro em seus nomes, outras não podiam adotar-me porque já tinham filhos. US42

Eu dormia na rua, passava frio e encarangava. US43 Às vezes, eu passava fome, tinha de pedir comida nas casas. US44 Alguns dias, eu amanhecia na rua, ficava amanhecido. US45

Eu roubava carros, quebrava os vidros e roubava as coisas de dentro deles. US46 Eu roubava nos mercados. US 47 Então eu parei US46 Eu cheirava cocaína e fumava maconha. US49 Hoje, eu só cheiro loló e fumo cigarro. US50

Eu nunca usei droga injetável. US51.

Sujeito 9

D)Já.

2)Viver na rua é uma vida que não é fácil, (não é?) US1 Nós tentamos, de alguma maneira, andar limpos. US2 Nós tentamos ter sempre comida no prato, principalmente nos fins de semana, quando não temos locais onde nos alimentarmos. US3

Nós tentamos conseguir colégio. US4 Nós tentamos obter documentos, não é? A carteira de vale transporte possibilita não pagarmos a passagem, sem precisar passar por baixo da roleta. US5

É ruim alguns dias passar por baixo e outros dias pagar a passagem. US6 Hoje eu estava na Praça Quinze, e o fiscal estava na frente da roleta fazendo anotações em um papel. Eu pedi licença para passar para frente do ônibus, porque atrás estava muito quente, e ele disse-me: Tu pagas passagem um dia e queres ser o primeiro a passar para a frente. Eu respondi que estava pedindo licença. US7 Eu permaneci quieto, apesar de ter ficado irritado. US8 Como eu estava dizendo: "viver na rua realmente não é fácil". US9

Eu cuidava de carros e fazia várias coisas. US10 Usava drogas e roubava. US11 No fim de semana, cuidava de carros e fazia alguma atividade para obter dinheiro. US12

Eu acordava por volta de 8 horas e ia para o MAPA. US 13 Saindo do MAPA, eu ia para o colégio. US 14 À noite eu tentava conseguir dinheiro para alimentar-me. US15 Nos fins de semana, eu acordava tarde, cansado, pois eu ia para o baile. Acordava por volta do meio-dia e tentava conseguir dinheiro para almoçar. Eu esperava o fim de semana passar para voltar para o MAPA. US 16

o menino de rua dorme nos mocós espalhados pela cidade. Ele dorme onde quiser. US17 O menino mais despreocupado dorme em qualquer lugar. US 18 Eu não dormia em qualquer lugar, eu tinha um lugar fixo para dormir. US19 Eu passava a noite no Parque da Redenção. Eu conhecia o segurança da noite e ele emprestava-me dois cobertores para eu dormir no carro-choque. US20

Eu fui para a rua porque briguei com a minha mãe, eu discuti com ela. US21 l'Ainha mãe não me deixava sair nem fazer coisa alguma, e eu não estava estudando. US22 Ela exigia que eu trabalhasse em casa e também fora, por isso irritei-me com ela, discuti e briguei. Então disse-lhe que iria embora, e ela respondeu-me: "Se quiseres ir, então vai"; então fui para a rua. US23

Agora eu voltei a morar com ela e meu padrasto. US24

Sujeito 10

1)Sou.

2)É, como assim? [Como que tu acha que é viver na rua.] Algumas coisas na rua são, outras são ruins. US 1 Os meninos de rua têm boas oportunidades na rua. US2 Eu, por exemplo, soube aproveitar algumas delas. US3 Eu não aproveitei várias chances de trabalho, de modificar minha vida. US4 Eu vim para P.Alegre conseguir opções. US5 Eu cresci sozinho, não às custas de ninguém. US6 Eu tive oportunidade de trabalhar em escritório. US7 Hoje eu já poderia ter minha casa, mas eu não quis. US8 Morando na rua o pessoal aprende várias coisas. (não é?) US9 Eu usava drogas, hoje não uso mais. US 1 O Eu comecei a usar drogas logo que cheguei a Porto Alegre. US 11 Eu parei de usar já faz dois ou três anos. US12 Eu comecei a usar drogas por causa de uma guria. US13 Comecei a prejudicar-me por causa de uma guria US14 Eu parei de usar quando terminei com ela. US 15 Hoje eu tento melhorar; eu estudo aqui nesta escola para conseguir alguma coisa. US 16

Algumas coisas na rua são ruins porque nós apanhamos muito (silêncio) dos policiais. US17 Eles aproximam-se e dão-nos ataque²⁹. US18 Chamamos ataque quando os policiais nos param, revistam-nos e tomam o que temos de valor. Nós não podemos ter nada de valor. US19 Os policiais nos agridem se falamos qualquer coisa. US20 Eles colocaram maconha e uma faca na sacola de um amigo que estuda aqui no colégio. Eles afirmaram que a droga era dele. Eles tomaram várias coisas dele: o rádio, dinheiro e ainda o agrediram. US21 Eu passei por uma experiência semelhante; não me levaram nada, mas fui agredido. US22 Eu fui obrigado a ficar quieto, apanhei, os policiais quase fizeram eu desmaiar, (não é?) US23

A polícia, quando é chamada, agride-nos. US24 Algumas vezes, ela não agride, apenas alerta-nos, dizendo que não gostaram. US25 A maioria dos policiais ainda nos agridem. US26 O menino de rua passa muita fome US99 Os meninos de rua passam fome e frio. US 27

Tem menino de rua que não usa a cabeça (sorriso), foi para casa no verão(risada). Eles passam frio na rua e agora irão passar calor em casa. US28

O bom na rua é a oportunidade de aprendermos várias coisas. US29 Nela nós aprendemos a viver. US30 Antes de morar na rua, eu não sabia quase

²⁹ Atraque -"dar um ataque" equivale a fazer uma abordagem, desfechar uma ação. Fischer (1999, p.24)

nada, eu era burro, palhaço, todos passavam por cima de mim, eu não sabia nada, não é? US31 Hoje eu sei várias coisas que fui aprendendo ao escutar, olhar. Eu aprendi a trabalhar, a ser independente. US32

Antes de viver na rua eu não sabia fazer nada, hoje eu sei. US33 Eu vou ser pedreiro, vou trabalhar com encanamentos. US34 Aqui na escola eu cuido de pequenos serviços. Acho que tu já viste, (não é?) eu trabalhando com cano, como pedreiro. US35 Agora vou trabalhar com o reboco do muro da escola, vou realizar esse serviço e continuar trabalhando, isso é que eu acho ser o bom da rua. US36 Alguns meninos, ao contrário de mim, pensam que o bom da rua é possuir liberdade. US37 Liberdade também é bom. US38

Alguns meninos perdem a vergonha por causa da droga. US39 Hoje, quando eu vinha para a escola, convidei os gurizinhos para ir ao colégio e eles perguntaram se poderiam cheirar no colégio. Quando eu respondi negativamente, eles falaram: "Ah, então eu não vou". Eles não querem compromisso. US40 Eu trouxe um menino para a escola, mas ele não gostou porque não podia usar drogas. US41 Alguns meninos estão acostumados com a vida boa, querem receber tudo pronto, sem sacrifícios. US42 Alguns não voltam para casa porque acostumaram-se na rua. US43

Vários meninos tiveram oportunidades *iguais* as minhas. US44

3) Ah, eu faço, como assim? Tipo de trabalho? Esse negócio? [Tu dormes na rua ?] (Tentei esclarecer.).

Ah, dormir na rua é perigoso, alguns lugares são perigosos. US45 O local onde durmo é muito perigoso porque nele acontecem muitas brigas. US46 Certa vez, eu quase recebi uma facada de um homem que durante a madrugada aparecia no mocó. US47

Nós acordamos cedo, não é? Eu acordo e venho para o colégio, eu nem lavo o rosto porque não gosto do mocó, eu lavo o rosto no colégio. US48 Todos os dias pela manhã eu trabalho na horta da escola. US49 Eu passo o dia nela. US50 Após a escola, eu vou assistir televisão (sorriso) num bar – que vende bauru. O bar localiza-se na rua Celeste Gobatto, próximo ao Fórum. US51 Lá fico conversando com alguns amigos. US52 (Bah!) Eu fumo cigarro com meus amigos. US53 Eu vou na casa desses amigos para jogar e mexer no computador. US54 Eu sou apaixonado por computador, não existe nada melhor, eu adoro computador! US55

Eu participei de um encontro nacional onde havia várias opções de trabalho e eu escolhi principalmente informática. US56 Trabalhei com *informática para transmitir a experiência ao pessoal do colégio*. US57 Eu também aprendi algumas danças no encontro. US58 À noite eu deito e *fico conversando*. US59 *Algumas vezes* nós ficamos até tarde cantando *pagode, samba, rap e após cantar*, eu vou dormir. US60 *No dia seguinte*,

acordo-me e faço as mesmas coisas: venho ao colégio, trabalho pela manhã e saio ao meio-dia, voltando às 13h e. 30min. US61 Algumas vezes, quando eu tenho mais trabalho, eu permaneço no colégio. US62 A minha vida na roa é assim! US63

4) Eu estou na roa por causa do meu tio que me agredia. Eu não gostava porque ele submetia-me a humilhações. US64 Eu saí de casa, em Santa Catarina, quando tinha 12 anos. US65 Faz cinco anos que eu moro na rua em Porto Alegre. US66 Eu saí de casa porque queria construir minha vida sozinho, sem depender de ninguém, como dizem em Santa Catarina. US67

Eu morava com minha avó e uma irmã. US68 Minhas irmãs casadas convidaram-me para morar com elas, mas eu não aceitei depender delas, meu orgulho é muito forte. US69

Quando eu tiver dinheiro não vou morar aqui, e sim em São Paulo, porque lá é melhor. US70 Eu conheci várias pessoas no encontro e elas me convidaram para morar em São Paulo. US71 O João, um amigo que conheci no encontro, deixou-me o telefone para eu ligar quando quiser trabalhar com ele, disse-me que sua casa está à disposição, por isso vou morar em São Paulo. US75

Em São Paulo eu posso trabalhar com computadores. US76 As pessoas que trabalham no local já estão formados e querem auxiliar-me, mas eu não vou explorá-las, vou trabalhar para conseguir o que desejo. US77 Esse lugar não é bem em São Paulo, e sim em Minas Gerais, Belo Horizonte, (não é?) US78 Algumas pessoas da Igreja, durante a semana, trazem comida para nós, meninos de roa, não é? US79 Elas conseguem dinheiro através da igreja, compram comida e mandam fazer para nós. Segunda-feira vem sopa, eles nos trazem sopa à noite. Terça -feira vem bandeco, como nós chamamos: arroz, feijão, massa, carne, suco e sanduíche. Quarta- feira é o único dia em que não recebemos nada. Quinta-feira tem novamente sopa, sopa vegetariana, só com verdura, sem carne. E carreteiro. Sexta -feira tem cachorro quente e sopa diferente. Sábado, sopa também, sopa e sanduíche.

Nós nos alimentamo na rua Ipiranga. US81 Domingo pela manhã um rapaz de moto nos traz café. US82 Pessoas usando carros passam nas pontes, diretamente nos mocós e dão-nos comida. US83 Todos os meninos que estão no mocó comem, os que não estão lá perdem a refeição. Eu já perdi várias vezes. US84 Algumas vezes, quando saio do colégio, eu fico conversando no bar, esqueço-me das refeições, mas meus amigos dão-me bauru. US85

Esses meus amigos do bar, onde assisto televisão, ofereceram-me trabalho. Eles querem abrir o bar em dois turnos, e eu estou esperando conseguir um turno de trabalho. US86 "Deus o livre" então já vou viajar no próximo ano. US87 Completo 18 anos e já vou viajar para Minas, não

é? US88 Eu vou escapar do serviço militar e viajar (sorriso) US89 Eu não gosto do serviço militar porque conheci muitas pessoas que sofreram no quartel, sofreram sem nenhum objetivo, sofreram por seis meses. US90 Após seis meses tu podes optar por sair ou continuar, meu amigo escolheu sair, porque sofreu demais no quartel. US91

[Após desligar o gravador, Renato falou-me da escola. Pedi, então para ligá-lo novamente para que eu pudesse gravar sua fala, ele consentiu.]

5)Fala um pouquinho da escola.

Eu considero a escola a minha casa. US92

O carinho que eu tenho das professoras na escola, ó, eu nunca tive em lugar algum. US93 As professoras são como minhas mães. US94 É aqui na escola a minha casa. US95 Eu gosto muito dela, gosto mesmo. US96 Eu fico "dando uma de burro" só para ficar aqui na, porque, ao passar para a noite, serei aluno do SEJA *, 30 outra instituição da SMED, então eu dou uma de "burrinho". (sorriso) US97

Ah, tantas coisas; aqui na escola eu sinto-me em casa.

Sujeito 11

1)Já.

2) Ah, no meu ponto de vista, depois que eu saí da rua, muita coisa mudou porque eu acredito que a rua não é vida para ninguém. VS 1

Nela nós, meninos de rua, passamos muitas dificuldades. US2 As pessoas têm muito preconceito em relação aos meninos de rua, não é?US3 A rua não é vida para nenhuma pessoa, porque viver em casa é bem melhor. US4 Nós sabemos que em casa temos mais segurança do que na rua. US5

Na rua eu usava drogas. US6 Na rua eu dormia embaixo da ponte. US7 Na rua, algumas vezes nós tínhamos o que comer outras vezes não. US8 Os policiais iam nos mocos e agrediam-nos porque usávamos drogas. US9

Muitas coisas aconteceram quando estávamos na rua. US 1 O As pessoas negavam- nos comida, tínhamos que rir para instituições de caridade para

receber sopa. US11 Na rua, passávamos muitas dificuldades para conseguir as coisas, não é? US 12

A comunidade tem um outro olhar diferente para os meninos de rua em relação a um "adolescente normal", não é? US13

Algumas vezes eu dormia por volta das 4 horas da madrugada e acordava às 4 horas da tarde e ficava usando drogas junto a outros meninos de rua, (não é?) US14 Muitas vezes eu ficava conversando enquanto outras crianças saíam para cuidar carros no Parque Marinha. US 15 Na maior parte do tempo, nós tentávamos conseguir dinheiro, não para comer, mas para usar drogas. US 16 Muita coisa mudou quando voltei para casa. US 17 Eu cuidava de carro. US 18 Algumas vezes eu ia em casa para pedir dinheiro à minha avó. US19

Eu fui para a Febem por causa de roubo, logo que eu saí para a rua. US20 Estar embaixo da ponte era diferente de estar na Febem. US21

Os homens ficam olhando-nos e vários deles fazem propostas para dormirmos com eles. US22 As meninas mais bonitas sofrem muito. US23 A minha irmã já foi estuprada na rua, não é? US24 Eu, graças a Deus, nunca tive esta experiência, não é? Eu já conheci várias amigas que foram estupradas pelos policiais, (não é?). Eles agarram-nas quando elas estão na rua de madrugada.. Eu já testemunhei quando policiais levaram as meninas e em um lugar qualquer as violentaram. Graças a Deus comigo isso nunca aconteceu, não é? US25

Nós temos muitas lembranças, recordamos as pessoas que convivem conosco. US26 Nós lembramos da polícia agredindo as pessoas, não é? US27 Lembrança é o que não falta na rua ... US28 Eu lembro bem de quando fui presa, do tratamento a que fui submetida na delegacia ... porque o tratamento a que fomos submetidos, mesmo que os policiais estivessem certos, não era apropriado para ser usado com adolescentes. Eu acredito que o adolescente não deveria receber o mesmo tratamento do adulto. US29

Não sei explicar o modo como as pessoas em geral nos olham. Para elas quem mora na rua é marginal. Isso é o cúmulo. Essas são as lembranças que eu tenho da rua.US30

4) Eu fui para rua, de certa maneira, por incentivo dos amigos. US31 Eu fui, em parte, porque eu me sentia muito tolhida dentro de casa, morando com minha avó. US32

Eu fiquei muito revoltada quando minha mãe adotiva faleceu, então comecei a ir aos bailes. Gostei da rua e, depois de um tempo, não voltei mais para casa; só esporadicamente eu voltava. US33

Sujeito 12

Ao ser questionada se era menina de rua ela respondeu: "sou". A pesquisadora então perguntou-lhe como era viver na rua.

Viver na rua? Viver na rua é cheirar loló! D12 US1 Viver na rua é fumar cigarro! (risada) US2 Viver na rua é bagunçar ... US3 E eu saio com os velhos... US4 Eu roubo (sorriso). Roubo dinheiro dos velhos para comprar loló, US5 não roubo ... US6 É só isso que eu faço. US7

3) Eu durmo na rua! ... US8 Depois de cheirar loló, eu vou dormir. US9 O loló deixa-nos tontos. US10 Ao acordar eu fico cheirando loló na rua com minhas amigas... (risada) US11 Eu venho para a escola estudar. US12 Para saber ler e fazer as continhas que eu não sei bem. US13 Depois da escola, eu volto para a rua e fico cheirando loló e fumando cigarro com os guris e as gurias. US14 Eu saio com os velhos. US15 Eles pedem para eu sair com eles e oferecem-me dinheiro. US16 No hotel saio com vários homens ... US17

4) Eu não gosto de ficar em casa !US18 Eu sou viciada em loló. US19 Eu ficava em casa quando não era viciada. US20 Uma vizinha veio em minha casa e levou-me para rua. US21 Depois que fiquei viciada, eu não que..., não queri..., eu não gosto mais de ir para casa. US22

*Análise Fenomenológica**



* Desenho utilizado com a autorização do autor (Anexo 7). Apanhado na internet. Latuff Cartoonist - Rio de Janeiro/Brasil. Latuff@gbl.com.br

9 ANÁLISE FENOMENOLÓGICA

Esta análise permitiu à pesquisadora ver emergir as essências, que organizadas a partir dos processos dos quais se depreendem, levam a compreender a articulação do fenômeno.

9.1 CONVERGÊNCIAS

9.1.1 Relações familiares **DI, D2, D3, D4, D5, D6, D7, D9, DI0, D11***

O seio das relações familiares pode guardar os motivos que levam o menino a deixar sua casa. A violência, física ou moral, vivenciada no dia-a-dia familiar, pode estabelecer o limite entre a casa e a rua. Ao perceber que as marcas deixadas pela intensidade das agressões são profundas, o menino passa a não suportar e rompe com essa estrutura que lhe causa sofrimentos; sai, e vai para a rua. Ataíde (1993, p.93) encontrou na fala de um de seus entrevistados, este motivo:

• A letra *D* significa Discurso e o número refere-se ao sujeito.

"Acho que menino que apanha em casa tem que ir para a rua... quem manda os pais baterem neles?... os pais batem e querem que os filhos fiquem quietinhos, bonzinhos... mas os meninos ficam retados, porque ninguém gosta de apanhar!... filho não nasceu para apanhar e ficar apanhando!... é por isso que os filhos se revoltam e vão pra rua e nunca mais voltam pra casa".

Mudanças de diferentes ordens na família provocam alterações que influenciam diretamente o bem-estar familiar. O pai que abusa do uso de álcool pode tornar-se violento. A mudança em sua conduta leva-o a agredir o menino. As relações familiares tornam-se insuportáveis, e a rua aparece como uma opção.

Novas relações desenvolvidas pela mãe introduzem um estranho na família. O padrasto revelando-se violento, torna o convívio familiar muito difícil. Diante da agressão do estranho, o menino é indefeso e, mesmo com o amparo da mãe, não consegue suportar o sofrimento. O carinho por ela e a vontade de protegê-la também podem provocar a saída do menino para rua, pois, ao enfrentar o padrasto, exigindo melhores condições de vida para a mãe, cria um ambiente de conflito. Evitando o confronto entre o casal, o menino sente-se inoportuno e deixa o ir, acreditando que sua saída oportunizará o bem-estar familiar. ["... às vezes eu brigo, brigo com meu padrasto prá dá as coisas prá minha mãe. E eu saio, saio prá rua, só prá deixá, deixá eles feliz, prá não estragá a vida deles "]D5US32, 34

O convívio com outros agregados à família, como um tio, também pode ser motivo de ida para a rua; pessoas com parentesco mais distante, dividindo o mesmo teto, tornam-se agressivas ao menino que, cansado de sofrer violências, sai em busca de outras formas de viver. *f... meu tio, ele me batia, fazia eu passá vergonha, daí eu não gostei, né? Eu tinha doze anos, daí peguei e saí de lá.] DIOUS64, 65*

O rompimento de relações familiares por morte provoca profundos sofrimentos no menino; sentimentos de mágoa e de dor pela separação levam-no à fuga. Sem entender o porquê de ser vítima de tamanho infortúnio, experimenta um sentimento de vingança e desprezo, acreditando que perdeu valores na vida, vai em busca de algo que possa preencher-lhe os vazios que tem em sua alma.

A morte do chefe de família leva consigo o conjunto de regras estabelecidas dentro de casa; sem um norte para suas atitudes, o menino sente-se livre para fazer suas opções e acreditando ser a rua um bom local, parte de casa. Graciani (1999, p.127) destaca:

"... Como sabemos, essa ausência tem graves conseqüências para o desenvolvimento tanto da criança quanto do adolescente, que precisa do pai, seja para colocação dos limites, seja para identificação, seja para a representação de um ideal e ou para a ordem do mundo que o rodeia. Caso isso não ocorra, ele não tem condições plenas de criar uma consciência de limites, vivendo num vácuo de controle. "

A família miserável, que não tem como satisfazer o ensino em todos seus desejos, também responsável pela ida dele para rua. Rizzini (1995, p.58), escrevendo sobre as relações familiares afirma:

"Os dados existentes sugerem que os meninos e meninas que vemos muitas vezes jogados pelas ruas pertencem a núcleos familiares extremamente pobres, onde faltam condições mínimas, capazes de assegurarem uma organização familiar, baseada num sentimento de dignidade e segurança entre seus membros. "

9.1.2 Amigos D8, D11, D12

Um conhecido, um amigo (assim denominado pelo menino) relatando as experiências positivas da rua, pode despertar-lhe a curiosidade de viver uma história diferente. Pela mão dele, o menino deixa sua casa, embalado por fantasias de um mundo encantado. Rizzini (1995, p.73) escrevendo sobre fatores que conduzem crianças às ruas, explica: "*...crianças alegaram terem sido atraídas pelos colegas, em busca de aventura e liberdade.*»

o conhecido oferece a droga, e a dependência leva o menino às ruas. Desviado do caminho da casa, permanece na rua preso ao vício, mergulhado num sonho de falsa independência.

9.1.3 Independência D5, D7, D9, D10, D11

Quando o menino sente-se aprisionado pelas regras impostas pela família, a saída para a rua pode ser compreendida como a busca da liberdade. Sem suportar as exigências feitas em casa, pensa que na rua será senhor de seus próprios atos. O orgulho e a vontade de construir um caminho sem depender de outros estimulam-no a querer edificar seus sonhos longe da família. Onipotente, agradece possíveis rearranjos familiares, parte para enfrentar os caminhos da rua.

9.1.4 Transitoriedade dos mundos D1, D2, D3, D6, D7, D8, D9, D10, D11

Os limites entre a rua e a casa são flexíveis. A criança que sai de sua casa para a rua pode ser aquela que experimenta, sofre, padece toda sorte de acontecimentos

dolorosos no convívio familiar. Isso acontece quando se evidenciam a miséria, precárias condições de moradia, os vícios, a deterioração das relações intrafamiliares. Num certo momento dessa vida, a criança, atormentada pelo sofrimento, inicia um movimento de saída em busca de contextos menos agressivos, onde supõe existirem possibilidades de bem-estar. Configura-se aí o processo de ir e vir, transitando em diferentes realidades, impostas pela indefinição daquele que perde a referência ou que está à procura de outra. Craidy (1998, p.53) escreve sobre o movimento dos meninos:

"Uma tal circulação inclui a casa de parentes ou amigos; as instituições assistenciais, principalmente os albergues e a Febem; a rua e os 'mocós"...

A criança exposta às inquietações da desproteção adere a grupos e aprende a distanciar-se da realidade através de experiências fantasiosas provocadas pela droga, pela possibilidade de conseguir dinheiro; introduz-se gradativamente no mundo da rua. Vai desenvolvendo habilidades para conseguir alimento, teto, relacionar-se de acordo com a ética da rua, que exige determinados comportamentos. Cada vez mais, vai se comprometendo com a prática de atitudes transgressoras, mas que lhe proporcionam um resultado imediato.

O menino está, de certa forma, inserido em experiências novas. Na rua está sujeito a agressões como fome, dor física e moral, saudade, morte, apelo sexual e outros, inclusive ao recolhimento em instituições fechadas que o mantêm preso.

* Grifo no original.

Cumprida a pena, pode estar livre para outra oportunidade de convivência social, pois como afirma Foucault (1994, p.22)

“...as medidas de segurança que acompanham a pena se destinam a controlar o indivíduo, a neutralizar sua periculosidade, a modificar suas disposições criminosas, a cessar somente após obtenção de tais modificações”.

Ao deixar o mundo das instituições fechadas, reflete, esforça-se para não retomar a elas; na visão do mesmo autor (1994, p.86) *"a lembrança de uma dor pode impedir a reincidência"*.

O menino já pode escolher, pois leva consigo a experiência, a perspicácia e o espírito preparado. Sabe que existe a possibilidade de movimentar-se no contexto da rua. Cada vivência é uma descoberta que lhe agrega algum conhecimento, mas que não lhe retira a condição de ser de rua.

O mundo do menino de rua também se constitui de passagens efêmeras por diferentes espaços. Falando de uma dessas passagens, o menino verbalizou: *["Daí fiquei, fiquei um dia, dois dia em coma no Pronto Socorro. Aí depois quando eu fui, do acidente, aí eu fui, aí me encaminharam lá prá Febem"]* D3US30, 32. Ferido, desfalecido, vítima de acidente, é acolhido no Pronto Socorro da cidade. Recuperado, pode encontrar um novo caminho, ao ser encaminhado a outra instituição que zele por sua segurança. Deixa a rua e passa a viver sob a tutela do governo ou, vê-se refletindo sobre a possibilidade de voltar para a casa da família; trata-se da referência natural, pois lá, talvez possa encontrar ajuda.

O sofrimento experienciado na rua possibilita ao menino internalizar que a casa seria um lugar melhor, onde a dor poderia ser minimizada pela convivência com a família. As tentativas e frustrações possibilitam a reflexão acerca do bem-estar; esclarecendo-o para observar que, em determinado momento; a vida pode modificar se na volta para casa. Esse movimento de retomo é proporcional ao problema que motivou sua saída. Faz-se prudente aguardar o momento em que os conflitos familiares tenham sido minimizados, então, disposto ao recomeço, pensa em auxiliar na reconstrução familiar. [*" Daí agora eles tão se acertando, não tá batendo mais em mim, eu to ficando em casa, com minha mãe"*]D2US27, 28, 29.

Esse menino demonstra viver o tempo de hoje. O amanhã é incerto. Assim, ele sai de casa para rua, nela podendo ser aprisionado e/ou solto, retomando para ela ou para casa. É a mudança, o movimento, a imprevisibilidade do modo de viver as relações de afeto com as pessoas, coisas e espaço.

9.1.5 Necessidades D1, D2, D3, D4, D5, D6, D7, D8, D9, D10, D11

Como qualquer criança, o menino de rua possui desejos e necessidades a serem atendidas. Diferente da criança que vive com a família, ele não conta com o suporte familiar, deve aprender a responsabilizar-se por si próprio. Passa a assimilar um mundo de privações e escassez; vive, ainda que sub-exista. Craidy (1998, p.22) enfatiza:

"Para os que vivem na rua, não há história, mas um repetir- se crônico e circular da vida sem projeto, eterno presente que implica a luta cotidiana pela sobrevivência. Permanecer vivo, ter algum prazer constituem o móvel fundamental do existir".

Aliada ao preconceito e às violências físicas sofridas, o menino sente no corpo a escassez do alimento e do agasalho. [*"É muita fome que a gente passa, fome e frio"*]. DIOUS27, 99 Graciani (1999, p.110) argumenta que

"Hoje, a criança, o adolescente e o jovem de e na rua representam, ante o todo, uma das categorias mais graves quanto ao grau de pobreza, de miséria de fome, nudez, insalubridade, abandono, desproteção política, ignorância e muitas outras circunstâncias que o caracterizam com um protótipo de agressão social, marcado pelo sofrimento, pela privação e pela expropriação dos direitos".

Vendo-se diante de poucas alternativas, a criança esboça suas virtudes e imperfeições; humildade e arrogância polarizam as atitudes do cotidiano na rua; assim como pede, também rouba. Alimenta-se nos albergues espalhados pela cidade ou aproxima-se de alguém que passa pela rua, na esperança de ser acolhida. No albergue, sabe que é mais um, perde-se no meio de meninos com história semelhante a sua. Sonha em encontrar um novo lar, uma família. A ajuda pode ser temporária e, é bem possível que venha a acontecer o retomo para a vida na rua.

Orgulham-se e reconhecem quando possuem a ajuda de um amigo. [*"... eu não dormia em qualquer lugar, ficava, eu tinha um lugar fixo prá ficá! (risada) eu ficava num parque, aquele, aquele parque que tem lá na Redenção! Eu conhecia o segurança de lá, que ficava de noite lá, aí lá, ele me dava dois cobertores, e eu dormia no carro- choque que tem."*]D9US 18, 19, 20

Entorpecidas pelo cansaço de caminhar pelas ruas, correr, fugir, esconder-se da polícia e pelo uso das drogas, as crianças adormecem. Sem poderem escolher o local, dormem no espaço público, pois viver na rua é morar nela. O menino sem

endereço, anônimo, ultrapassa com persistência os limites determinados pela sociedade que o exclui. Compreende que o seu modo de viver pode não contemplar perspectivas de vida e acomoda-se nos becos, pontes, esconderijos, sem alcançar a compreensão de por que existem tantos significados da ponte que segundo Ferreira (1986, p.112) é "*qualquer elemento que estabelece ligação, contato, comunicação ou transição entre pessoas ou coisas*". Trata-se do alojamento e também do lugar de refúgio, e o menino dorme sob ela que lhe serve de teto, sem no entanto, auxiliá-lo na transição. Permanece ali enquanto outras pessoas, caminhando em cima, utilizam-na para ir e vir.

O menino, enquanto repousa, sente-se protegido pelos companheiros que dividem o espaço da ponte. A companhia e um número maior de meninos significa mais segurança; mesmo escondido, compreende que precisa manter-se atento. Com a noite, chega a escuridão, e a violência persegue-o mais de perto; são esses os momentos em que os inimigos geralmente aparecerem. Rivais da rua, outras crianças, adolescentes e adultos com quem tiveram alguma desavença e, até mesmo, com a polícia, procuram agir no escuro, que esconde as atitudes quando subjagam o menino. O momento do sono é sempre perigoso, pois caracteriza a hora do acerto de contas, e o descuido pode ser fatal.

A criança de rua revela o gosto pelo brinquedo. Brincar significa divertir-se e, é quando ela procura tornar real a fantasia e os desejos infantis. Esse pequeno tem ao seu alcance o jogo eletrônico, o qual desperta a possibilidade da vitória, de ultrapassar o limite e destruir o inimigo; assim como propicia a experiência da utilização de armas sofisticadas, de ser um vencedor, de conseguir a valorização, o

respeito e alguns objetos que podem significar felicidade. Graciani (1999, p.149) enfatiza:

“A criança de rua, brincando, afirma-se, constrói-se, reve-se no mundo, cria saber e conhecimento sobre seu universo, como ato de criação. No terreno da ludicidade, são bruxos, magos, reinventando a realidade. ”

A diversão também é dispendiosa; a criança precisa ter dinheiro para acessar o espaço virtual dos jogos eletrônicos. Envolvida com o entretenimento e com as maneiras de obter dinheiro para usufruir dele, afasta-se de outros mundos como o da droga. O entretenimento sem custos também faz parte do cotidiano da rua; é aquele que se efetiva no dançar, cantar, partilhar as áreas públicas e gratuitas com os amigos. É a convivência social que a rua possibilita, é o local para o futebol; jogar bola significa possuir espaço para criar, conviver com amigos, momentos de esquecer as diferenças. Correndo atrás da bola como qualquer outro menino, pode alcançar momentos de glória que o gol concretiza. É também por intermédio de relações de amizade que desfruta o prazer do uso de objetos desejados, como por exemplo, de uma bicicleta. O amigo, que possui uma, empresta seu brinquedo para diverti-lo.

Nos finais de semana, a rua oferece outras formas de diversão como os bailes a possibilidade de dormir até mais tarde sem ser perturbado pelo movimento gerado pela cotidianidade dos dias úteis; assim permanece mais tempo deitado, descansando.

A alimentação torna-se menos fácil quando as instituições abertas não funcionam e uma nova direção deve ser tomada para a busca do alimento; é preciso

contar com o auxílio de pessoas, com atos isolados, encontrando aquele que, sem conhecer o menino, esteja disposto a auxiliá-lo . Há pessoas que preparam refeições e distribuem-nas no sábado e no domingo. Vão ao encontro dos meninos, entregam-lhes o alimento e partem sem serem identificadas . A questão da solidariedade está presente no Relatório Azul (Rio Grande do Sul, 98/99, p.268)

"Muitas pessoas dedicam-se a alimentar os moradores de rua, no local em que eles se encontram, sem se darem conta de que esta ação fixa os moradores nas ruas. O exercício da caridade e da solidariedade não tem o efeito de suprimir, mesmo que progressivamente, o problema, mas apenas proporciona condições menos desconfortáveis de permanência dos indivíduos nas ruas. "

A necessidade de atenção e de ser reconhecido em seus progressos pode ser suprida por profissionais de instituições filantrópicas e organizações não governamentais que se dedicam aos meninos. Encontram-se nas ruas e esforçam-se para transportá-los a mundos inimagináveis, ensinam sobre países distantes e sobre culturas diferentes. Transmitem carinho, atenção, possibilitando o crescimento do menino. Envolvidos com a criança, acenam com outras possibilidades, pois propiciam aos meninos visitar exposições, passeios, mostrando-lhes realidades diferentes; oportunizam o conhecimento de outras culturas, enfatizando a diversidade do viver humano, facilitando a apreensão de que as diferenças existem e não estão para inferiorizar o ser humano.

Reconhecendo o valor dos atos solidários, o menino de rua também quer amenizar as necessidades daqueles com quem convive e, sempre que encontra um caminho como o do trabalho, sinaliza ao companheiro os passos a seguir. Tem noção de que trabalhando pode adquirir o alimento, vestir-se melhor e abrigar-se

dignamente. O que consegue para si deseja que os demais meninos também obtenham, demonstrando, assim, solidariedade.

9.1.6 Transgressões D2, D3, D4, D6, D7, D8, D9, D10, D11, D12

Considera-se transgressão um ato ilícito, e de acordo com códigos sociais, os que cometem essa falta devem ser condenados e punidos. Na vida do menino nas ruas o que é ilícito pode caracterizar-se de diferentes formas.

Afastado da família e sem referenciais, o menino envolve-se no mundo das transgressões. As regras obedecidas em casa não são as mesmas da rua. Embora possua consciência (*Sorriu ao dizer que roubava*) de que determinadas condutas não são aceitas pela sociedade, ele não tem escolha: rouba, usa drogas, dorme em local público, provoca desordem: infringe a norma ou corre risco de vida.

9.1.6.1 O Roubo

A criança de rua também precisa de dinheiro e, para obtê-lo, torna-se pedinte e espera a compaixão daquele que passa, submetendo-se às humilhações na relação com o estranho. Frustrada nas tentativas, investe contra as pessoas para tirar-lhes algo de valor que possuam. Retirando dos outros, sente-se menos humilhada, torna-se senhora de algo que não possuía e de que necessitava; ela não escolhe a quem abordar. Ao contrário da humilhação que sofre pedindo, quando rouba, torna-se poderosa, é reconhecida diante da sociedade ao destacar-se, tem a atenção voltada para si.

Os meninos de rua instituíram sua ética, a qual dá sentido para o ato de transgressão. Exemplificando pode-se dizer que ainda que cobice está proibida a abordagem de pessoas idosas para o ato de roubar. Quando acontece a prática ilícita do roubo, na quebra da ética, a criança sente culpa por agredir uma pessoa indefesa. Tem consciência do ato que pratica, sabe das dificuldades que os aposentados enfrentam para sobreviver.

As marcas do sofrimento na rua podem levar a atitudes de vingança. A menina que se vê agredida quando submetida à prostituição rouba daqueles que violam seu corpo. Ao roubar deles, supõe os estar punindo por sujeitá-la a tal prática. [*"E eu saio com os véios. Robo dinheiro dos véio prá comprá loló."*] D12US4, 5 Ramos (1999, p.106) refere-se a esta punição provocada pelas meninas:

"É maior a violência que ela sofre, então é muito maior a carga emocional de revolta".

O roubo pode ser a fonte para obtenção das drogas; o vício toma-se, algumas vezes, mais essencial que o próprio alimento.

9.1.6.2 As drogas

"... os jovens marginalizados (que no conjunto, sofrem de graves carências, tanto materiais quanto afetivas) experimentam cruelmente a 'falta de satisfações', vivida diretamente no real. Tais crianças, privadas de afeição e vivendo 'em estado de dependência absoluta', por serem totalmente desinvestidos pelos outros (os adultos), não alimentariam mais desejos próprios: eles têm necessidade de morrer para se sentirem vivos" (Bucher, 1992, p.71).

A criança torna-se ainda mais vulnerável sob o efeito contínuo do entorpecente, assim como adormece, também pode tornar-se hiperestimulada. Isso representa a descontinuidade na vida escolar, lúdica, criativa. O menino pode passar a atuar como usuário, manipulador e comerciante. Esses papéis surgem no próprio convívio com rua.

Além de consumir a droga, o menino passa a adquirir produtos químicos, manipulando-os e vendendo-os a outros usuários. Definem-se riscos de injúrias ainda maiores que o uso do entorpecente: ele se expõe na manipulação de produtos químicos corrosivos e tóxicos. Sem estar capacitado ao manuseio desse material, sofre acidentes durante o preparo.

O vício da droga constituiu-se em um círculo vicioso, o qual expõe a criança a agressões verbais. Nesse círculo a sociedade enfatiza a condição de usuário, dependente, viciado que ele tem, discriminando-o, marginalizando-o ainda mais.

Violência D1, D2, D3, D5, D6, D7, D8, D10, D11

9.1.7

"A vida das ruas é intrinsecamente violenta e instável e é preciso saber manter-se entre essas coordenadas para sobreviver. Para tanto, o menino deve adquirir uma percepção aguçada e crítica do que ocorre à sua volta, tanto ao nível do factual quanto ao nível das relações" (Ferreira, 1979, p.87)

A violência mostra-se como um dos contextos mais significativos do vivido pelos meninos de rua. À medida que a pesquisadora vai se inserindo no mundo do qual eles fazem parte, descortinam-se os meandros do cotidiano de violência a que essas crianças estão expostas.

Viver na rua "*é ruim*". Nela, o menino infere que a vida é violenta, que as relações entre os humanos podem se revelar na agressão. Considera a rua um espaço público onde outras pessoas que também circulam são desconhecidas e que os cruzamentos favorecem comportamentos diversos, constituindo-se, às vezes, numa ameaça à sua integridade.

A vida na rua parece preparar a criança para a sobrevivência. A constância de um mesmo comportamento exercita-a, habilitando-a à prática dessa condição de existir. Convém que ela não dispense o cuidado de estar atenta, pois as quebras de relações são mais propensas quando se observa alguém andando sem referência, sem proteção.

Nas relações humanas da rua existem os iguais (irmão de rua) e os diferentes. Enquanto os primeiros se protegem, os demais são intimidantes. Referindo-se a isso, Graciani (1999, p.117) comenta:

“A intensidade dessas relações com o grupo pode explicar-se pela necessidade de proteção ante a violência e a agressividade do meio ambiente e também como elemento de defesa. Esses mesmos aspectos permitem compreender a estabilidade de suas relações e dos marcos afetivos. Tanto assim é que a maioria deles se trata como 'manos' ou 'manas' ”.

Neste modo de viver está a travessia para a diferença quando o menino pode ser submetido a imposições do poder físico, social e, principalmente, financeiro, sofrendo injúrias e sendo destituído de qualquer virtude ou consideração, porque é de rua. Ao dar-se por vencido, restam-lhe a vergonha, a humilhação e a resignação.

O espaço da rua toma a criança alvo da imprevisibilidade, do risco de acidentes comuns, tornando explícito que o curso da vida depende da sorte.

O menino percebe que o ato de violência não é apenas sentido no corpo, pois o preconceito gera sofrimento moral e psíquico. O olhar discriminatório do público sinaliza a diferença, traduzida pela aparência suja de andante e possivelmente denuncia seu modo de ser envolvido em transgressões e comprometimentos com as instituições policiais. É tido como divergente, ruim, marginal, desprezível. Ramos (1999, p.77) escreve sobre discriminação:

"Embora o percentual de atos criminosos nesta população seja muito pequeno em relação ao total de atos criminosos praticados na sociedade, esses atos são enfatizados e explorados ao máximo, ganhando constantemente as manchetes dos jornais. O que serve de propósito estratégico de confirmar a discriminação e a exclusão desta parcela da população. "

A criança é desrespeitada por aqueles que diariamente cruzam seu caminho. Guarda na memória momentos em que, sendo vítima da incompreensão humana, foi submetida a humilhações. Sofre com as agressões verbais, proferidas por pessoas, conhecidas ou não, que censurando sua condição de rua, a têm como inferior.

Nas relações com o estranho, é comum a desconfiança; o menino reconhece que, a qualquer momento, pode ser alvo de denúncia, pois existe uma cultura do perigo com a sua aproximação. Dimenstein (1991, p.27) escreve:

"(...) o peso da suspeita recai, de fato, no garoto que anda na rua, seja ele infrator ou não. É suficiente que insinue, através de suas roupas, estar apto a roubar uma carteira. Ele é tão visível quanto temido. São os chamados 'pivetes':

bastou vender chicletes, limão ou qualquer desses biscates já é suspeito ".

Reconhece que, ao cometer atos ilícitos, pode envolver-se com a polícia, porém não aceita ser discriminado na sua condição de menino de rua, pois percebe que a simples presença dele incomoda as pessoas, levando-as a solicitar ajuda dos policiais para impedir sua aproximação. Um grupo de crianças ou adolescentes bem vestidos provavelmente não provocaria mal estar e a intervenção policial.

A criança dá-se conta de que, vivendo na rua, precisa da ajuda de outros que podem ser aqueles que a protegem e, ao mesmo tempo, a repelem. Sua atitude fala da relação de supremacia das classes sociais mais favorecidas sobre as mais inferiores. Ser de rua é viver a inferioridade social, diferente de viver em casa, em família, que pressupõe a referência, a identidade e a segurança. O menino de rua reconhece que, diante do poder, está sempre em desvantagem. A experiência ensina-lhe que suas palavras não têm valor quando comparadas às de uma autoridade instituída pelos homens. Sente-se inferiorizado porque não recebe apoio legal, ainda que seja criança. Sabe que é diferente daquele que conta com apoio da família; sua voz não é suficientemente forte para fazer-se ouvir. Diante do juiz, no momento da audiência, teme que a verdade do policial seja reconhecida e que a sua verdade não seja ouvida.

Foucault (1994, p.88) esclarece a ligação entre a polícia e a justiça:

"Daí a idéia de que o instrumento de justiça seja acompanhado por um órgão de vigilância que lhe seja diretamente ordenado, e permita impedir os crimes, ou, se não cometidos, prender seus autores; polícia e justiça devem andar juntas como duas ações complementares de um mesmo processo .a polícia assegurando 'a ação da sociedade sobre cada indivíduo', a justiça, 'os direitosdos indivíduos contra a

sociedade'; assim cada crime virá à luz do dia, e será punido com toda certeza. "

9.1.8 Violência da Polícia DI, D4, D7, DI0

"Segunda metade do século XV]]!: o soldado tornou-se algo que se fabrica; de uma massa informe, de um corpo inapto, fez-se a máquina de que se precisa; corrigiram-se aos poucos as posturas; lentamente uma coação calculada percorre cada parte do corpo, se assenhoreia dele, dobra o conjunto, torna-o perpetuamente disponível, e se prolonga, em silêncio, no automatismo dos hábitos; em resumo, foi 'expulso o camponês' e lhe foi dada a 'fisionomia de soldado'. " (Foucault, 1994, p.125).

Vivendo em um mundo permeado pela violência, o menino está sempre exposto ao confronto com a polícia. A vida na rua pressupõe cruzamentos. Para ele que habita o espaço comum a todos, em constante busca de coisas suas ou não, a presença da autoridade policial que impõe a ordem, apresenta-se como julgadora das atitudes e impositora do castigo.

A pena envolve o corpo e imprime marcas morais significantes, porque violenta a criança e a imagem de sua mãe, maldizendo sua concepção de ser humano.

{*O brigadiano me chamô fio da puta, dei um soco na cara. Não gostei.*} D1US33,

34. Foucault (1994, p.20) explica a importância do fato de o castigo atingir não apenas o corpo, mas mais que isso, a estrutura interna da pessoa:

"... Pois não é mais o corpo, é a alma. À expiação que tripudia sobre o corpo deve suceder um castigo que atue, profundamente, sobre o coração, o intelecto, a vontade, as disposições. Mably formulou o princípio decisivo: Que o castigo, se assim posso exprimir, fira mais a alma do que o corpo. "

Invadida no seu mundo pessoal, a criança protesta, revida e é reprimida em sua liberdade de ir e vir. Alguns policiais imobilizam as ações dos meninos, utilizando força e poder para atingir um corpo já possuidor de outras feridas; outros, da mesma forma, são capazes de deslocar o menino de seu caminho; se está parado, deve caminhar; se está se movimentando, precisa aquietar-se. [" *Os brigadiano passam e mandam a gente sair.* "] D5US39

Detidos em suas movimentações, impedidos de continuar, sem saída, os meninos de rua ficam submetidos ao arbítrio. O pouco que lhes pertence, seus bens, podem ser tomados sem a possibilidade de esboçarem reações. Submetidos a armadilhas, sentem-se traídos quando percebem que o policial introduziu drogas ou artigos roubados nos seus pertences. Está forjada a prova necessária para incriminá-los, pois ficam a mercê das determinações da autoridade ;reconhecem que qualquer resistência pode desencadear ainda mais violência, restando conformar-se com o abuso do poder. "[... *um amigo meu que estuda aqui no colégio, o Toninho, pegaram, botaram maconha na bolsa dele, botaram uma faca, falaram que era dele, pegaram o rádio dele, pegaram um monte de coisa dele, pegaram dinheiro e deram nele ainda.*] DIOUS21 Como se não bastasse, deve, ainda, submeter-se aos caprichos desse homem. É possível que tenha de roubar para entregar-lhe os valores obtidos em tal ato. [... "*se pegá o cara agora, eles não querem nem sabê, a polícia mesmo dão na cara do cara e mandam o cara fazê qualquer coisa por eles.* "]D2US56, 57

Diante de um policial que o ameaça com a arma, pode reagir de forma impensada. Agride-o com suas próprias mãos, revidando a violência recebida. O confronto pode ser uma forma de o menino colocar-se diante da violência. Convive

com alguns membros da polícia que, abusando do poder legitimado pela sociedade, agridem o menino. Craidy (1998, p.28) enfatiza:

"Quem trabalha com os meninos de rua ou estuda essa questão sabe que são a repressão e as arbitrariedades de que eles são vítimas - não só, mas principalmente, da parte dos policiais - o que os empurra prioritariamente para a criminalidade".

Sem armas à altura da luta, não se acovarda, encara o inimigo, mesmo sabendo que esse confronto pode custar-lhe a vida. Prefere a morte à vida indigna; quer poder falar e ser escutado, quer ter direito de ser tratado com respeito, como cidadão.

Os meninos, cansados da violência e de serem subjugados, podem responder com uma postura de arrogância, de teimosia, causando mais entraves no relacionamento com os policiais. O policial, despreparado para lidar com as crianças, demonstra impaciência, e, em momentos de descontrole, revê as ofensas a que foi submetido. Características pessoais, a ausência de atributos da pessoa do policial para o exercício da profissão podem influenciar o tratamento que este dispensará na abordagem aos meninos. Santos (1999, p.317) escrevendo sobre a violência policial, fala sobre isso: *"Não seria de estranhar que estas características da violência também estivessem presentes nas polícias brasileiras, instituições em profunda Crise.*

O autor supra-citado (1999, p.318) destaca aspectos da representação social da figura do policial:

"A violência exercida por membros das polícias civis e militares tem, como origem, uma cultura do ofício de policial marcado pela dominação masculina, pelo machismo mas, também, pela cultura de 'homem de fronteira' e, mais recentemente, do policial-herói. Por um lado, esta cultura se forma a partir de uma discriminação e uma estigmatização do homem rural, definido como rústico, 'grosso' 'primitivo' e violento. Nas áreas urbanas, as representações sociais desta cultura da violência se fundem em uma imagem do 'criminoso virtual': o homem pobre, jovem, negro e favelado, em qualquer circunstância, será o suspeito, o abordado, o alvo preferencial.

9.1.9 Discrição DI, D5

Um dos aprendizados da criança que vive na rua é o andar discretamente e desacompanhada. Ela percebeu que não é bem-vinda, que desperta medo, insegurança e que junto com seus pares, significa incômodo às pessoas que circulam nas ruas, podendo estar na mira de policiais. A discrição é uma forma de sentir-se protegida, anônima na sociedade. Foucault (1994, p.71) escrevendo sobre as transformações das delinqüências entre os séculos XVII e XVIII, refere que

"...modifica-se enfim a organização interna da delinqüência: os grandes bandos de malfeitores (assaltantes... soldados licenciados ou desertores que vagabundeiam juntos) tendem a se dissociar; mais bem caçados, sem dúvida, obrigados a se fazer menores para passar despercebidos- contentam-se com operações mais furtivas, com menos demonstração de forças e menores riscos de massacres. "

9.1.10 Instituições abertas D6, D7, D8, D9

Nas instituições abertas, tais como fundações, centros de atendimentos do município, o menino é respeitado na escolha de seus desejos e é livre para agir, podendo optar por fazer ou não parte do grupo dos que buscam auxílio nesses locais.

Embora com liberdade de escolha, em todo ambiente social regras tais como horários, frequência são necessárias e devem ser observadas. Frequentar essas instituições significa receber ajuda, mas também exercitar a prática de convívio, respeitando limites que algumas vezes geram nele ansiedade. Esses meninos demonstram impaciência pelo horário de abertura das instituições que funcionam em horário comercial; nem sempre é fácil para eles esperar, pois nelas são satisfeitas algumas de suas necessidades.

9.1.11 Escola Aberta DI, D4, D5, D6, D7, D8, DI0, D12

“...a criança de rua não gosta de estudar em escolas burocráticas, insensíveis e que humilham a criança pobre. É outra a escola que precisamos construir para ela...é uma escola com outra qualidade, onde ela possa viver, brincar, estudar e ser feliz. (Graciani, 1999, p.14)

A Escola Aberta marca espaço e tempo na vida dos meninos de rua.

Frequentar a Escola Aberta significa estar buscando novos rumos para a vida. Como qualquer outra criança, o menino de rua vê a escola como instituição que promove saber; reconhece que ela alicerça o conhecimento e encaminha-o a um futuro digno. A Escola Aberta, no entanto, representa muito mais, pode ser o lar que o menino não teve, é onde encontra acolhimento, respeito e individualidade. Craidy (1998, p.49) relata sua experiência:

"Tudo indicava que, na vinculação com a escola as relações pessoais tinham um peso maior do que as relações com o saber"

Nesse tipo de instituição, a criança pode esquecer a miséria e a degradação a que está submetida na rua. Apreende que sua condição de rua pode dificultar o

processo de aprendizado, tal como, cedendo ao sono fica impedida de manter-se atenta à aula.

A Escola Aberta oferece, além dos conteúdos curriculares, atividades complementares, como a dança, o futebol, a diversão e o espaço para criatividade, quer seja nas artes plásticas ou na arte da computação, atraindo o menino que, dificilmente, quer afastar-se dela. O período não letivo (férias) ou intercorrências como doenças é visto com tristeza.

A simples idéia de concluir a formação na Escola Aberta, constitui-se em ameaça da perda dos afetos lá desenvolvidos, levando o menino a enganar os professores, escondendo seus conhecimentos e habilidades, fingindo desconhecer os conteúdos das disciplinas, evitando assim o fantasma do desligamento ao final de etapas. [*" Eu, eu dando uma de burro, só prá ficá aqui, se eu passo prá noite, eu não sô mais do colégio bem dizê, porque daí é da SEJA3], outra instituição da SMED, é por isso que dô uma de burrinho (sorriso). "*] DJOUS97.

Usufri ao máximo as vantagens que a escola oferece e participa de cursos ministrados em parcerias com a mesma.

Para o menino de rua, os cursos significam muito mais que a capacitação, o preparo para alguma ocupação; conduzem-no para o reconhecimento social como

profissionais técnicos. O diploma³² é a prova de sua capacidade, o momento de glória, de recompensa pelo seu esforço pessoal. O menino faz sua auto-descoberta, revelando-se ao mundo, protagonizando uma história compreensiva com o desdobramento desejado. Iluminado por suas realizações, reconhece suas possibilidades, entusiasma-se a continuar, espera desenvolver outros saberes e, passo a passo, transformar sua vida. Planta sonhos, cultivando-os com o auxílio dos professores e colegas e colhe o reconhecimento pelo trabalho.

9.1.12 Instituições fechadas DI, D2, D3, D11

"O tempo é operador da pena." Foucault (1994, p.97)

Na linguagem sociológica, instituição significa: *"estrutura decorrente de necessidades sociais básicas, com caráter de relativa permanência, e identificável pelo valor de seus códigos de conduta, alguns deles, expressos em lei"*. (Ferreira, 1986, p.953).

Na transitoriedade dos mundos, as instituições fazem parte do cotidiano da vida do menino de rua. Respondendo à sociedade por práticas consideradas ilícitas, ele sofre o processo de privação do direito de ir e vir, ao ser conduzido às instituições fechadas tais como a FEBEM. No Relatório Azul (Rio Grande do Sul, 98/99, p.52) ela é lembrada da seguinte forma:

"O estigma que envolve a história da Fundação Estadual do Bem Estar do Menor (Febem) faz com que a instituição seja

³² A pesquisadora manteve o termo utilizado pelo sujeito.

lembrada com uma certa dose de terror. 'Mandar uma criança para a Febem' soa como uma ameaça, pois lá, esse é o imaginário, a criança ou o adolescente, o 'menor' enfim, vai receber muito mais que uma punição. Vai sofrer uma experiência de horror e tragédia que irá fazê-lo arrepender-existir. "

Em consonância com os demais integrantes do grupo de internos, perde sua individualidade ao fazer parte do contexto que recebe atenção massificada.

Interna nessas instituições, a noção de tempo é medida pelo afastamento dos amigos, cujo contato a rua possibilitou, o que é significativamente doloroso para a criança. [*"Eu ficava lá prá, prá vê se podia saí, ficava lá. Fiquei, fiquei, fiquei. Aí passou um ano e pouco e eu tava lá ainda."*] DIUS39, 40

9.1.13 Ocupações DI, D5, D7, D8, DI0, D11

A criança de rua encontra lugares onde desenvolve ocupações, as quais auxiliam-na a obter algum dinheiro.

Nesta modalidade de fazer algum trabalho, o menino realiza diariamente a mesma tarefa sob a orientação de adulto [*"...tô trabalhando com ele até agora. "*] DIUS45. Em troca, recebe mensalmente o mesmo valor em dinheiro; é a ocupação assemelhando-se ao emprego assalariado. Isso proporciona ao menino a compreensão do valor do trabalho e ajuda-o a planejar, dentro de suas possibilidades, diferenciando-o dos demais por receber, com certa estabilidade, o valor em dinheiro, por aquilo que realizou. Embora vivendo na rua ele utiliza o dinheiro para vestir-se, alimentar-se e dormir melhor. Encontra-se no Relatório Azul (Rio Grande do Sul, 98/99, p.29) uma reflexão sobre o trabalho infantil:

"... Essa visão parte do princípio de que, para as crianças oriundas de famílias pobres, a melhor solução é o trabalho. 'Melhor trabalhar do que roubar' diz o senso comum. Partindo dessa ótica, toleram-se formas menos cruéis de exploração de crianças e adolescentes, como se fossem medidas pedagógicas e de proteção social. "

Outra forma de ocupar-se em busca de dinheiro pode ser a privatização do espaço público, ou seja, o menino zela pelo patrimônio alheio nas ruas da cidade, (guarda carros estacionados) em troca de pequenas doações que, somadas ao final do dia, significam a possibilidade de suprimento de necessidades. Considerada como uma atividade incerta, muitas vezes pode estimular a criança a descuidar, ao invés de zelar, apoderando-se de coisas alheias que ficam sob seus cuidados. Mundo de contradições: a mão que trabalha é a mesma que rouba!

Estereotipado de trabalhador, o menino veste-se e comporta-se à semelhança de um profissional, recebendo alguma ajuda. Uniformizado, mantém-se diante de um Banco 24 horas, acreditando auxiliar no cuidado dos valores ali depositados. (*...fico ajudando os tio do banco, ali, cuidá do banco ali e pedindo dinheiro, prá mim tomá meu café"*) D5US42, 43.

Assim como no mundo dos negócios, a amizade abre portas. Através de seu esforço e dos laços construídos na rua, o menino pode encaminhar um destino melhor. Com a aproximação da maioridade, surgem novas oportunidades de ocupação. Ferreira (1979, p.106) escreve sobre a maioridade: *"... os meninos da rua ao sentirem a aproximação da maioridade, começam a preocupar-se com o seu futuro e a tentar penetrar nos setores formais de trabalho"*.

Seguro de si, acredita possuir condições para percorrer novas trilhas, sem precisar preocupar-se com aspectos legais; terá realmente direito de ir e vir. [*" Já vô ano que vem prá Minas, tô a fim de voltá prá lá ano que vem, completo meus 18 anos, que eu posso viajá, né?"*J DIOUS88.

o serviço militar obrigatório também acena como caminho; o menino sonha, como outros adolescentes, com a carreira militar. Além disso, no quartel terá abrigo, alimentos, uma representação social considerada. Por outro lado, também em semelhança a muitos adolescentes, o menino pensa em evitar o serviço militar, pois acredita que isso poderá atrapalhá-lo na realização de seus planos futuros.

9.1.14 Nova família DI, D6, D7, D8, DI0, D12

O viver na rua ensina ao menino a convivência com amigos, os irmãos de rua (como eles mesmos verbalizam); filhos de uma mesma realidade, compartilham experiências e dividem espaços. Uma nova estrutura pode estar sendo estabelecida quando as crianças reconhecem nos seus pares a cumplicidade, o afeto, a confiança, principalmente, a união pela mesma necessidade. Tendo a companhia de outros meninos de rua, resgatam a proteção e o acolhimento como sendo uma nova família, *esse novo grupo* de pessoas surge e com *ele*, muitas vezes, a providência do sustento diário. Ferreira (1979, p.108) enfatiza o papel do grupo:

"...O grupo exerce o papel de elemento de apoio, principalmente para adestrá-lo e introduzi-lo nas fases iniciais de sua fixação na rua; e para que se troquem informações preciosas para manter seu trabalho e sua segurança".

A idéia do contexto familiar leva o menino a refletir sobre a importância da companhia, da referência, de ter um local apropriado para viver onde as relações possam acontecer com humanidade e dignidade. [*" Se fosse num abrigo que tivesse uns amigo meu assim. Aí sim eu ficava, se tivesse uns amigo meu de rua. Não adianta se eu ficasse num lugar e não conhecesse ninguém, não é?"*] D8US23.

O menino concebe que uma nova família deve acolher sem discriminar, pois o estigma de ser de rua já marcou seu desenvolvimento. [*".... por causa que se a gente nasceu na rua a gente vai sê da rua, não adianta!"*] D8US24.

Em família, os meninos de rua vivenciam a proximidade do lúdico e da transgressão; a música, a dança, o jogo e as drogas, tudo é expresso no cotidiano da criança.

Ainda que se sinta convivendo em família, situações vivenciadas são difíceis de serem esquecidas, pois neste novo contexto, considerado familiar, o menino apreende que embora experienciando uma mesma realidade, as atitudes dos outros podem não ser como a sua. Surpreendido com a atitude de meninos, irmãos de rua, que roubaram daquele que lhes ofereceu emprego, constata que numa mesma família podem conviver pessoas, fiéis ou não, aos seus compromissos. Craidy (1998, p.26) esclarece:

"...ocupando lugar central na vida desses meninos, a solidariedade é flutuante e instável como tudo em suas vidas. Pode ser fortalecida, ou desaparecer em momentos de maior gravidade".

A vida na rua, permeada pela violência, expõe o menino à morte e à perda de pessoas queridas das quais se aproximou no cotidiano. As lembranças e a falta dos amigos causam dor e sofrimento, e a criança, mesmo com pouca idade, exige de seu psiquismo maneiras para elaborar processos que a ajudem a suportar a privação e a separação. *[Daí o meu irmão se perdia de mim e eu não gostava de ficá na rua, daí eu chorava, prá vê, chorava pela minha mãe, prá vê se ela voltava, não vinha, daí eu ficava na rua.]* D2US4, 5, 6, 7

9.1.15 A outra face da polícia D5, D7, D10

Algumas pessoas que compõem os quadros da polícia deixam transparecer suas características humanas e conhecedores desta realidade social. Distinguem-se pelo tratamento compreensivo dispensado às crianças de rua. Estas encontram, no dia-a-dia, policiais com atitudes distintas, que se esforçam para orientá-las sem violência, através da palavra; há alguns sensíveis à condição social dos meninos, auxiliando-os quando necessitam. São membros da corporação que se envolvem em educar os meninos, conversando, tentando mostrar que a rua, as drogas, a violência fazem parte de um mundo distorcido, avesso às crianças. Mostram-se amigos, e agregam-se ao trabalho de instituições de caridade que buscam minimizar o sofrimento gerado pela rua.

9.1.16 Os projetos D2, D8

As crianças sonham, constróem seus desejos na imaginação e, quando vivem no seu habitat natural, são amparadas e estimuladas na construção de seu futuro real.

Os meninos de rua sonham com dias melhores, nesse momento, isso já faz parte do futuro. Depois da experiência de privações na rua, eles podem sonhar com um mundo onde sejam acolhidos; é o caminho de volta à casa, a um lar que possa provê-los em suas necessidades. [" *Eu tô morando com minha tia, lá na Vila dos Comercíarios, lá na Cruzeiro, lá.* "] D8US33

Fugindo das marcas que a rua deixa, o menino deseja um futuro melhor para ele e para os que, como ele, sofreram as dores de viver na rua. Acredita que possa modificar a vida dele e ser reconhecido pelos seus esforços.

9.1.17 Solidariedade DI, D2, D5, D7, D9, DI0

A criança de rua, que experiência toda a sorte de dificuldades para sobreviver, pode encontrar no palco dessa vida o brilho da solidariedade humana. O caminho do albergue, do abrigo é reconhecido pelo menino que alcança mãos comprometidas com o partilhar; porém, nesse palco, o espetáculo do encontro termina quando o dia nasce. Assim ela retoma à rua encontrando-se novamente com suas dificuldades. [" *Saía do albergue, saía direto roubá.* "] D2US13. Nesse espaço, algumas pessoas vêem os meninos sob o olhar da com-paixão. Com atitudes que visam ao bem-estar da criança, tentam amenizar o sofrimento, distribuindo alimento e agasalho. Ajuda em dinheiro, normalmente, é negada para evitar a possibilidade do mau uso dele pelas crianças.

9.1.18 Outro modo de vida D5, D10

"O jogo mais envolvente, no entanto, é o da bola, ... Muitas vezes chegamos com a bola e eles largaram imediatamente a cola de sapateiro" (Graciani, 1999, p.154).

Os meninos que trazem consigo o desejo de alcançar outros modos de viver possuem mais força para a luta, pois encontram motivações voltadas para metas definidas. Viver na rua pode levar ao aprendizado de como utilizar as circunstâncias favoráveis oferecidas para suporte de transição entre mundos; é o aprendizado que aproveita as situações novas, objetivos para outro existir. Silva (1997, p.58) reconhece a importância do convívio social no estabelecimento dos objetivos de vida:

"O homem se forma pelo encontro consigo mesmo e com o outro e sem o processo de autoconhecimento e sem a interação social não haverá homem. Assim como o desconhecimento de si mesmo impossibilita o desenvolvimento das potencialidades latentes, o efeito do malogro da integração social normal será a ausência do horizonte temporal ou a indiferença pelo futuro. Esse defeito de socialização pode ter caráter patológico e aumentar o nível de exclusão social. "

Mesmo pequeno, sentindo no corpo as dores desse conhecimento, o menino reconhece que a experiência é sofrida e utiliza-a para a mudança de direção. ["

Quando a gente é pequena a gente sofre, passa fome assim, frio. Mas se a gente é grande, a gente sabe se virá assim, já sabe se virá. "j D8US4, 5.

O uso de drogas, comum no mundo da rua, passa a não ter grande significado quando o menino possui objetivos traçados. É como se a droga não encontrasse

espaço para invadir a vida dele, uma vez que já está ocupado com outras prioridades tais como diversão ou trabalho. A droga não o desvia do caminho traçado.

9.2 IDIOSSINCRASIAS

Da análise fenomenológica evidenciaram-se as idiossincrasias, ou seja, as temáticas emergi das de um único discurso.

9.2.1 Dinheiro DI

Vivendo na rua, o menino aprende lições sobre o significado do dinheiro como valor, e passa a preocupar-se constantemente com a forma de ser criativo, a fim de tê-lo para si. Faz parte do mundo da rua o desenvolvimento de alternativas que viabilizem lugares para manter a posse de bens. Compreende que, diferentemente das pessoas de quem furta, que facilitam o roubo, precisa guardar seu dinheiro, evitando assim, ser vítima de outro que também rouba.

9.2.2 Liberdade DI0

O menino, no convívio da rua, em determinado momento pode descrever a Liberdade como qualidade de viver longe de casa. Diz que significa poder gozar seu tempo de acordo com a própria vontade; acredita que quanto mais flexíveis forem as regras, maior será sua liberdade. Craidy (1998, p.22) chama a atenção:

"A rua não se constitui para o menino como espaço alternativo, mas sim como espaço possível. Não é lugar de liberdade (ainda que seja 'por muitos vista como tal), mas lugar de confinamento".

9.2.3 Desgraça D2

O menino de rua passa a entender que viver na rua é ir vivendo o infortúnio como em sua casa. Sem graça, a existência dele pode ser definida como sem beleza, sem intimidade, sem estima, sem nome de batismo (muitos deles são conhecidos pelos apelidos), longe de receber favores das pessoas ou até mesmo do próprio Deus (Ferreira, 1986, p.455). Todas essas formas de existir na des-graça qualificam sua vida; todas descrevem a realidade vivida.

9.2.4 Auto- suficiência D10

Viver na rua é, segundo o menino, experimentar crescimento calcado em suas próprias forças, sem contar com a assistência de outros, tais como familiares e parentes mais distantes; é poder acreditar que não lesou, não explorou outra pessoa com despesas para sua sobrevivência; é sentir orgulho de agir sem dependência.

9.2.5 Prostituição D12

A menina aprendeu que viver na rua significa tão somente transgressão; é des-organizar as regras impostas pela sociedade; é inaceitar o que é determinado, manifestando-se através das drogas, do roubo, da prostituição. No Relatório Azul (98/99, p.34) encontra-se uma passagem que denuncia a prostituição:

"O ingresso na lógica do mercado do corpo é um ato a mais de violência sobre a criança/adolescente e que atinge, principalmente, as mulheres... . A prostituição é uma forma de exploração sexual comercial de pessoas adultas. Crianças e adolescentes são prostituídas e não prostitutas. Crianças e adolescentes que sequer têm a consciência de seu corpo e

não têm condições de reagir são submetidas a uma forma de trabalho de tipo escravo e aviltante. "

Viver na rua significa protestar através de transgressões.

9.2.6 Documentos de identidade D9

Ainda que viva na rua, o menino internaliza que necessita de documentos para provar sua identidade. A identificação, através de uma carteira, pode proporcionar-lhe o reconhecimento de sua individualidade, cidadania, e assim gozar dos direitos constituídos na lei. Por exemplo, ao possuir uma carteira de estudante, identifica-se como tal e pode utilizar o transporte coletivo gratuitamente, sem precisar expor-se como pedinte.

9.2.7 A rua após a instituição fechada DI

O menino de rua percebe que após deixar a instituição fechada pode trilhar novos caminhos; busca no trabalho uma nova maneira de existir. Permanece na rua, mas através de seu esforço obtém a remuneração que permite uma vida mais saudável.

9.2.8 Atitudes de violência na escola D6

o menino que frequenta a escola aberta pode experienciar a violência entre os colegas. O gesto agressivo de um pode não ser compreendido pelo outro aluno, porém sendo esse um ambiente que proporciona a mediação, a criança começa a conhecer coisas do humano no colega e aprender a lidar com elas.

9.2.9 Violência sexual DII

Na rua a menina sofre o assédio masculino dos mais idosos que a seduzem, experimenta como é estar sujeita à perversão sexual dos homens. Torna-se alvo de violência e sofre abuso, inclusive de alguns membros da força policial. Arrastada para locais afastados, pode ser vítima da sua condição de mulher.

9.2.10 Direitos humanos DI1

A menina apreende que na rua está a mercê de tratamento desumano. Sofre discriminação e, no contato com representantes da lei, não tem assegurados os direitos de criança.

9.2.11 Datas de confraternização D2

Na rua, a dor do abandono intensifica-se em momentos de confraternização. Estar longe da família em datas especiais como o Natal pode significar estar sozinho, sem ter com quem dividir seus sonhos.

9.2.12 Reconhecimento D2

O menino compreende que sua aparência determina as relações com o outro; apesar de mostrar-se sujo, rasgado, descalço mantém vivo o desejo de ser reconhecido por suas qualidades. Reconhece que aparência pode não espelhar a beleza que os meninos de rua trazem dentro de si.

9.2.13 Passado D8

Na rua, o menino pode reviver momentos de sua história. Lembra-se de infrações cometidas e do sofrimento do qual foi vítima. Dormia na rua, escondido e agasalhado por folhas de jornais; na esperança de ser acolhido, perseguia diferentes caminhos de homens e mulheres que pudessem transportá-lo a outro mundo.

9.2.14 Comunidade DI

A relação com os vizinhos motiva o menino a deixar a casa dele. As cobranças e o preconceito incomodam-no, e na tentativa de afastar-se desse convívio, o menino vai para a rua. Ramos (1999, p.110) possui experiência com este tipo de preconceito:

Eles procuram vencer o preconceito das comunidades pobres em relação aos meninos de rua, mostrando que não há diferença entre eles 'mas as pessoas da comunidade não percebem isso, elas não percebem que aqueles meninos são seus sobrinhos, seus sobrinhos, seus vizinhos. Ele não é reconhecido como sendo daquela comunidade: ele vem de outro lugar'. Ele é 'O outro'".

SUJEITOS	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
ESSÊNCIAS												
Relações Familiares												
Amigos												
Independência												
Transitoriedade dos Mundos												
Necessidades												
Transgressões												
Violência												
Violência da Polícia												
Discrição												
Instituições Abertas												
Escola Aberta												
Instituições Fechadas												
Ocupações												
Nova Família												
A Outra Face da Polícia												
Os Projetos												
Solidariedade												
Outro Modo de Vida												

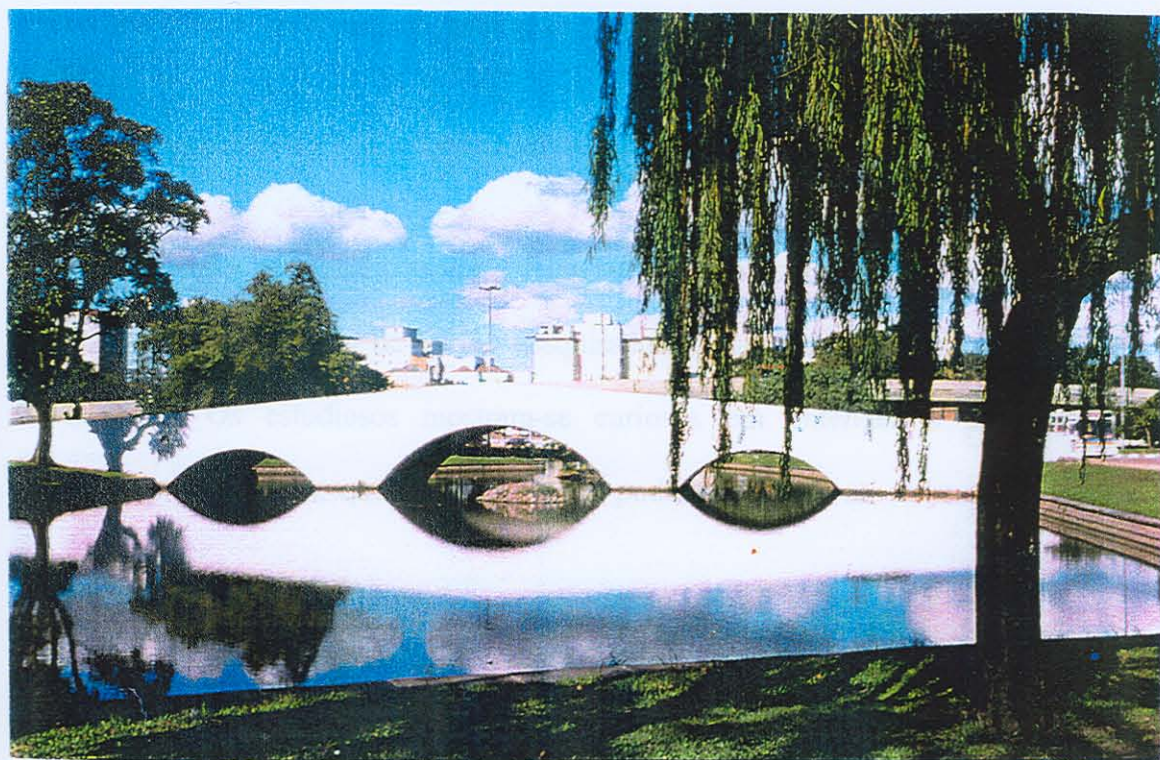
Figura 1 - Representação das essências convergentes dos discursos

SUJEITO	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
ESSÊNCIAS												
Dinheiro	■											
Liberdade										■		
Desgraça		■										
Auto-suficiência										■		
Prostituição												■
Documentos de Identidade									■			
A rua após a Inst. Fechada	■											
Atitudes de Violência na Esc.						■						
Violência Sexual											■	
Direitos Humanos											■	
Datas de Confraternizações		■										
Reconhecimento		■										
Passado								■				
Comunidade	■											

Figura 2 - Representação das idiosincrasias

"Melhor não falar a rua. Ou falar para a rua? Mas se a rua não fala para você, o 'seu gênero' de rua, por que se diz então 'a porta da rua' e não 'a porta do meu'?" (Guimarães, 1977, p.140)

Análise Hermenêutica



"Melhor sair para a rua...Ou entrar para a rua? Mas se a rua não fosse uma espécie "sui generis" de lar, por que se diz então "a porta da rua" e não "a porta da casa?" (Quintana, 1977, p.141)

10 ANÁLISE HERMENÊUTICA

A análise hermenêutica foi procedida com o intuito de, através da semântica, iluminar a questão das diferenças. Sua elaboração possibilitou à pesquisadora evoluir na compreensão do fenômeno, pelo que se mostra a seguir:

10.1 ENVOLVENDO-SE COM O MUNDO DA RUA

A razão pela qual o menino deixa seu lar e inicia uma vida na rua tem sido motivo de preocupação de vários pesquisadores, tomando-se o centro de muitas discussões. Os estudiosos mostram-se curiosos em entender o porquê desse movimento, uma vez que a compreensão poderia auxiliar na reflexão sobre este problema.

William (1988), Inter-NGO (1983b), Schörf, Powell e Thomas (1986) citados por Swart-Kruger e Donald (1996, p.64) acreditam que: *"Nenhuma abordagem pode sozinho prover respostas à intrincada interação entre fatores sociais e individuais que interferem nas vidas destas crianças"*.

A pesquisadora encontra, na fala dos sujeitos, diferentes motivos para deixarem suas casas que vão desde fatores individuais a fatores sociais complexos. Carvalho (1991, p.181) entende que *"Ao sair de casa, os meninos têm sempre um motivo que não é isolado do contexto social e político "*.

10.1.1 Família

"Achei até que eles gostaram quando eu saí de casa, porque era um infeliz a menos pra comer e dormir naquela casa que não tinha espaço pra nada" (Ataíde, 1993, p.99).

A família aqui concebida como as pessoas que coabitam uma mesma casa, tendo laços sangüíneos, é responsável pela geração do ser e pelo início da vida dele na rua. Concebe-se" também, aquele que não tem laços de sangue, mas faz parte desse grupo social. Vários fatores da dinâmica familiar influenciam o menino a deixar sua casa. A perda de um ente querido, assim como a inclusão de uma pessoa estranha na família, foram relatados como motivo de ida para rua. As histórias de vida que envolviam morte de pai, mãe e irmãos e uma conseqüente não aceitação da perda levaram os meninos a buscar compensação em um mundo diferente.

A morte pode significar não somente a falta da pessoa, mas também a quebra de uma estrutura que ela representou na dinâmica familiar, tal como a perda do referencial da disciplina, da ordem. [*"Antes, quando o meu pai era vivo, ele botava ordem."*] D3US15 [*"(Ah), agora, vô fazê bem o que eu quero, agora não tem meu pai pra enchê meu saco. Por isso que eu fiquei na rua. "*] D3US 18. Ferreira (1979, p.142) em sua pesquisa vivenciou experiência semelhante.

esta situação de conflito intenso não perdurou muito tempo porque o chefe da casa veio a falecer, repentinamente, num acidente de trânsito. Isto, de certa forma, liberou a família de seu jugo".

A entrada de uma pessoa estranha na família, assim como a perda de alguém, sugerem ao menino a ida para rua. [*"eu ia pra rua por causa que antes ela se casô com um, com um... com meu padrasto."*] D2US23. Ataíde (1993, p.164) quando pesquisou meninos de rua verificou que:

"Dos meninos agredidos, 36, 58% saíram de casa devido aos maus-tratos ou sevícias de padrastos ou madrastas".

Os familiares, ao tentar manter aquilo que entendem por disciplina, podem tolher a liberdade do menino que parte para buscá-la na rua.

Em determinadas situações, além de privar-se do que tem prazer em realizar, o menino vê-se obrigado a dispende seu tempo com tarefas inapropriadas para sua idade, fugindo para rua a fim de livrar-se delas. [*"só queria que eu trabalhasse, trabalhasse, trabalhasse dentro de casa fora de casa, dentro de casa, fora de casa, aí eu me irritei com (Ila, aí eu briguei, discuti com ela, aí peguei, ela, agora vô até embora, aí ela pegô e disse: qué i', tu vai, aí eu peguei e fui."*] D9US23. Ataíde (1993, p.163) afirma que a exploração exagerada do trabalho do menino faz com que ele deixe seu lar, pois a violência atinge "*o ponto de ser barbaramente espancada quando não leva alimentos ou dinheiro suficiente para casa*".

As agressões morais, como o desprezo, as humilhações impostas pelos familiares provocam no menino reações que o incentivam a deixar o lar.

A rua é vista como um escape para ele que é vítima de agressões físicas. Cansado de submeter-se à força física do adulto, sai de casa, mesmo que isso também lhe provoque sofrimentos. [*"E o meu padrasto batia muito em mim, daí eu pegava, fugia de casa e não voltava mais. Chorava e não voltava mais. "j D2US2425*

Os familiares, dependentes de álcool, perdendo os limites de seus atos e a noção da realidade, maltratam o menino. [*"(Ah), eu vivo na rua por causa do meu pai que bebe, se arreia. "j DI US46*

O menino, quando deixa sua casa, talvez não esteja preocupado unicamente com ele próprio, mas também com a melhoria da qualidade de vida da sua família.

10.1.2 Relacionamentos

Observadas as relações familiares como parte instigante a favorecer o menino a deixar sua casa, o relacionamento com pessoas da comunidade onde ele vive, desempenha seu papel, uma vez que ao discriminá-lo o induz a buscar reconhecimento de outrem, em novos espaços. Tal reconhecimento pode ser encontrado pelo menino em outros, com história de vida semelhante, que perambulam nas ruas. Aceito pelo grupo, ele passa a vivenciar as mesmas experiências, nascendo assim novos laços de amizade. Crianças com experiência de rua muitas vezes conduzem os companheiros para o mesmo caminho trilhado por elas. O que foi vivenciado pelo amigo toma-se motivo para o menino abandonar sua família. Ferreira (1979, p.102) afirma: *"A sua chegada ao 'ponto' de trabalho é conseguida através dos amigos e vizinhos que já saíram antes e percorrerão a cidade em busca do mesmo objetivo."*

10.1.3 Características aventureiras

Embora seja difícil distinguir a influência dos aspectos sociais, daqueles próprios de cada menino, o reconhecimento e a identificação com o mundo da rua reforçam o pequeno a manter-se afastado de casa. Experimentar a rua desde muito jovem leva-o a acreditar que já possui marcas determinantes desse mundo, mesmo que a vida em família possa ter atrativos.

Para o menino que é determinado, ir à busca de crescimento, ainda que saindo de casa aponta a um propósito pois pode abrir-lhe um leque de opções. Diante dessa gama de escolhas ele, independentemente da opinião de outros, constrói seu caminho. [*"daí eu arrumo minha vida sozinho. "J D5US36*

A determinação, a auto-suficiência alicerçam o encontro com a liberdade.

Viver em família requer compromissos, rotinas, deveres a cumprir. Há aqueles que, tentando escapar dessas obrigações, vão para a rua. [*"... estão acostumado com a vida boa como se diz, né? Eles querem tudo na mão, assim, sem suá sem nada. 'I DIOUS42.* Para eles a rua não requer sacrifícios, proporciona o que desejam.

10.1.4 o resgate da história

Viver na rua é assumir sua história de vida marcada pelas necessidades não satisfeitas [*" Maloqueiro é quando o cara dorme na rua, o cara fica todo sujo, rasgado, de pé no chão, cheirando lolá, de pé no chão, fica assim na rua, assim na*

rua dormindo no chão "] D2US79. É lutar para conseguir minimizar as adversidades, perdendo o orgulho, a vergonha. O menino de rua sofre a violência e aprende a evitar

Ia [(eu) " morava na rua e me davam muito em mim. II] D2US2. ["eu sempre procuro andá sozinho, não é? E aí os negrinho, brigadianos não se encarnam na gente."] D1US24, 25.

10.2 MUNDO DA RUA

"A provisoriedade e a tensão angustiante desta vida calcada no medo e na violência faz com que os meninos de rua sejam os primeiros a reconhecer que esta' liberdade' é fictícia e insegura. Não raro, seus discursos expressam, no mesmo momento, o gosto pela vida das ruas e a aspiração de não ter entrada nela ou de vir a encontrar uma saída. (Ferreira, 1979, p.90).

O mundo da rua mostra-se para os meninos com opções diferentes. Ele é caracterizado como bom ou ruim, na dependência de como é experienciado e no modo como a criança se relaciona com os outros mundos (casa, escola, instituições fechadas) na história de sua vida.

Difícilmente essa rua é assumida como boa, pois, quando o menino a define assim enfatiza comodidade.

Distinguir esta rua paradoxal não é tarefa fácil para o menino que encontra muitas privações associadas a momentos de liberdade e de entretenimento.

A experiência triste do mundo da rua, torna-se clara para o menino quando conclui que crianças não deveriam estar afastadas de suas famílias. [" Ah, na minha

vista assim, depois que eu saí da rua, muita coisa mudô porque na rua acho que não é vida prá ninguém ".JD 11 US 1.

Ser menino de rua é encontrar no trabalho uma alternativa contra a discriminação, uma chance para modificar sua história. É sonhar em ter reconhecida sua individualidade. {" *Até já fugi de casa, minha foto já apareceu na Zero Hora, já '7 D8US26.* É, apesar de ter suas características reconhecidas pela sociedade, ter a chance de revelar-se diante do outro como realmente é. Carvalho (1991, p.179) fala dos meninos:

"Os olhos dos meninos brilham mesmo quando estão cheios de cola... O ser humano que são, nenhuma cola pode desfazer, mas a sociedade consegue massacrar, matar, endurecer esses coraçõezinhos que se desdobram de ternura para comigo. Eles são assim. Esta é a intimidade deles. São bons, se ajudam, se amam. "

10.2.1 Necessidades

O menino, ser-aí, na rua..., vive em seu cotidiano a luta para satisfazer suas necessidades básicas.

O dormir na rua é relatado como cotidiano do menino, porque além de caracterizá-lo, é um momento em que se torna vulnerável. Ele procura sentir-se seguro no momento em que dorme. Afastado do grupo de iguais, encontra no local de trabalho a segurança de que necessita. Usa drogas para distanciar-se dos problemas, para que o sono possa chegar.

A solidariedade humana oferece algum conforto ao menino, enquanto procura uma vida mais digna, porém, na maioria das vezes, sem contar com auxílio, dorme em qualquer lugar.

Outra necessidade que nem sempre pode ser satisfeita é a alimentação. [HA *gente as vez tinha o quê comê, as vezes não, ih, um monte de coisa. "j D 11 US8*

O apoio de instituições que auxiliam as crianças que vivem na rua minimiza a fome, já, a ajuda de pessoas estranhas ao seu cotidiano é difícil alcançar.

10.2.2 Transgressões

Transgredir significa "*passar além de; deixar de cumprir e infringir.*" (Ferreira, 1986, p.1398). Para o mesmo autor (1986,p.765) infringir é compreendido por "*violar, transgredir, desrespeitar*".

A qualidade das transgressões que as crianças desenvolvem na rua é configurada no infringir. Ao aprofundar essa questão observa-se que roubar é a violação do bem do outro.

O menino de rua relata com naturalidade as infrações vivenciadas no dia-a-dia. Roubar, usar drogas, promover desordem, prostituir-se fazem parte desse contexto.

A rua, como local do público, dilui o menino na multidão, oportunizando a drogadição. [Ah, na rua eu usava droga. "J D11US56. Dependente, o menino tenta

conseguir dinheiro, priorizando o vício. O envolvimento com as drogas manifesta-se também pela comercialização do produto, o que facilita ao menino o acesso a elas.

O fácil acesso à "loló" faz desse produto a droga mais utilizada. Os relatos dos meninos estão repletos dessa substância. O uso de outros produtos também é evidenciado. No mundo-vida, a criança, impregnada de entorpecentes, expõe-se a injúrias. [*"Bah, olha o pé dele ali, sôra. Cheio de frieira, ele passô talco. Aquilo ali, foi, foi meia lata no pé dele, caiu por cima, foi servir, sabe? O chero, encheu demais a lata. Começô olhá prá mim e começô derramá no pé dele. O pé dele começo a descascá. Ele não consegue nem caminhá muito. Não joga bola."*] D7US62, 63, 70.

Os acidentes que resultam do uso da droga podem ser graves, permanecendo gravados na memória e no corpo. Esse marcado com a cicatriz, apresenta-se como uma vitória. Pois apesar de todo o sofrimento o menino permanece vivo.

O roubo é outra forma de transgressão vivenciada pelo menino nas ruas. Tomar dinheiro ou bem de valor de alguém tem seu objetivo pode estar subentendido, principalmente quando está associado à prostituição. Forçada a ceder a depravações, a menina de rua pode utilizar o roubo como forma de agredir seu algoz.

A transgressão pode servir de ferramenta para punir a sociedade, que teima em ignorar a presença das crianças nas ruas. Associando diferentes formas de violar as regras, o menino sinaliza sua presença. [*"Eu cherava, roubava, fazia bagunça, fumava maconha, ia pra Febem, um monte de coisa."*] D3US20, 21, 22, 23, 24, 25

A sociedade, defendendo-se, apresenta suas armas, pune o transgressor com a privação da liberdade.

O menino de rua paga muito caro pelas infrações que comete. É destituído inclusive da possibilidade de sentir-se sujeito de confraternizações universais. Carvalho (1991, p.118) vivenciou a experiência da confraternização de Natal junto a meninos de rua em Goiânia:

"Ao chegar à praça porém, não havia ninguém. Esperei um pouco, mas nada. Perguntei a dona Gorda o que havia acontecido e ela disse que eles foram recolhidos não sabia se pela FEBEM ou pelo Juizado de Menores para que não incomodassem as pessoas durante o Natal. Filhos da puta! Os meninos é que incomodam, né? Mais tarde eu soube ainda que o governo mandou recolher os meninos porque as pessoas' viajariam e suas casas ficariam sozinhas por uns dias e aí os meninos poderiam roubá-Ias. Passaram com isso o Natal praticamente presos. "

A dimensão de tanto sofrimento não é facilmente avaliada por quem não tem história de vida na rua. Somente aquele que quotidianamente superou barreiras e privações consegue avaliá-Ia. (*'E não, não pretendo que nenhum sofre como eu sofri já na rua. Muita gente já sofreu pior. 'j D2US44, 45.*

10.2.3 Violência

Violência é definida como: "constrangimento físico ou moral; uso da força; coação" (Ferreira,1986, p.1463).

Na rua, a violência se mostra de diferentes formas e pode caracterizar-se em atitudes como: preconceito, agressão até a morte, invasão da privacidade familiar, desprezo pela aparência, constrangimento por relacionar-se com outras crianças de rua, insulto, enfrentamento, cobiça sexual, espancamento, uso de armas rudimentares ou muito sofisticadas para agredir. A relação interpessoal agressiva dá-se dentro de

casa com pessoas com quem supostamente mantêm vínculos (mãe, avó, irmãos) ou com membros agregados à família (padrasto) e até mesmo com estranhos que momentaneamente cruzam seu caminho na rua. *{ "É muito, muito, a comunidade olha prá gente com um olho assim que... não tem como explicá o jeito que eles olham prá gente por causa que prá eles quem mora na rua é marginal, pode até não, é um cúmulo. "J DIUS30. Carvalho (1991, p.132) refere ser indescritível' a cara do povo' ao vê-la junto aos meninos. Sente inclusive "pena" dessas pessoas invadidas de preconceito.*

A discriminação a que estar na rua submete a criança é consequência das próprias características de menino de rua, quer seja pela sua aparência física ou pela forma como vive. A falta de higiene, as roupas rasgadas levam as pessoas a afastarem-se. *["Eles pensam que a gente, a gente tá com uma roupa mal, suja assim, eles, eles pensam que a gente vai roubá deles, pede um trocado, eles ficam todo espiado. '1 D5US9, 10 O estar na rua é entendido como uma forma de transgressão da qual devem proteger-se ou livrar-se. Ataíde (1993, p.54) entrevistou uma menina que possuía em sua história de vida experiências reforçando essa discriminação.*

"... ela me deu um dinheiro grande e fiquei muito contente e saí correndo... passei com o dinheiro na mão junto da velha e, sem querer, me esbarrei nela!... pronto!... a velha começou a gritar: -"Pega a ladrona!... ""Pega a ladrona!... "As pessoas que estavam perto tentaram me agarrar!. . e chamaram logo a polícia... . "

Até mesmo pessoas conhecidas do menino de rua sentem-se constrangidas com a presença dele. Possuir qualquer tipo de relação com meninos que supostamente não têm distinção social é motivo de desmerecimento. Ataíde (1993,

p.70) encontrou nas falas dos sujeitos o preconceito imposto ao menino de rua pelos vizinhos.

"Lá onde eu moro tem gente que fica me maltratando e me xingando ".

Uma ou outra diferença na condição de iguais no mundo da rua também pode ser motivo de insulto, estratificando numa condição menor, por exemplo, os meninos de rua que usam drogas.

O insulto e a agressão física fazem parte da qualidade do mundo vivido pelo menino na disputa pelo espaço da rua. Possuir algum bem de valor pode provocar o enfrentamento com outros ocupantes da rua.

O confronto pode resultar em perdas maiores: a agressão de caráter hediondo. [*"Meu irmão que morreu, eles queimaram.. . Queimaram os _7Jés dele só por causa de dinheiro. "*]DIUS12, 13.

Na rua não é só o lado ruim que chama a atenção, a beleza física pode ser considerada um bem de valor, motivo de cobiça que leva as meninas consideradas mais atraentes a serem alvo da violência sexual. [*"As meninas mais bonitas sofre muito."*] D 11 US23 [*"A minha irmã já foi até estuprada na rua, (não é?)"*]7 DIIUS24.

Estar na rua é ficar a mercê da desproteção, do desrespeito do mundo da violência, que possui e escolhe diferentes armas, lutando covardemente durante a batalha. O espancamento, o uso de armamentos mais rudimentares ou mais

sofisticados envolve a criança de rua com diferentes sujeitos, onde quer que ele se encontre. Carvalho (1991, p.165) enquanto esteve com meninos de rua presenciou esta realidade:

"Mas não era mentira. Mataram mesmo o pequenino com um tiro na cabeça enquanto ele dormia em um mocó, encolhido em um lençol, tentando se proteger do frio que fazia. Dormiu e não acordou. "

10.2.4 Violência policial

As relações entre os meninos de rua e a força policial efetivam-se, na maioria das vezes, baseadas na violência. Embora o ECA em seu artigo 6º³³ estabeleça que nenhuma criança deva sofrer qualquer forma de violência, observa-se o despreparo dos policiais na forma e força com que tratam os meninos. Ataíde (1993, p.83) encontra, na fala deles, um depoimento semelhante:

"A polícia não ajuda, não... eu acho que ela devia trabalhar assim: quando ela pegasse alguém roubando, ela prendia o ladrão e podia até bater nele, porque ladrão merece porrada mesmo... mas ela só devia bater no ladrão... o que acho errado é a polícia bater em todo mundo, ladrão ou trabalhador. Se a polícia desconfia de alguém, acha ele com cara de ladrão, já trata a pessoa como ladrão... baixa a porrada nela, dá tiro e mata ela... e atira à toa, e os tiram matam quem está na porta das casas só olhando o que está acontecendo.

³³ Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência crueldade e opressão, punido na forma de lei qualquer atentado por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais.

A discriminação contra o menino de rua obriga-o a separar-se de seu grupo, pois na companhia de iguais ele toma-se mais visado.

A abordagem policial pode ser realizada no momento em que o grupo é encontrado ou até mesmo pode ser procurado nos locais onde repousam: [*"Onde dormi vão pegá."*]DIUS27.

A força policial exerce a função de retirar os meninos da rua, afastando-os do convívio com a sociedade.

A revista a que o menino é submetido ocorre em locais públicos; nela é utilizada violência, ferindo o inciso 1 do Art. 16 do ECA³⁴: [*"tem as vez que os guri ficam quieto, as vez a gente fica sentado lá na 15, aí vem os brigadiano, botam a gente na parede, começam a dá pau na gente."*] D4US8, 9 [*"Ontem, no Gasômetro, 'llandaram entrá todo mundo, entrá dentro d'água. Cinco guri e duas guria."*] D7US 11 O; o inciso II. o do Art. 16 que estabelece o direito à liberdade de opinião e expressão também pode ser desrespeitado no momento em que é negado ao menino o direito à palavra.

O mocó, local de refúgio, pode ser invadido, numa forma clara de desrespeito ao inciso VII. o, também do Art. 16, que versa sobre o direito da criança e do adolescente em buscar refúgio, auxílio e orientação: [*Has vez os brigadiano iam lá, batiam na gente, por causa que tavam com droga, na... ."*] DIUS9.

³⁴ O direito à liberdade compreende os seguintes aspectos: 10 ir, vir e estar nos logradouros públicos e espaços comunitários, ressalvadas as restrições legais.

Os relatos dos meninos evidenciam, além da impossibilidade do uso da palavra, outra forma de agressão, quando seus atos ou falas são distorcidos pelo policial. [*"chegou lá no Fórum, lá e quis enrolá, que tinha cortado, tinha cortado a boca dele. "J D1US66.*

Alguns membros da polícia, ao contrário do menino que não possui permissão para utilizar a palavra, armam-se da comunicação verbal para agredir. {"*O brigadiano me chamô de fio da puta, dei um soco na cara. 'j D 1 US33* O uso da palavra pode ir além, quando está a serviço da provocação, chamando o menino à disputa, ao enfrentamento.

A violência física, caracterizada das mais diversas formas, em diferentes níveis de intensidade, permeia as relações da força policial com o menino de rua, podendo chegar a níveis insuportáveis. {"*...chega lá, eles espicham. Ah!!! Lá eles começam dá paulada até não querê mais...'j D1US29, 30 ["...quase arrebetam o cara. 'jDIUS31.*

O abuso sexual demonstra, ao mesmo tempo, poder e falha de amor próprio do agressor. Através da força, o agressor humilha sua vítima, mas também pode expor-se aos riscos dessa prática. O abusador despreocupado expõe, com seu ato, outros meninos que presenciam a agressão, violando, desta maneira, completamente a legislação de proteção à criança. As meninas que permanecem na rua durante a madrugada tomam-se alvos dessa prática.

Em suas relações com a força policial, a demonstração de poder, como em uma disputa, faz parte do mundo vivido pelos meninos de rua. O uso de armas e a utilização das viaturas confere vantagem nessa suposta disputa.

A violência desvaloriza o menino de rua quando a força policial, ao contrário do que reza o ECA em seu Art. 1735, tira-lhe o que tem de valor. Estando aí, no mundo praticamente desprovido de abrigo e afeto, ainda enfrenta a injustiça de perder algo material que é seu.

O desrespeito toma uma forma ainda mais vergonhosa quando o menino é obrigado a realizar alguma atividade para benefício único de seu agressor ou quando é envolvido em artimanhas que podem gerar punições. Carvalho (1991, p.135) ouviu de um juiz e de uma delegada depoimentos que fortalecem as denúncias dos meninos:

"Essa narrativa escapada provou o que o juiz havia me dito anteriormente em relação aos furtos, dizendo que a polícia manda os meninos roubar e fica com mais da metade dos bagulhos pra eles. A delegada disse que não podia se indispor com seus colegas da polícia. "

Acostumado a uma vida de privações, a viver sem orgulho, a humilhação sofrida pode provocar no menino uma atitude de opção pela morte. *{ "Ele me apontou*

³⁵ O direito ao respeito na individualidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia dos valores, idéias e crenças, dos espaços e objetos pessoais.

a arma assim. Disse que ia ma matá. Falei: então me mata. Me mata de uma vez.”]
D1US65

10.2.5 A outra face da polícia

Embora de uma maneira bem retraída uma sinalização de outras formas do tratamento dado pelos policiais aparece na fala dos adolescentes que necessitam de auxílio. [*“Tem uns que são legal. ”]* D5US40 [*“Ele é tri, ele veio e deu ropa pra nós no dia das criança. . ”]* D7US75.

10.2.6 Alerta constante

O menino de rua vive em alerta constante, uma prática que se caracteriza pela insegurança, pelo medo de perder a vida, de ser violentado, torturado. Esse hábito é diferente dos usados pelas crianças que vivem com suas famílias. Num mundo onde a agressão, o imprevisto pode surgir de qualquer direção, em qualquer momento, o menino deve colocar-se numa posição que o livre de surpresas, por isso necessita, para sobreviver, manter-se sempre atento. Utiliza e desenvolve capacidades de movimento rápido, de criatividade para a fuga e de atenção superiores às das demais Crianças. [*“tem que ficá esperto na rua. Se for guri de rua tem que ficá esperto, né?”]* D1US4 Graciani (1999, p.131) enfatiza:

“Não é possível prever o que vai acontecer na próxima hora, no próximo dia. Há que estar sempre preparado para agir ou reagir, criar e recriar, inventar ou reinventar formas, maneiras de sobreviver na rua ou mesmo sobreviver na rua.”

A rua, local de domínio público, não garante a privacidade do menino; seus bens e valores pessoais podem facilmente ser alvo do desejo alheio. O dinheiro, bem maior da sociedade capitalista, precisa ser vigiado; o menino deve desenvolver capacidade criativa para mantê-lo fora do alcance de outros. [*"...tem que andá com o dinheiro sempre mocoçado."* J D1US6. Ataíde (1993, p.138) explica: "Mocoçar alguma coisa é esconder o que foi' conseguido' em um lugar seguro."

Até mesmo em momentos de descanso não podem estar privados de atenção. Quando está dormindo o menino toma-se presa fácil, vulnerável às investidas contra seus bens, inclusive sua vida. A escolha do local onde dorme é importante no mundo-vida dessa criança, pois o essencial nessa hora é a segurança e poder manter-se afastado dos riscos impostos pela adversidade da rua e seus diversos sujeitos. [*"Tem que se cuidá prá dormi, onde dormi, por causa dos outro."* J D5USII, 12.

Ataíde (1993, p.124) "*Se alguém não quiser fazer o que eles mandam, eles vão atrás, onde a pessoa estiver, e matam o podre coitado! ...*".

1 0.2.7 Ocupações

O trabalho aparece para o menino de rua como uma possibilidade de modificar sua história de vida. Ao cumprir pena decorrente de um ato infracional, internado numa instituição fechada, ele pode vislumbrar a liberdade através de um trabalho assistido por algum maior responsável. Por outro lado, o vínculo que mantém o menino junto ao responsável pode ser visto como outra forma de aprisionamento, ou seja, ele tem consciência de que necessita estar junto ao

empregador para permanecer fora da instituição. *{ "Tô trabalhando com ele até agora. Agora tô trabalhando com o cara lá. "j D1US45, 57*

Sem muitas opções para obter dinheiro, a criança de rua ocupa-se com atividades que estão ao seu alcance.

Na maioria das vezes os meninos, assim como a sociedade em geral, consideram essas atividades como trabalho. Como afirma Ferreira (1979, p.75) :

"O próprio esmolar adquiriu técnicas novas - limpar os pára-brisas, passar flanela nos sapatos, abrir a porta do automóvel - que o transformaram numa categoria mais próxima do trabalho e por isso, mais justificável e aceita numa sociedade industrializada e competitiva onde todo contato pessoal pressupõe uma relação de troca. Atende-se assim às exigências da ideologia dominante, que legitima a relação entre o trabalho e o capital. "

o emprego, mesmo informal, gera, além do crescimento e do conhecimento, oportunidade para o menino adquirir dinheiro e planejar seu futuro. As amizades que a vida na rua promove podem auxiliar na realização do sonho. Ataíde(1993, p.31) acredita que os meninos de rua que sustentam a si próprios através de seu trabalho constituem um grupo mais sadio,

"demonstram menos agressividade e revolta, possuem hábitos e valores comuns às classes populares e, não raro, freqüentam ou já freqüentaram escola e não são usuários de drogas, nem têm envolvimento com a polícia. "

10.2.8 Oportunidades

Na rua, o menino, além de trabalhar, convive com oportunidades de experienciar diferentes atividades. [*"..fazia um monte de coisas "J D3US25 Inserido na escola pode desfrutar de passeios que lhe proporcionam um conhecimento que supera o imaginado por esses garotos. ["Ensinaram como era o Japão, lá, uma mulher. Como era o Japão, como que eles usa a roupa, lá, um tênis (bah!) "j D7US55. A expectativa em relação a novas oportunidades está presente no mundo da vida. ["Os passeio, nós vamo passeá agora em janeiro, agora".) DIUS85*

As oportunidades de enriquecer sua história de vida surgem através de amizades permeadas de solidariedade.

Diante de outros caminhos, o menino busca aprender novas habilidades.

Participar em encontros nacionais de crianças de rua podem propICIar diferentes horizontes. [*"... até agora que eu fui prá Rena, tá sabendo, né? Esse encontro nacional, um encontro, eu tinha opções prá escolhê, eu escolhi principalmente informática. Trabalhei só com informática lá, prá mostrá prô pessoal aqui do colégio. "]* DIOUS56, 57. O intercâmbio oferece crescimento, e o menino pensa no seu futuro e no dos demais colegas.

10.2.9 Solidariedade

"Mas é sobretudo o problema das atitudes sociais perante a pobreza que é preocupanr.e: em vez de compaixão e solidariedade observa-se, apena,', indiferença, medo e ódio. " (UNESCO, 2000, p.231).

A solidariedade está presente num mundo de inúmeras privações. Os vínculos de apoio surgem em favor do menino como novas formas de vida. [*"Aí um dia o cara foi lá e falô. Se quizé trabalha comigo eu ti tiro daqui. '7 DI US70. Em razão da ajuda o outro recebe a confiança do menino, sem muitas opções, aceita a aproximação. ["Ai eu falei, se o senhor quizé mentirá, me tirá. "J DI US71.*

Diante de experiências positivas nas quais a solidariedade humana pode dar novo rumo a este ser no mundo, o menino de rua também procura ser solidário. Acredita que pode auxiliar a diminuir o sofrimento de outros. Esse sentimento serve para auxiliá-lo, assim como faz parte da história de vida daquele que se preocupa com seus semelhantes.

As privações a que a rua submete o menino são atenuadas pela solidariedade humana em atos individuais. Reconhecendo a importância de agir assim o menino vê nesse gesto uma oportunidade de mudança, uma possibilidade de solução.

10.2.10 Diversão

" As crianças e os animais brincam porque gostam de brincar, e é precisamente em tal fato que reside sua liberdade." (HUIZINGA ,1996, p.10)

A rua propicia ao menino possibilidades de diversão. A dança e a música atraem, oferecendo-lhe opção de lazer. [*"(eu) ia prô som, baile, no lago, no coqueiro, na escadinha. "j D4US.*

Os jogos produzidos através de tecnologia avançada estimulam-no a buscar outros horizontes, outras batalhas, nas quais a habilidade pode tomá-lo vencedor. As

casas de fliperama, espalhadas no centro da cidade, fascinam as crianças e os adolescentes. [*"...(eu) arrumo dinheiro e vó direto pro fliperama. Eu (risada). Eu só muito viciado no, é mania já, eu me acostumei... "*] D5US48, 49.

Envolvido com seu entretenimento preferido, o menino mantém-se afastado das armadilhas comuns a quem perambula nas ruas. A droga não tem espaço no mundo vida em que a diversão preenche lacunas abertas pelo abandono.

Mesmo que a fantasia do jogo o afaste da rudeza do viver na rua, ele possui noção de suas obrigações de cidadão. A mesma sociedade que o exclui, cobra compromissos que podem não ser prioridades para ele, tal como costuma ocorrer entre adolescentes com vínculos familiares.

10.2.11 O grupo: uma nova família

Na rua, o menino constitui uma nova família. Constrói laços de amizade e de ajuda com seus companheiros. Escolhe, forma e adota um grupo com funções semelhantes às das famílias socialmente estruturadas. [*"Ele é meu irmão, irmão de rua. "*] D7US61. Como em outros agrupamentos sociais, a família montada provê espaço de acolhimento para a satisfação de necessidades físicas e emocionais. [*"Nós dormimô junto, não é?"*] D7US64. O menino agrega-se, facilitando sua sobrevivência. Carvalho (1991, p.179) afirma:

"Quando eu me refiro ao amor, eu tento falar a respeito de compromisso com o mundo, com as pessoas, e eu sinto e vejo que a relação de amor entre o grupo se faz mais forte com o que cultiva entre si. Uma relação de fidelidade, respeito, ajuda, apoio e proteção. "

10.3 MUNDO DA ESCOLA

O menino de rua reconhece a importância da escola e busca, com objetivos diferentes, pertencer a esse espaço.

A função primordial da escola, ou seja, o ensino é preservado nos relatos dos meninos; vários deles procuram-na para estudar, aprender e obter crescimento.

["Venho prá escola prá estudá ... e sabê lê, sabê fazê as continhas que eu não sei, quase"] D12US13

Essa instituição é diferente, pois caracteriza-se por ultrapassar os muros da escola formal, acolhendo o aluno e oferecendo-lhe outros cuidados. A escola é solidária, atende, orienta, a ponto de a criança sentir carinho e afeto por ela que a vê como é vista em casa, no lar. Esse lar é diferente daquele que ela abandonou, pois hoje compreende o valor e resiste em deixar o colégio, fingindo incompetência para não ser promovida a totalidades não oferecidas na EP A. Ramos (1999, p.31) tem uma experiência semelhante:

"Estudos realizados com os alunos da Tia Ciata mostram que eles formavam um exército invencível de repetentes crônicos, analfabetos, fujões da escola, impossíveis de serem domados pelo sistema educacional formal. Um dos graves problemas enfrentados era a resistência dos alunos em sair da Ciata, após a conclusão do 1.º segmento (1.ª a 4.ª série) ."

É a escola aberta que atende às subjetividades dos alunos, construindo vínculos alicerçados na atenção e no afeto.

Afastamentos por períodos de tempo menores só ocorrem diante da impossibilidade de a criança freqüentar a aula. [*"Vai fazê 3 anos que tô na escola, só faltei quando eu fava doente."*] D7US84.

O menino de rua também encontra no colégio a diversão propiciada de maneira simples ou através de tecnologia mais avançada. O uso do computador atrai o aluno, somente lá ele tem acesso a esse bem. A informática permanece a serviço do crescimento e desenvolvimento intelectual do aluno, além de mostrar-se um bom divertimento. [*"Na escola eu gosto de mexê no computador por causa dos joguinhos."*] D5US50.

A violência vivida na rua ingressa na escola juntamente com alguns alunos, e a disputa entre grupos diferentes, faz parte do cotidiano escolar, prejudicando assim algumas relações interpessoais. [*"Tudo eu gosto aqui, mas tem as vez que os guri vem guerreado."*] D6US27.

Apesar desse particular existir na prática escolar, o mundo da escola oferece oportunidades aos alunos, principalmente no sentido de capacitá-los para atividades remuneradas. Os cursos oferecidos propiciam alternativas para eles.

10.3.1 Cursos

A escola solidária, preocupada com futuro dos meninos de rua, auxilia-os na obtenção de vagas em diferentes cursos em que o aluno pode desenvolver aptidões naturais de acordo com a escolha feita. Aqueles que freqüentam a EP A sabem que podem contar com o apoio dos professores para darem continuidade à capacitação

técnica. Estar habilitado significa obter dinheiro durante o curso e apresenta-se como possibilidade de futuro.

Na maioria das vezes destituída de ambição, despreocupada com o amanhã, a criança envolve-se com a perspectiva de qualificar-se. [*"Agora em março que vem eu vô prô curso. "*] D7US87.

A importância dos cursos vai muito além da qualificação da ajuda financeira; ela propicia convívio social aos alunos, oferece oportunidade de reconhecimento através de cerimônias de formatura e obtenção de diploma. O mérito do menino de rua, ao concluir o curso, é oficial e socialmente reconhecido. [*"Agora já tamô terminando o curso, já. O último dia vai sê 6~ feira. E no último dia nos vamô fazer a formatura, vai tê o diploma, o curso da usina. "*] D4US24, 25.

10.4 COTIDIANO

Ao ser indagado sobre o que faz, o menino relata seu dia-a-dia, sua rotina de vida na rua e também na escola. Explica as atividades que desenvolve, menciona experiências e expõe suas alegrias e frustrações. Vê a rua como espaço para crescimento, para fazer amigos e obter oportunidades, para ter convívio com a solidariedade de pessoas e instituições. Isso também evidencia um mundo de possibilidade para transgredir e enfrentar dificuldades. Em casa pode desobedecer rotinas estabelecidas na família, na rua, transgredir leis da sociedade civil e normas culturalmente estabelecidas.

As dificuldades encontradas podem ser físicas, ou seja, sentidas no próprio corpo: a falta de alimentação, higiene, repouso; psicológicas e morais, principalmente pelo afastamento da família e no trato com a ordem social estabelecida.

Relaciona suas ações com a maneira de viver na rua, podendo isso ser bom ou ruim. Bom é estar vivendo em grupo, possuir amigos, poder divertir-se, brincar e jogar. Ruim é estar exposto à violência e a privações.

10.4.1 Cotidiano da rua

O mundo vivido pelos meninos de rua assemelha-se a suas rotinas diárias, ou seja, na rua eles cumprem uma seqüência de atividades semelhantes às vivenciadas em casa. Eles dormem, acordam, ocupam-se, quer seja para conseguir meios de satisfazer suas necessidades, ou simplesmente para deixar que o tempo passe.

o novo dia inicia-se com o acordar. Acordando-se, tem-se a certeza de que se está vivo, presente, disposto a continuar. [U *Durmu, não, primeiro, de manhã eu me acordo.* "] D6USI3.

Acordada, viva, a criança de rua, como qualquer outra que já tenha assimilado hábitos de higiene corporal, procura mostrar-se limpa. A rua, lugar do impuro, pode não prover condições de sobrevivência ao menino que então busca, em diferentes instituições abertas, auxílio para realizar sua higiene diária. {"*A gente acorda de manhã, né? Eu pego e venho pro colégio direto, acordo de manhã e a primeira coisa*

que jáço é í pro colégio, nem lavo o rosto, lavo aqui mesmo (sorriso), porque eu não gosto de lá. "J DI OUS48.

O horário desse tipo de instituição é restrito, o atendimento ao menino ocorre em um só turno, quando então ele busca diferentes formas de passar o tempo. Pode ficar na rua cometendo transgressões, divertindo-se ou até mesmo sem fazer nenhuma atividade.

O período da manhã desenvolve-se de acordo com seus objetivos de vida e condições que a rua oferece. Buscar acolhida em instituições abertas faz parte do cotidiano e por essa razão a escola solidária é procurada.

A escola, a solidariedade de outros, o grupo de pessoas em situação semelhante, a droga e a transgressão, assim como o divertimento, encaixam-se como peças que constroem o dia-a-dia do estar na rua. As questões de gênero podem diferenciar o cotidiano da vida de rua.

Ao sair da escola envolve-se em ocupações ou trabalho que possam render-lhe remuneração. O dinheiro obtido pode ser utilizado para suprir necessidades em períodos de seu cotidiano que a solidariedade de outros não alcança, principalmente à noite.

Outras instituições abertas, ligadas à FESC, fazem parte do cotidiano do menino. Oferecem-lhe alimentação, local para realizar a higiene pessoal, lazer. Dão-lhe oportunidade de sair da rua enquanto aguarda o horário da escola. Alguns inclusive utilizam o período da manhã para satisfazer suas necessidades de uma

forma independente, por exemplo, obtêm dinheiro através da caridade alheia para alimentar-se.

Terminado o período diário em que frequenta o colégio, o menino retoma à rua, vivenciando outras experiências que envolvem o descanso, o trabalho ou ocupações, a diversão, a drogadição e a satisfação de suas necessidades. Ferreira (1979, p.156) enfatiza isso: "*As oportunidades surgem para o trabalho como para o furto ou para a tráfico de drogas e o menor adquire o adestramento necessário para aproveitá-las todas*".

O descanso, de fato, adquire um caráter mais prolongado quando procura abrigo para passar a noite.

O dia encerra-se com o sono noturno que pode ser precedido pelo convívio entre iguais. ["*As vez a gente fica até tarde cantando, canta pagodinho, sambinha, um rap, a gente fica cantando, depois eu pego e vô dormi.*"] J DI ODS60.

Para o menino de rua o seu cotidiano pode não parecer desabonador, ao contrário, estando nela ele pode auxiliar, ser útil. ["*...fico ajudando os tio do banco, ali a cuidá do banco ali.*"] D5US42.

Convivem com a força policial, que, exercendo seu papel diante da sociedade, tenta evitar a presença dele na rua. ["*Os brigadiano passam e mandam a gente saí, mas eu fico.*"] D5US39.

A droga, presença constante- no mundo do menino de rua, é utilizada em momentos ociosos, no convívio entre iguais. O uso dessas substâncias é visto pelo menino como diversão, distração. Em vários momentos, os entorpecentes fazem parte do convívio social das crianças que vivem na rua. Sem objetivos definidos e à margem de alternativas elas encontram companhia na droga.

Nos finais de semana, o cotidiano altera-se, e o menino de rua torna-se ainda mais desprotegido, necessitando buscar outras alternativas para alimentar-se.

10.4.2 Cotidiano da escola

O menino, quando é questionado sobre o que faz na rua menciona a escola. Frequentá-la faz parte do cotidiano dele. Além de oferecer oportunidade de adquirir conhecimentos comuns às demais instituições de ensino, a escola aberta possibilita participar de atividades curriculares como o esporte, as artes plásticas, a informática. *["Na escola, eu gosto de estudá, jogá bola, olhá vídeo, hã jogo computador, jogá joguinho que tem no computador, fazê coisa de argila. "] D6DS26.* Em semelhança às crianças que vivem com seus pais, os meninos de rua convivem com a informática no cotidiano da escola. O uso do computador durante as aulas enriquece o dia-a-dia do aluno, levando-o a relatar sua paixão por essa atividade. *["...só apaixonado por computador, não tem coisa melhor que eu adoro. "] DIODS55.*

O cotidiano da música e da dança atrai o aluno, e só é interrompido por fatores como férias e feriados.

Frequentar a escola é vivenciar experiências que facilitam a aquisição de habilidades pelo menino de rua, possibilitando-lhe abrir futuros caminhos. A jardinagem, curso oferecido através de bolsa-auxílio para alguns alunos, além de denotar uma nova maneira de obter rendimento para o menino de rua, evidencia a admiração pelo sucesso alcançado no empreendimento. [*HO Elvis, sabe o Elvis? plantô uma árvore bem grande.*] D7US89. O trabalho realizado é reconhecido pelos demais.

10.5 MUNDO DAS INSTITUIÇÕES FECHADAS

As instituições fechadas são locais para onde os meninos são enviados quando cometem algum delito. Eles têm noção de ética e de que devem permanecer na instituição para cumprir uma dívida que têm com a sociedade e sabem que só alcançarão a liberdade quando a pena a que forem submetidos terminar. [*“ Eu ficava lá pra, pra vê se podia saí, ficava lá. ”*] DIUS39. Foucault (1994, p.208) escreve sobre a privação da liberdade: *H... a pessoa está na prisão para 'pagar sua dívida. A prisão é 'natural' como é 'natural' na nossa sociedade o uso do tempo para medir as trocas."*

Enquanto permanecem na instituição, apesar de terem suas necessidades básicas atendidas, os meninos vivenciam o isolamento social. Eles são retirados da rua e devem submeter-se a regras determinadas. Passam por um processo de massificação, e a identidade adquirida na rua não é mais respeitada. Dentro dos institutos os meninos são parte de um grupo com características comuns: são infratores. Embora reconheçam que ao permanecer na instituição satisfazem suas

necessidades de higiene, repouso e alimentação, eles sonham com a liberdade, e a fuga está presente em suas histórias de vida. A fuga, maneira encontrada de obter a liberdade "mais cedo, tem diferentes motivos, inclusive serve de compensação para perdas, como por exemplo, a morte de um familiar.

10.6 MUNDO DA JUSTIÇA

Justiça quer dizer: *"conformidade com o direito; a virtude de dar a cada um aquilo que é seu; a faculdade de julgar segundo o direito e a melhor consciência"* (Ferreira, 1986, p.809).

A caracterização de justiça, contida no conceito do léxico, torna claro que para as crianças de rua, há apenas uma via, ou seja, elas são punidas pelas infrações que lhe são imputadas.

Os direitos da criança, consagrados no ECA não são cumpridos. Este estudo proporciona visualizar essa falha de obediência aos direitos da criança quando se observa a violência de que é vítima.

Submetidos a privações, os meninos de rua envolvem-se com diferentes práticas criminais. Para responderem aos delitos cometidos, eles são encaminhados à Justiça.

Reconhecem a autoridade do juiz, porém, algumas vezes, não valorizam, em termos de privação da liberdade, a pena aplicada. O tempo que deverão permanecer nas instituições não é considerado, uma vez que a liberdade já lhes foi retirada.

Foucault (1994, p.255) descreve, em seu "livro, no depoimento de um condenado, uma passagem semelhante:

"Ouvindo sua condenação a dois anos de correção, Béasse faz uma careta feia, depois, recobrando o bom humor: 'Dois anos nunca duram mais que vinte e quatro meses. Vamos embora, vamos indo'."

Essas crianças possuem noção dos deveres a serem cumpridos durante todo o processo jurídico, sabem da importância do comparecimento às audiências marcadas.

Os meninos de rua mostram-se descrentes da justiça em relação ao valor de suas palavras. Afirmam que as autoridades responsáveis pelo desenvolvimento do processo criminal possuem maior credibilidade frente aos juízes do que eles, que vivem nas ruas. [*"Eles vão acreditar mais é na polícia porque na gente eles não acreditam. Eles vão acreditar na lei porque na lei eles acreditam, na gente que são de rua nenhum ia acreditar em nós. Nenhum vai acreditar em nós."* D2US58, 59.

Carvalho (1991, p.127) vivenciou uma realidade diferente quando conversou com um juiz durante a realização de sua pesquisa:

"O homem tem uma cara fechada, mas me disse que tudo que os meninos contam é verdade. ' Os meninos não mentem, podem exagerar, mas não mentem' palavras do Juiz. "

A justiça também pode ser vista como protetora de seus direitos. Através dela podem obter recompensas por agressões a que foram submetidos.

Dos mundos vividos pelos meninos de rua, o da justiça pode ser aquele que representa acolhimento, como observamos nas falas de Carvalho (1991, p.158):

"Eu gosto de ir ao juizado de menores. Não sei se sinto amor ali, mas pelo menos existe respeito, as pessoas ouvem os meninos e eles se sentem seguros. "

E de um menino de rua, entrevistado por Ataíde (1993, p.40):

"Acho que o Juizado de Menores é uma segurança pros meninos que moram na rua e fazem coisas erradas. O Juizado pode tirar logo eles do crime, ... eu acho que o Juizado protege os meninos. Tira eles da rua e leva prá lá, pra ensinar, educar e tirar eles da malandragem. "

10.7 MUNDO DA CASA

Todas as crianças, sujeitos da pesquisa, são, ou foram meninos de rua; possuem em suas histórias de vida passagens de um cotidiano sem o acolhimento de um lar. Mesmo sem vínculos fortes com a família, a casa, caracterizada como o oposto da rua, está presente na fala dos meninos. ["... (eu) tenho minha casa. Moro no Pinheiro, na parada 15. "] D4US14.

Vivendo em casa o menino não possui algumas das oportunidades que a rua oferece, como a possibilidade de formar um grupo de iguais. ["...se o cara, se a gente vai prá casa e nunca mais vê os amigo o cara fica triste, se perde os amigos. (neste momento o menino baixa a cabeça e fala com muita tristeza.) Em casa eu tenho amigo mais é pouco. "] D6US21, 22.

Na maioria das vezes, a família não tem como prover o necessário para uma vida digna. As condições sócio-econômicas adversas dificultam a permanência das crianças em casa. Carvalho (1991, p.149), descrevendo a visita que realizou à casa de uma menina de rua, enfatiza.

"Descemos as duas de mãos dadas pra nenhuma cair, quando ela me mostra o barraco de sua mãe. Meu Deus! li melhor mesmo dormir nas ruas. "

Somente o menino que vivenciou as diferenças entre os mundos da casa e da rua pode afirmar com veemência: [*"porque a gente tando em casa é bem melhor porque a gente sabe que tem mais segurança em casa do que na rua... "*] D11 US4, 5.

Mesmo apresentando dificuldades o mundo da casa oferece vantagens.

10.8 TRANSIÇÃO ENTRE OS MUNDOS

A instituição fechada, a escola, a justiça, a casa, enfim, todos esses mundos fazem parte da história de vida de meninos de rua.

A própria definição de menino de rua envolve a transição entre os mundos que entrelaçam a história de vida dessa criança. Raffaelli (1996, p.124) diferencia criança **na** *rua e criança **de** ** rua, porém afirma que a

"...fronteira entre esses dois grupos é permeável e muitas crianças alternam-se entre estes, especialmente nos primeiros períodos de vivência nas ruas".

Dada a permeabilidade existente entre os dois mundos, afirmar que um menino é de rua nem sempre é tarefa fácil. Hoje ele está em casa, amanhã na rua.

* Grifo no original.

** Grifo no original.

Voltar para casa pode ser a resposta para uma experiência negativa. O movimento entre os mundos permite que o menino, ao tomar consciência das dificuldades, procure auxílio de seus parentes.

A procura pela família pode ter um caráter momentâneo, isto é, no momento de dificuldade o apoio é necessário. [*às vez, eu ia lá em casa pedi dinheiro prá minha vó.*] D11US19.

Uma volta com caráter mais permanente pode acontecer quando a família recebe apoio de outra instituição, como por exemplo, a escola, que pode auxiliar o menino a fixar-se em casa. É como se quando vinculado à escola seus objetivos de vida ficassem mais claros e mais fáceis de serem alcançados.

A solidariedade dele com seus familiares também é relatada na troca da rua pelo seu lar. Ao sentir-se útil no seio da família, permanece ao lado dela, conforme pode ser constatado no depoimento que segue: [*agora não, agora eu mudei. Agora eu só mais de ficá em casa cuidando dos meus irmão, ajudando a minha mãe porque a minha mãe sofreu muito.*] D2US14.

Algumas vezes a transição entre os mundos conta com o amparo de diferentes pessoas ou instituições. Porém, se a família não estiver estruturada o mínimo suficiente para receber de volta o menino, ele rapidamente retoma às ruas, evidenciando a permeabilidade entre os mundos.

Quando o menino já possui uma cultura de rua, a permanência em casa é difícil. A rua passa a ser seu referencial, e os contatos com os familiares são mais

esporádicos. Estar na rua exige mais cuidados. Se a atenção não for redobrada outro mundo pode envolvê-lo: o mundo da instituição fechada.

O Fenômeno Clarificado

11 O FENÔMENO CLARIFICADO

Este abismo que se interpõe entre as forças internas e externas do homem é uma das causas mais importantes e profundas dos males individuais e coletivos que afligem nossa civilização e tão gravemente lhe ameaçam o futuro. (Toynbee, 1993, p.7)

Este capítulo reflete o pensar da pesquisadora sobre o fenômeno estudado. Mostram-se aqui as questões geradoras do processo que tomam os meninos diferentes, modificados "trans-formados", "trans-figurados".

O mundo-vida dos meninos de rua revelou uma experiência de sofrimento solitário, iniciado na fragilidade de relações familiares e continuado no tratamento "des-humano", no "des-afeto" que vivenciam na rua. Evidenciaram-se as atitudes das crianças e as providências que a sociedade toma em favor dela mesma ao ser molestada por essas crianças.

O espaço de desenvolvimento o menino de rua é amplo, porém inadequado. É público, não desfrutam da liberdade dentro de si, pois são amontoados e confinados, vivem nas áreas periféricas, inadequadas para alguém viver com saúde. "Trans-

formados", reduzidos a objetos de ameaça constante, permanecem à margem da sociedade.

Resgata-se neste pensar, o dualismo do que é moral/imoral; ético/não ético; justiça/injustiça no agir dos humanos para com outros humanos, ainda em formação, "trans-figurados" em agressivos, excluídos da convivência normal. Os atingidos são os mesmos que a julgam.

A evolução da ciência vem demonstrando que, ao mesmo tempo que é descoberta para proteger a vida, serve como degrau de ascensão de alguns em detrimento de outros. Uns são merecedores destes avanços, os demais permanecem "des-amparados", sem usufruir dos benefícios dos novos conhecimentos.

Ao estudar o fenômeno revelado, causou indignação à própria pesquisadora lidar com tamanhas e distintas diferenças. Passa-se a refletir sobre os eventos que retiram a nobreza da vida humana, e aviltam-na.

Como estão posicionadas as disciplinas e os profissionais que se propõem a trabalhar esses eventos? Como é interpretada e executada a legislação que deve promover o círculo virtuoso do bem comum?

Ao questionar-se sobre o dever do cidadão e das leis que protegem as relações entre os humanos, quer reforçar a idéia de que somente a pessoa satisfeita em suas necessidades humanas fundamentais está apta a perceber, compreender, dar e receber afeto.

Os adultos, a sociedade em geral, os policiais, os que convivem com os Meninos de Rua precisam ser considerados em seus afetos para que possam estar com pessoas diferentes, mesmos os excluídos.

As virtudes humanas devem ser exaltadas, cultivadas e apreciadas naqueles que foram e estão sendo formados para assistir a população em geral e, em especial, a marginalizada. Além do compromisso, é necessário fortalecer as vontades que levam à compreensão de barreiras até então intransponíveis como a fome, o sofrimento, o medo, a revolta e os vários tipos de violência e de dor.

Os relacionamentos certamente se darão de forma mais harmoniosa e verdadeira, à medida que se possa conhecer e multiplicar caminhos para medir e amenizar os conflitos do viver; o pensar e o agir mais embasados em saberes sobre trocas sociais. Centram-se ainda no respeito às emoções, no acolhimento dos humanos em sociedade, no modo como percebem, experimentam e realizam-se no papel de "ser-humano".

Fala-se em proteger, cultivar e fortalecer o desejo das pessoas envolvidas com o cuidar de Meninos de Rua para auxiliar essas crianças em suas potencialidades: estimulando auto-confiança, segurança, integridade, coragem e afeto. Desse modo reduzem-se as dificuldades e as resistências, a fim de estimular essas pessoas para a consciência de si mesmas.

Imbuída desta convicção, na condição da mulher, mãe, enfermeira e formadora de novos profissionais, a pesquisadora almeja ver socializados os resultados deste estudo e multiplicadas as questões e ações no estar-com os meninos

de rua. Sobretudo, permanece envolvida na continuidade de desvelamentos
caminhos para uma "rua com saídas".

de

Bibliografia Citada

BIBLIOGRAFIA CITADA

- 1 APPLE, Michael W. *Educação e poder*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- 2 APTEKAR, Lewis. Crianças de rua nos países em desenvolvimento: uma revisão de suas condições. *Psicologia: reflexão e crítica*, Porto Alegre, n.1, v. 9, 1996.
- 3 ATAÍDE, Yara Dulce Bandeira de. *Decifra-me ou devoro-te... história oral de vida dos meninos de rua de Salvador*. São Paulo: Edições Loyola, 1993.
- 4 BICUDO, Maria Aparecida Viggiani, ESPOSITO, Vitoria Helena Cunha. *Pesquisa Qualitativa em Educação: um enfoque fenomenológico*. Piracicaba: Editora Unimep, 1994.
- 5 BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela terra*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- 6 BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: DIFEL, 1989.
- 7 BRASIL. Lei Federal n. 8.069 de 13 de julho de 1990. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Dispõem sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, e dá outras providências. Brasília: Ministério da Ação Social, 1990.
- 8 BRUNS, Maria Alves de Toledo. Reflexões acerca do "fazer" metodológico in CASTRO, Dagmar Silva Pinto (Org). *Fenomenologia e análise do existir*. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo: Sobraphe, 2000.
- 9 BUCHER, Richard. *Drogas e drogadição no Brasil*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- 10 CAR VALHO, Maria A velina de. *"Tô Vivu", Histórias dos meninos de rua*. 2.ed. Goiânia: C egraflUFG. 199L 237 p.

- 27 GMEINER, Conceição N. *A morada do ser: uma abordagem filosófica da linguagem, na leitura de Martin Heidegger*. Santos, SP: Leopoldianum, 1998. 224p.
- 28 GOLDIM, José Roberto. *Manual de iniciação à pesquisa em saúde*. Porto Alegre: Dacasa, 1997. p.199.
- 29 GRACIANI, Maria Stela S. *Pedagogia Social de Rua: Análise e sistematização de uma experiência vivida*. 2.ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire. 1999.
- 30 HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1996.
- 31 HUTZ, Cláudio Simon e KOLLER, Sílvia Helena. Questões sobre o desenvolvimento da crianças em situação de rua. *Estudos de Psicologia*. 2(1), 1997. p.175-197.
- 32 HUTZ, Cláudio S. et alli. *Resiliência e vulnerabilidade em crianças em situação de risco*. Porto Alegre: UFRGS, Centro de Estudos Psicológicos. Cópia heliográfica.
- 33 JOSGRILBERG, Rui de Souza. O método fenomenológico e as ciências humanas in CASTRO, Dagmar Silva Pinto Org. . *Fenomenologia e análise do existir*. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo: Sobraphe, 2000.
- 34 KOLLER, Silvia H. e HUTZ, Cláudio S. meninos e meninas em situação de rua: Dinâmica, Diversidade e Definição. In: *Aplicações da psicologia na melhoria da qualidade de vida*. Porto Alegre: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia, 1996. p.86.
- 35 LOPES, Caho. *Cara a Cara com as Drogas*. Porto Alegre: Sulina, 1996.200 p.
- 36 MARTINS, Joel. *Um enfoque fenomenológico do currículo: Educação como poiésis*. São Paulo: Cortez, 1992.
- 37 MINA YO, ~ Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento*. Pesquisa qualitativa em saúde. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1994.
- 38 MINA YO, Maria Cecilia de Souza *O limite da exclusão social: meninos e meninas de rua no Brasil*. São Paulo/ Rio de Janeiro: Editora Hucitec Abrasco, 1993.
- 39 MONTEIRO, Julieta M. C. e DOLLINGER, Stephen L Estudo etnográfico e autofográfico do menino na rua em Fortaleza, Ceará. In: *Aplicações da psicologia na melhoria da qualidade de vida*. Porto Alegre: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia, 1996. p.86.
- 40 NUNES, Dulce Maria. *Linguagem do Cuidado*. São Paulo: UFSP - Escola Paulista de Medicina, 1995.246 p.Tese (Doutorado em Enfermagem)

- 41 PEGORARO, Olinto A. *Ética é Justiça*. Petropólis: Vozes, 1995.
- 42 PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. SMED. Em busca da Unidade Perdida - Totalidades de Conhecimento: um Currículo em Educação Popular. *Cadernos Pedagógicos*, n.8, 3.ed., Porto Alegre, 1997..
- 43 -' Planejando as Totalidades de Conhecimento na Perspectiva do Tema Gerador. *Cadernos Pedagógicos*, n.13, Porto Alegre, 1998.
- 44 QUINTANA, Mário. *Caderno H*. Porto Alegre: Globo, 1977.
- 45 RAFF AELLI, Marcela. Crianças e Adolescentes de Rua na América Latina: Artful Dodger ou Oliver Twist? In: *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 9, n° 1. Porto Alegre. CPG Psicologia / UFRGS, 1996.
- 46 RAMOS, Maria P.c. *Educação de Rua: o que é, o que faz, o que pretende*. Rio de Janeiro: Anais Livraria e Editora Ltda. 1999
- 47 RESTREPO, Luis C. *O Direito à ternura*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- 48 RICOUER, Paul. *Interpretações e ideologias*. 4.ed. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1990.
- 49 RIO GRANDE DO SUL. *Juventude solidária. Ação universitária junto à comunidade gaúcha*. Porto Alegre, 1996. Folder
- 50 -' *Programa PIÁ 2000 -Informações*. Porto Alegre, 1996a.
- 51 -' *Projeto: Juventude Solidária*. Porto Alegre, 1996b.
- 52 -' Assembléia Legislativa. *Relatório Azul, Comissão de Cidadania e Direitos Humanos*: Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1999.
- 53 RIZZINI, Irene. *Deserdados da sociedade: os meninos de rua da América Latina*. Rio de Janeiro: USUEd Universitária, 1995.
- 54 ROSEMBERG, Fúlvia. Estimativa Sobre Crianças e Adolescentes em Situação de Rua: Procedimentos de Uma Pesquisa in *Psicologia. Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 9, nO. 1. Porto Alegre: CPG Psicologia / UFRGS, 1996.
- 55 SANTOS, José Vicente Tavares dos. Ofício de policial: a violência exercida, a violência vivida. In: RIO GRANDE DO SUL. Assembléia Legislativa. *Relatório Azul, Comissão de Cidadania e Direitos Humanos*. Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1999.
- 56 SIL V A, Roberto da. *Os Filhos do Governo*. São Paulo Editora Ática,
- 57 ¹⁹⁹⁷ SIL V A, S. S, GORA YEB, Raul, LEBENSZT AJN, Benjamin, KOSIN, Moema D. e SNITCOVSKI, Mayer. Observações sobre o universo mental das crianças de rua. *Revista ABP-APAL* 13 (3): 85-96, 1991.

- 58 SP ANOUDIS, Solon in HEIDEGGER, Martin. *Todos nós ...ninguém: um enfoque fenomenológico do social*. São Paulo: Moraes, 1981.
- 59 STEIN, Emildo. *Seis Estudos sobre Ser e Tempo*. Petrópolis: Vozes, 1990.
- 60 SWART -KRUGER, Jill e DONALD, David. Crianças das Ruas da África do Sul. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 9, n° 1. Porto Alegre: CPG Psicologia / UFRGS, 1996.
- 61 TOYNBEE in ASSAGIOLI, Roberto. *Introdução ao ato da vontade*. São Paulo: Cultrix, 1993.
- 62 TRIVINOS, Augusto N. Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.
- 63 UNESCO, MEC Educação: um tesouro a descobrir. 4.ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC:UNESCO,2000.
- 64 VIOLANTE, Maria Lúcia Vi eira. *O dilema do decente malandro*. 3.ed. São Paulo. Cortez: Autores Associados, 1984.

Bibliografia Consultada

BILIOGRAFIA CONSULTADA

- 1 DE ROPP, Robert Sylvester. *As drogas e a mente*; Tradução de José Geraldo Vieira. 2º edição. São Paulo, IBRASA, 1976.
- 2 FAZENDA, Ivani (org). *Novos enfoques da pesquisa educacional*. São Paulo: Cortez, 1992.
- 3 GAOS, José. *Introducción a el ser y el tiempo de Martin Heidegger*. México: Fondo de Cultura Económica, 1996.
- 4 HEIDEGGER, Martin. *Todos nós... ninguém*. São Paulo; Moraes, 1981.
- 5 HUSSERL, Edmund. *A idéia da fenomenologia*. Lisboa: Edições 70, 1990.
- 6 LYOTARD, Jean-François. *O pós-moderno explicado às crianças*. 2 ed. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1993.
- 7 PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. SMED. Proposta Pedagógica da Educação Infantil. *Cadernos Pedagógicos*, n.15, Porto Alegre, 1999.
- 8 SILVA, Jorge Medeiros da. *Tóxicos: O que os pais devem saber*. São Paulo: Edições Paulinas. 8.ed., 1987.
- 9 VARELLA, Drauzio. *Estação Carandiru*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- 10 VIORST, Judith. *Perdas Necessárias*. São Paulo: Melhoramentos, 1993.

Anexos

Anexo A

ESCOLA MUNICIPAL PORTO ALEGRE

No caminho ao encontro com os Meninos, a pesquisadora conhece, em Porto Alegre, uma escola que lhe abre possibilidades, permitindo estar com as crianças:
ESCOLA MUNICIPAL PORTO ALEGRE - EPA.

A escola, que teve seu nome escolhido pelas crianças, iniciou suas atividades nas ruas, viadutos e praças de Porto Alegre, onde professores, trabalhando na Educação Social de Rua, estiveram com seus futuros alunos: crianças e adolescentes com história e trajetória de rua, excluídos, pelas suas características, da rede formal de ensino.

Foi oficialmente inaugurada em agosto de 1995, mantendo os mesmos objetivos de buscar "*alternativas para questões fundamentais para nossos alunos como: a violência sofrida e exercida, o trabalho/geração de renda e o abrigo/moradia, entre outros*". Jornal da EP A (1998, capa).

Vinculada à Secretária Municipal de Educação -SMED- e ao Serviço de Educação de Jovens e Adultos - SEJA- desenvolve uma proposta político/pedagógica comprometida "*com a escola de qualidade, com a construção do conhecimento, com os excluídos e com a transformação da realidade*". SMED (1998, p.07).

O acesso à escola é permanente, isto é, a matrícula é permitida em qualquer época do ano. A frequência não é obrigatória e a avaliação diária respeita as individualidades dos alunos. Na EP A a criança não é aprovada ou reprovada, e sim, avança ou permanece em uma das Totalidades oferecidas pela escola; de acordo com seu processo de aprendizado, o avanço pode dar-se em qualquer momento do ano escolar, independente de calendário formal de avaliações. As Totalidades de Conhecimento definem a importância do todo sobre as partes, baseadas na idéia de que " *o mundo material é dialético, isto é, está em constante movimento*". SMED (1997, p.24).

As totalidades 1,2, e 3, que buscam a construção psicogenética da língua escrita e a apropriação dos demais códigos, são oferecidas na *Escola Porto Alegre* nos turnos manhã ou tarde, que desenvolve atividades ligadas à informática, artes, oficina de papel, educação ambiental, dança, esportes, entre outras.

Nessa instituição, o aluno encontra, além das atividades citadas, um espaço para atendimento de necessidades básicas como alimentação, segurança, atenção e um grupo de professores(as) preocupados com a história de vida de cada criança ou adolescente.

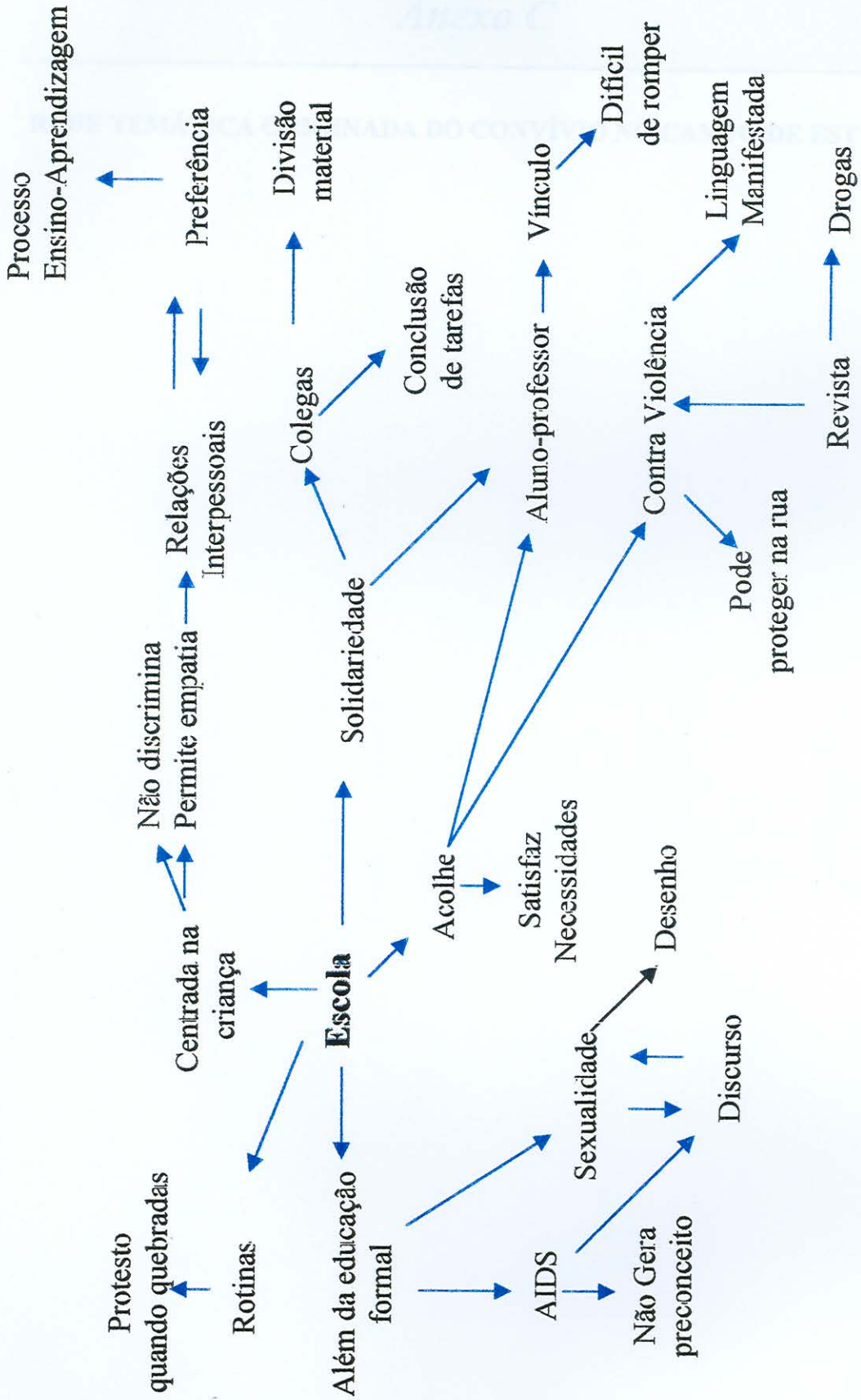
*Nossa turma aqui da EP A
Tem vontade de falar
Nossa história é pesada
Muita coisa vai mudar Os
problemas acontecem
Dá vontade de chorar A
esperança de lutar E a
coragem de lutar Banho,
sono, abrigagem
Retaguardas batalhar
Mas sentimos crescimento Já
dá prá comemorar Os
alunos tem sonhos De seus
sonhos conquistar
Dignidade e Justiça Não
vamos desesperar Nós
lutamos por espaços
Assessoria, reunião
Debatemos nossas falhas
Mas não temos ilusão De
que tudo se resolve Só com
fala sem ação Banho,
sono, abrigagem
Retaguardas batalhar*

(Canção apresentada no seminário de avaliação do SEJA! novembro 1997- SMED, 1998, p.18).

Anexo B

REDE TEMÁTICA ORIGINADA DO CONVÍVIO NO CAMPO DE ESTUDO

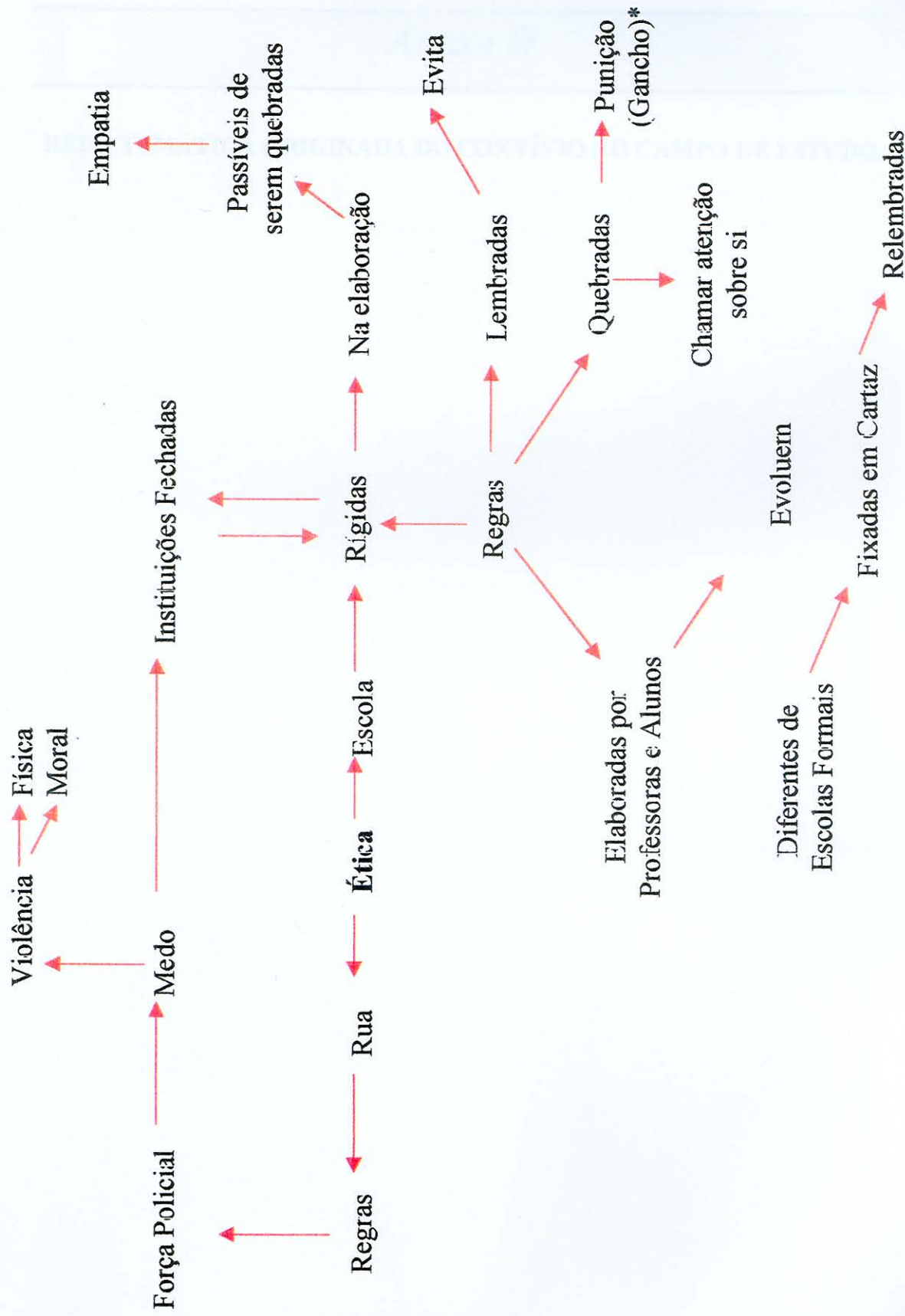
A Escola



Anexo C

REDE TEMÁTICA ORIGINADA DO CONVÍVIO NO CAMPO DE ESTUDO

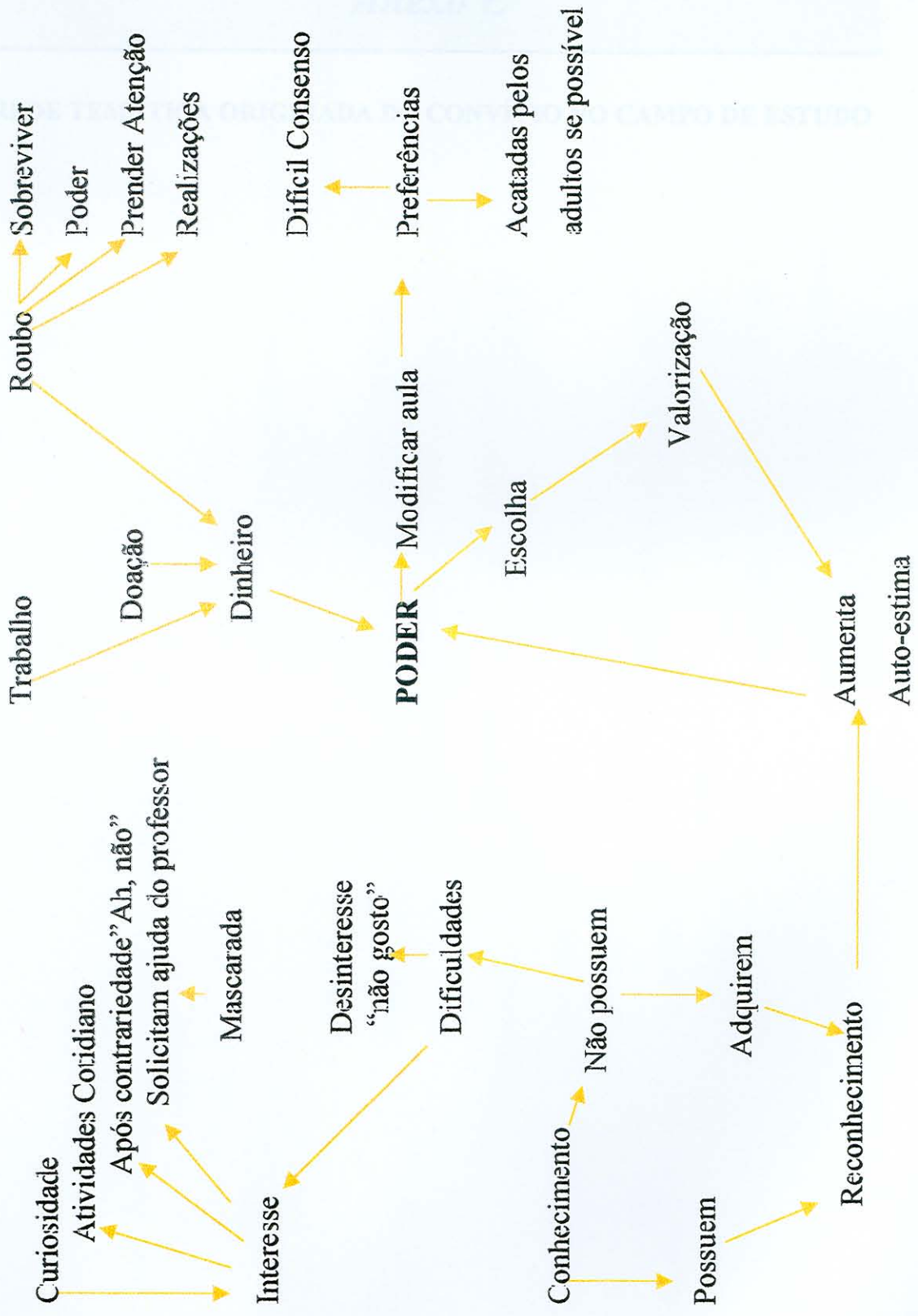
A Ética



Anexo D

REDE TEMÁTICA ORIGINADA DO CONVÍVIO NO CAMPO DE ESTUDO

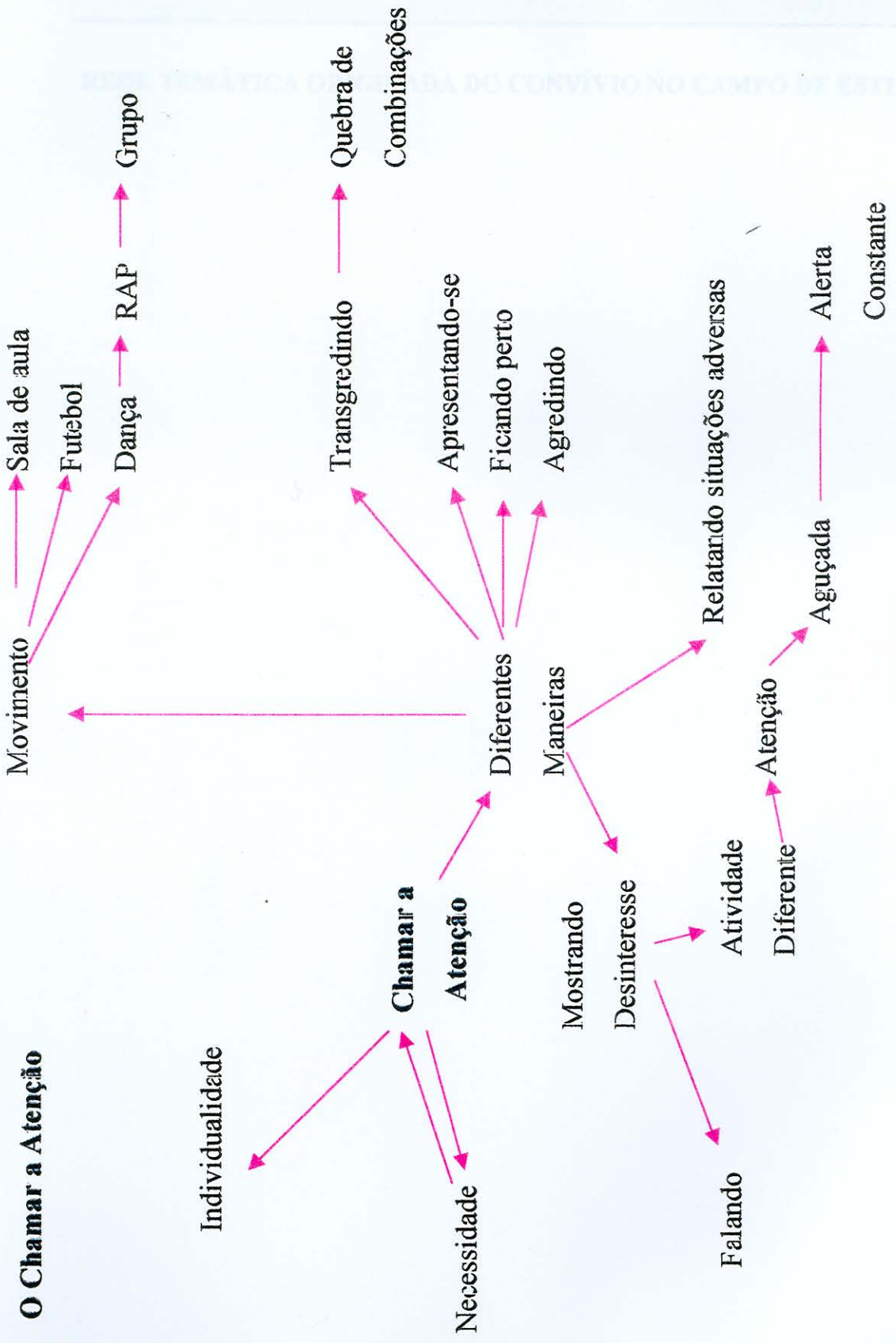
O Poder



Anexo E

REDE TEMÁTICA ORIGINADA DO CONVÍVIO NO CAMPO DE ESTUDO

O Chamar a Atenção



Anexo F

REDE TEMÁTICA ORIGINADA DO CONVÍVIO NO CAMPO DE ESTUDO

É visto com tristeza

Futuro

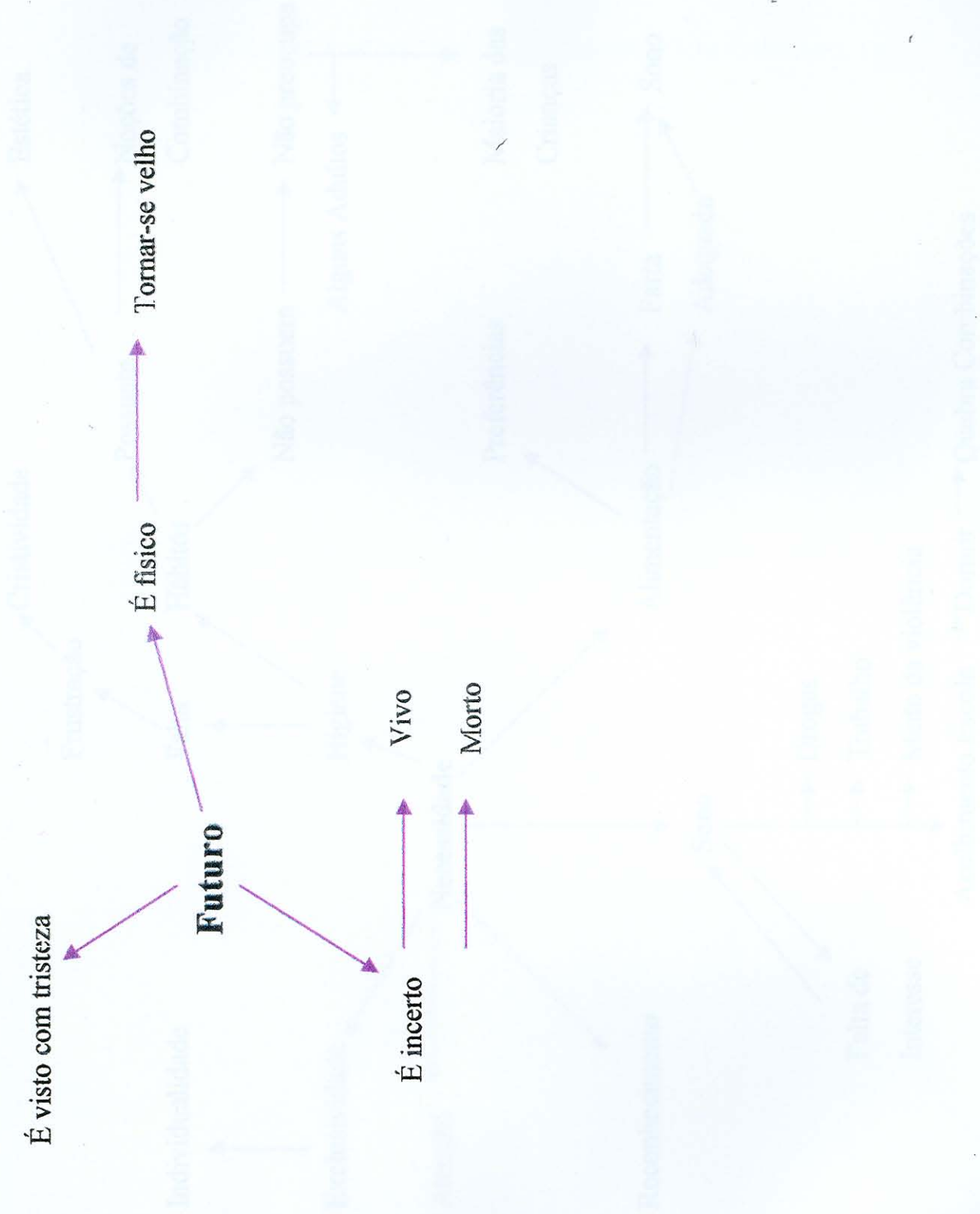
É físico

Tornar-se velho

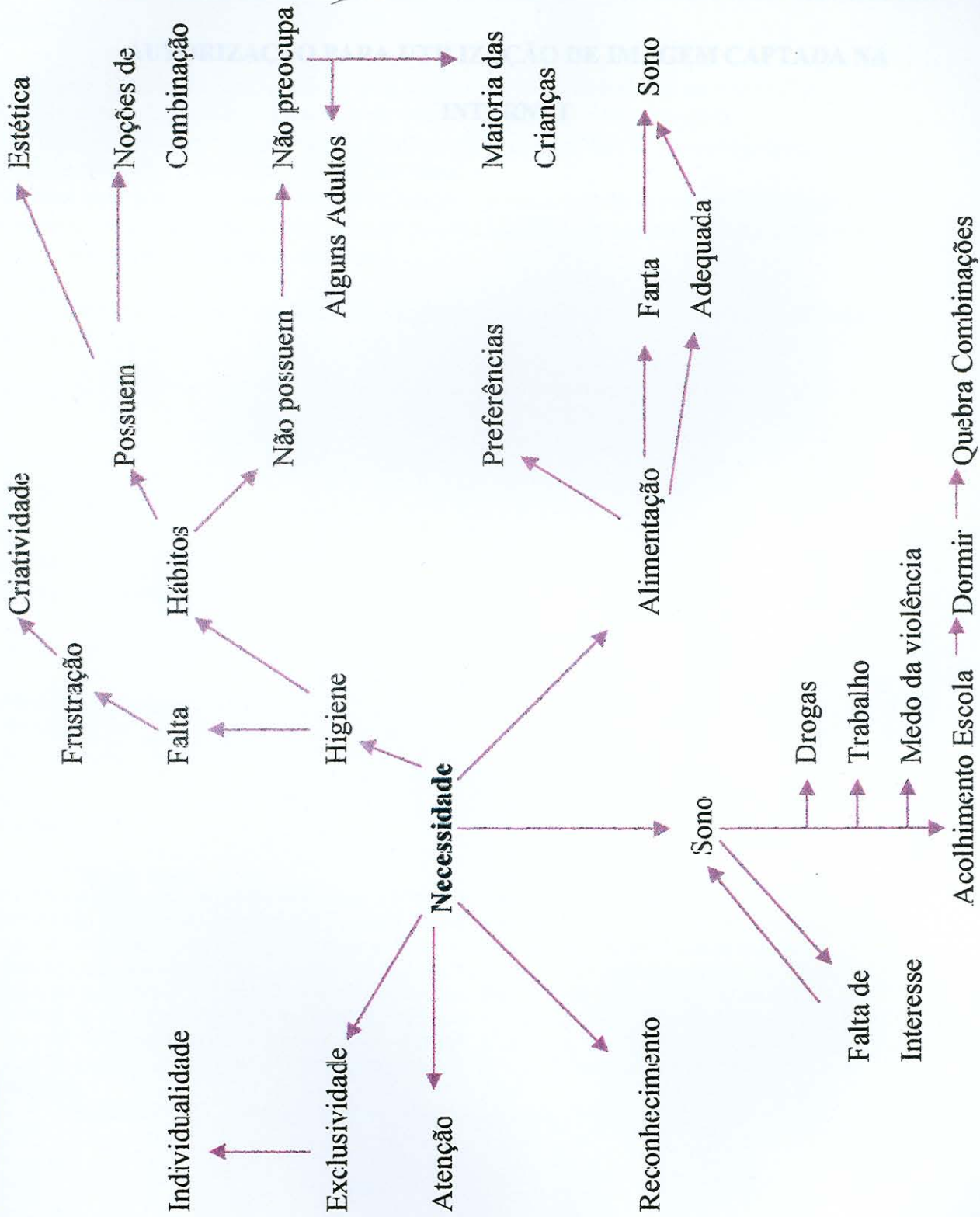
É incerto

Vivo

Morto



As Necessidades



Anexo G

AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DE IMAGEM CAPTADA NA INTERNET

Marques

De: Latuff <latuff@gbl.com.br>
Para: Enviada Marques <Mmaarrquueees@ig.com.br>
em: Assunto: terça-feira, 16 de maio de 2000 14: 18
Re: cartum

Prezada Anita,

Obrigado pela sua mensagem, seu interesse, e seu respeito em relação a meu trabalho. Sinta-se a vontade em utilizar quaisquer de meus trabalhos em sua dissertação.

Ficarei feliz em saber que estes cartuns estarão servindo como auxiliares num processo de esclarecimento sobre a violência policial no Brasil.

Peço a você que, por favor, durante a apresentação, forneça o endereço de minha página, e se possível meu email, para que outras pessoas possam também ter acesso a minha iniciativa e expressem seus pontos de vista a respeito.

E gostaria também de render minhas homenagens a você pela escolha de um tema tão relevante para todos.

Sinceramente,

Latuff

Latuff
Cartoonist
Rio de Janeiro - Brazil

-- Mensagem original---
De: Marques <
Para: <
Cc: <> Data: Domingo, 14 de Maio de
200018:26 Assunto: cartum

Prezado Latuff,

Meu nome é Anita, sou enfermeira e estou concluindo meu Mestrado em Enfermagem na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O tema da dissertação refere-se a meninos de rua, pois como enfermeira, acredito que minha área de trabalho ainda não está envolvida nesta questão. Entrevistando os meninos não me surpreendi quando a questão da violência policial emergiu de suas falas. Na busca de bibliografia encontrei tua entrevista no Jornal do GTNM de dezembro de 99. Gostaria de pedir-te autorização para reproduzir dois ou três cartuns da página da Internet. Eles seriam úteis no corpo da dissertação e também na confecção de lâminas para a defesa. Se puderes responder por e-mail, peço-te também autorização para anexá-lo no corpo do trabalho.

Agradeço e parablenizo-te pela sensibilidade e envolvimento nesta luta

Anita

Anexo H

MAPA DOS LUGARES FREQUENTADOS PELOS SUJEITOS



Mapa dos lugares freqüentados pelos sujeitos

Fonte: Adaptado pela pesquisadora

Anexo G

AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DE IMAGEM CAPTADA NA INTERNET

Marques

De: Latuff <latuff@gbl.com.br>
Para: Enviada Marques <Mmaarrquueees@ig.com.br>
em: Assunto: terça-feira, 16 de maio de 2000 14: 18
Re: cartum

Prezada Anita,

Obrigado pela sua mensagem, seu interesse, e seu respeito em relação a meu trabalho. Sinta-se a vontade em utilizar quaisquer de meus trabalhos em sua dissertação.

Ficarei feliz em saber que estes cartuns estarão servindo como auxiliares num processo de esclarecimento sobre a violência policial no Brasil.

Peço a você que, por favor, durante a apresentação, forneça o endereço de minha página, e se possível meu email, para que outras pessoas possam também ter acesso a minha iniciativa e expressem seus pontos de vista a respeito.

E gostaria também de render minhas homenagens a você pela escolha de um tema tão relevante para todos.

Sinceramente,

Latuff

Latuff
Cartoonist
Rio de Janeiro - Brazil

-- Mensagem original---
De: Marques <
Para: <
Cc: <> Data: Domingo, 14 de Maio de
2000 18:26 Assunto: cartum

Prezado Latuff,

Meu nome é Anita, sou enfermeira e estou concluindo meu Mestrado em Enfermagem na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O tema da dissertação refere-se a meninos de rua, pois como enfermeira, acredito que minha área de trabalho ainda não está envolvida nesta questão. Entrevistando os meninos não me surpreendi quando a questão da violência policial emergiu de suas falas. Na busca de bibliografia encontrei tua entrevista no Jornal do GTNM de dezembro de 99. Gostaria de pedir-te autorização para reproduzir dois ou três cartuns da página da Internet. Eles seriam úteis no corpo da dissertação e também na confecção de lâminas para a defesa. Se puderes responder por e-mail, peço-te também autorização para anexá-lo no corpo do trabalho.

Agradeço e parablenizo-te pela sensibilidade e envolvimento nesta luta

Anita

Anexo H

MAPA DOS LUGARES FREQUENTADOS PELOS SUJEITOS



Mapa dos lugares freqüentados pelos sujeitos

Fonte: Adaptado pela pesquisadora

